



MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE
2003



37ª edição
(texto da edição crítica)

**JOSÉ AMÉRICO
DE ALMEIDA**
A BAGACEIRA

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

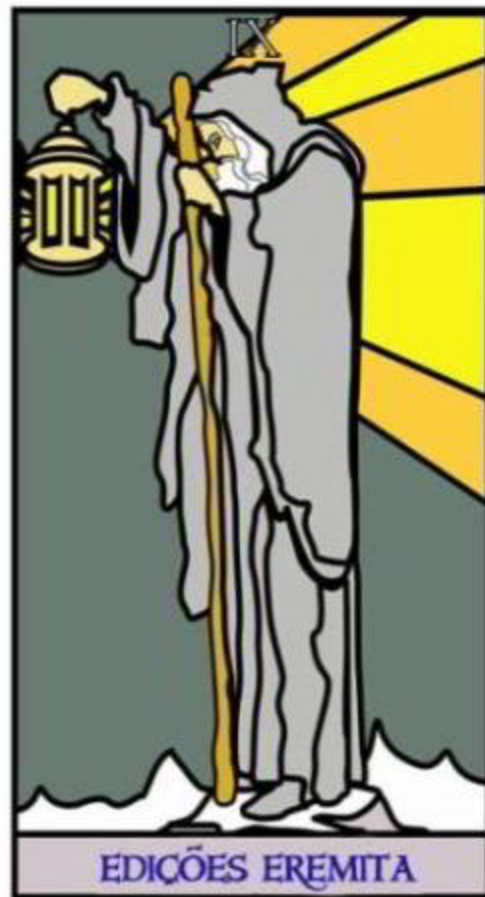
Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BIBLIOTECA DO EREMITA



EDIÇÕES EREMITA

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA
(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

A BAGACEIRA

Introdução:
M. CAVALCANTI PROENÇA

Ilustrações:
POTY

37.^a edição
(texto da edição crítica)

Romance

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

© Fundação Casa de José Américo, 1980

Reservam-se os direitos desta edição à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 - 1o
andar - São Cristóvão
20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - República Federativa do Brasil
Printed in Brazil | Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00231-0

Capa:

POTY

Criação do EPUB:

EREMITA

Este e-book foi revisado em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Almeida, José Américo de, 1887-1980.

A448b A bagaceira: romance / José Américo de Almeida; introdução M. Cavalcanti Proença; ilustrações Poty. - 37a ed. com texto revisto da ed. crítica. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

Dados biobibliográficos do autor.

Inclui glossário por Ivan Cavalcanti Proença e José Américo de Almeida. 1. Romance brasileiro. I. Poty. 1924-1998. II. Título.

04-0946

CDD - 869.93

CDU-869.0(81)-3

Sumário

CAPA

Folha de Rosto

Créditos

ANTES QUE ME FALEM

OS SALVADOS

DUAS ALMAS NUM SÓ CORPO

DA ROLADEIRA AO EITO

UMA HISTÓRIA QUE SE REPETE

NEM DRÍADAS NEM HAMADRÍADAS

A CICATRIZ

MORITUR ET RIDET

O RETRATO

NA BAGACEIRA

A VERTIGEM DAS ALTURAS

AMOR, LEI DA NATUREZA

GENTE DO MATO

CHUVA COM SOL

ENTREVER É PIOR DO QUE VER

NO TURNO DE ÓDIO E DE SAUDADE

ATIROU NO QUE VIU

VISÕES DA NOITE VELHA

UMA SERENATA DE CIGARRAS

PAI E FILHO

O JURAMENTO

FESTA DA RESSURREIÇÃO

OS CENTAUROS

MAIS FORTE DO QUE O AMOR

NA CIDADE VERDE

O JULGAMENTO
SOMBRAS REDIVIVAS

ANTES QUE ME FALEM

Há muitas formas de dizer a verdade. Talvez a mais persuasiva seja a que tem a aparência de mentira.

*

Se escapar alguma exaltação sentimental, é a tragédia da própria realidade. A paixão só é romântica quando é falsa.

*

O naturalismo foi uma bisbilhotice de tropeiros. Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem.

*

A alma semibárbara só é alma pela violência dos instintos. Interpretá-la com uma sobriedade artificial seria tirar-lhe a alma.

Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã.

É um livro triste que procura a alegria. A tristeza do povo brasileiro é uma licença poética...

*

Os grandes abalos morais são como as bexigas: se não matam, imunizam. Mas deixam a marca ostensiva.

O regionalismo é o pé-do-fogo da literatura... Mas a dor é universal, porque é uma expressão de humanidade. E nossa ficção incipiente não pode competir com os temas cultivados por uma inteligência mais requintada: só interessará por suas revelações, pela originalidade de seus aspectos despercebidos.

*

O amor aqui é um tudo-nada de concessão lírica ao clima e à raça. É um problema de moralidade com o preconceito da vingança privada.

*

Um romance brasileiro sem paisagem seria como Eva expulsa do paraíso. O ponto é suprimir os lugares-comuns da natureza.

A língua nacional tem rr e ss finais... Deve ser utilizada sem os plebeísmos que lhe afeiam a formação. Brasileirismo não é corruptela nem solecismo. A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir...

*

Valem as reticências e as intenções,

O ROMANCISTA

OS SALVADOS

Findo o almoço — podiam ser 9 horas — Dagoberto Marçau correu à janela, que é uma forma de fugir de casa, sem sair fora de portas, como se o movesse uma grande curiosidade. Mas, debruçado, apoiou o queixo na mão soerguida e entrefechou os olhos, num alheamento de enfado ou displicência.

Vivia ele, desse jeito, entre trabalheiras e ócios, como o homem-máquina destas terras que ou se agita resistentemente ou, quando para, para mesmo, como um motor parado.

Como que cobrara medo ao vazio interior. Não há deserto maior que uma casa deserta.

Entrava afobado, comia, ou, antes, engolia, de cabeça descaída, o repasto invariável e ou saía de golpe ou ficava a espiar para fora.

A presença do filho recém-chegado, em férias, não lhe modificava essa impressão. Em vez de confortar-lhe o abandono, agravava-o, mais e mais, como uma sombra intrusa.

Lúcio voltou da cachoeira com a toalha enrolada na cabeça, como um turbante.

Levantou o braço num gesto de quem mais parecia dar do que pedir a bênção. E foi, por sua vez, sentar-se à mesa, Não se defrontavam, sequer, nesse ponto de comunhão familiar, onde as almas se misturam numa intimidade aperitiva. Forravam-se, assim, ao constrangimento dos encontros calados ou das conversas contrafeitas e escassas.

A casa-grande, situada numa colina, sobranceava o caminho apertado, no trecho fronteiro, entre o cercado e o açude.

Num repentino desenfado, Dagoberto estirou o olhar, por cima das mangueiras meãs enfileiradas ladeira abaixo, para a estrada revolta.

Parecia a poeira levantada, a sujeira do chão num pé-de-vento.

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos — esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar.

Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidrópicos — doentes da alimentação tóxica — com os fardos das barrigas alarmantes..

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.

Meninotas, com as pregas da súbita velhice, careteavam, torcendo as carinhas decrépitas de ex-voto. Os vaqueiros másculos, como titãs alquebrados, em petição de miséria. Pequenos fazendeiros, no arremesso igualitário, baralhavam-se nesse anônimo aniquilamento.

Mais mortos do que vivos. Vivos, vivíssimos só no olhar. Pupilas do sol da seca. Uns olhos espasmódicos de pânico, assombrados de si próprios. Agônica concentração de vitalidade faiscante.

Fariscavam o cheiro enjoativo do melado que lhes exacerbava os estômagos jejunos. E, em vez de comerem, eram comidos pela própria fome numa autofagia erosiva.

Lúcio almoçava com o sentido nos retirantes. Escondia côdeas nos bolsos para distribuir com eles, como quem lança migalhas a aves de arribação.

A cabroeira escarninha metia-os à bulha:

— Vem tirar a barriga da miséria...

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas.

A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo.

Lúcio responsabilizava a fisiografia paraibana por esses choques rivais. A cada zona correspondiam tipos e costumes marcados.

Essa diversidade criava grupos sociais que acarretavam os conflitos de sentimentos.

Estrugia a trova repulsiva:

*Eu não vou na sua casa,
Você não venha na minha,
Porque tem a boca grande,
Vem comer minha farinha...*

Homens do sertão, obcecados na mentalidade das reações cruentas, não convocavam as derradeiras energias num arranque selvagem.

A história das secas era uma história de passividades. Limitavam-se a fitar os olhos terríveis nos seus ofensores. Outros ronronavam, como se estivessem engolindo golfadas de ódio.

E nas terras copiosas, que lhes denegavam as promessas vistoriadas, goravam seus sonhos de redenção.

Dagoberto olhava por olhar, indiferente a essa tragédia viva.

A seca representava a valorização da safra. Os senhores de engenho, de uma avidez vã, refaziam-se da depreciação dos tempos normais à custa da desgraça periódica.

O feitor alvitrava a admissão dos retirantes:

— Paga-se pouco mais ou nada...

Mas Dagoberto escarmentava a convergência molesta. Desafogava a fazenda da superpopulação imprestável, consignada à caridade pública.

À vista do bueiro fumegante que sujava o céu estivo, a matula espectral detinha-se esperançosa. E ficava a espiar a casa do engenho como uma grande essa armada no negrume do teto velho.

Alguns faziam menção de subir. Mas logo desandavam, aos tombos, na mobilidade incerta.

De quando em quando, um magote vingava o socialco. Chegavam mastigando em seco, para enganar a fome, nas mais grotescas atitudes da miséria.

Dobravam-se os joelhos, não como pedinchões. Genufletiam moídos de fadiga.

Não se carpam, como se estivessem realizando um destino irremediável. Nem, sequer, lavavam com lágrimas as caras poentas.

Escorraçados, retrocediam, arquejantes, sem uma queixa.

E, desengonçando-se, de déu em déu, numa marcha esquecida, o rebotalho errante ia atulhar as feiras, malignar as cidades.

Dagoberto despercebia-se do desfile macabro. A seca infundia-lhe um sentimento contrastante.

Era uma inquietação seródia, como a brasa remanescente que procura acender o cinzeiro.

Num período de vida em que o homem realiza o que sonhou, ele voltava a sonhar. Amor — pólvora que se acaba com a primeira explosão. Amor que sabe a frutos apodrecidos. Era como o caminheiro que., fatigado da jornada, estuga o passo para chegar antes de anoitecer.

Beirava uma idade em que o instinto sexual instigado se difunde por todos os sentidos e é mais imaginação que materialidade, como a saudade do que se não gozou. Crise das uniões retardatárias.

Havia coisa de 18 anos, inveterava-se na viuvez desconfortada, por uma jura indiscreta:

— Mas eu não encontro outra mulher assim...

E gabava-lhe com minúcias de formas os caracteres da beleza e as prendas ocultas:

— Mulherão! mulherão!

Os dias do campo decorriam-lhe recreativos. Mas, à noite, quando as portas se cerravam, cerrava-se-lhe o coração.

A solidão entretinha intimidades desiguais. Admitia o feitor em suas confidencias:

— Qual o quê! O senhor encruou... Se duvidar, com esse calibre é capaz de passar a perna em seu Lúcio.

A mata fronteira, o padrão majestoso, estava acesa numa cor de incêndio.

Havia uma semana, surdira um toque estranho na monotonia da verdura. Dir-se-ia um ramo amarelido à torreira da estação.

Dominava ainda a esmeralda tropical. Mas, com pouco, emergira o mesmo matiz em outro trecho vizinho, como um efeito de luz, um beijo fulgurante do sol em árvore favorita. E, logo, o pau-d'arco assoberbou a flora, como um banho de ouro na folhagem.

Nessa manhã luminosa a mata resplandecia com uma orgia de desabrocho em sua pompa auriverde.

Sem a percepção da paisagem, com a sensibilidade obtusa e entorpecida aos primores da natureza, Dagoberto inquietava-se, pela primeira vez, perante o ouro que frondejava. Parecia-lhe que o sol tinha baixado sobre a selva fulva.

Era, talvez, a cor que lhe suscitara o interesse chambão. As pétalas áureas...

E semicerrou, novamente, os olhos descuriosos.

Senão quando, foi despertado por uma voz sumida que o sobressaltou. Não notara o acesso de outro grupo de retirantes.

Importunavam-no os intrusos, cortando-lhe o fio dos cálculos da colheita ou de alguma cisma transitória.

Pediam-lhe uma poisada. Ele abanou a cabeça negativamente. E os ádvenas quedaram-se esmorecidos pelo repouso momentâneo. Irritava-se perante essa insistência muda.

Saiu para enxotá-los e, como visse que traziam um cavalo, contra os hábitos dessa peregrinação, aferrou-se, cada vez mais, na recusa.

Suspeitou que se tratava de gente de certa condição, incapaz de uma atividade útil.

De fato, suas maneiras inculcavam a mediania despenhada no turbilhão da seca. Um ar mais de decadência que de humildade.

E, como era de seu natural, o senhor de engenho não encarava essas figuras ressequidas. Talvez tivesse medo de comover-se. Ou o olhar para o seu conceito da autoridade era uma excessiva benevolência.

E esbravejou:

— O que já disse está dito!

Nisto, desmontou-se uma rapariga e, com a vozita soprada:

— Se o senhor pudesse mandar alcançar-me um pouco d'água...

Ele examinou-a através das pestanas cerdosas e ficou com a fisionomia suspensa, como quem reconstitui uma visão ou evoca um fato.

— Milonga, olha aqui!

E, enquanto a retirante segurava o copo com os dedos murados, interpelou, indicando um rapaz que a acompanhava:

— São irmãos?

— Senhor não; mas, é como se fosse — respondeu o mais velho que procurava esconder a cara na barba intonsa.

Seguiram caminho.

— Manuel Broca! Ma-nuel!

Chegou o feitor. E Dagoberto, apontando o grupo que se distanciava:

— Arranche aquela gente.

E entrou a ir e vir, em longos passos frouxos, no seu hábito de marchar para um ponto que lhe estava mais na imaginação do que no espaço.

DUAS ALMAS NUM SÓ CORPO

Tão depressa percebeu o insólito acolhimento dos retirantes. Lúcio não se teve em si: picado de curiosidade, foi direito aonde eles estavam.

Entrou na estrebaria, como quem entra num quarto de doente:

— Meu velho...

— Valentim Pedreira, um seu criado. Não ouviu falar em Valentim do Bondó?

— Seu Bondó... isto é pra cavalo!

— Não tem nada não, moço: a gente vai pra debaixo do pé-de-pau e o animal fica aqui.

E, procurando comunicar essa resignação aos companheiros:

— Não é, Soledade? Você não vai, Pirunga?

A rapariga tinha ocultado a face entre os braços, numa atitude de acanhamento ou de fadiga, debruçada, molemente, no cavalo que, a esse contato, estremecia, com uns frêmitos que a sacudiam, como se estivesse soluçando.

Acudindo à voz do pai, voltou-se, com os olhos acesos e verdes — quanto mais acesos mais verdes! — de uma luz febril que parecia esfumaçar o círculo das olheiras.

— Pensei que estivesse chorando... — falou-lhe o estudante, reparando-lhe na sensibilidade do corpo desfeito, de graças consumidas.

Soledade conchegou os trapos que mal lhe disfarçavam a beleza magra.

E Valentim estranhou:

— Chorando de quê?! Ninguém é olho-d'água pra viver revendo...

Manuel Broca estava, nesse dia, com veia de adúlão.

Lúcio intercedia:

— A seca estancou-lhe até as lágrimas... Só lhe resta o olhar de fogo-fátuo...

E o feitor secundava:

— Não tem que ver um espeto; não tem onde se dar um beliscão.

Só falta mesmo voar...

Afinal anuiu:

— É de se dar um jeito. Toma-se o mocambo de Xinane...

* * *

Intimado a deixar a palhoça que ajudara a levantar, o caboclo coçou a cabeça e correu à casa-grande, com o chapéu debaixo do braço:

— Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não enjeito parada: sou um burro de carga. Mas porém, nascer pra estrebaria não nasci.

Dagoberto não quis saber de mais nada:

— Pois, por ali, caabra ssafado! Você não nasceu pra estrebaria que é de cavalo de sela: nasceu foi pra cangalha!

Xinane continuou a coçar a cabeça, como se procurasse despertar uma ideia:

— A gente bota um quinguingu; quando é agora, o patrão, sem quê nem mais...

E, implorativamente:

— Quando acaba, foi a caseira arranhando com o caco de enxada. Patrão, minha rocinha, atrás do rancho! E a rebolada de cana!...

— O que está na terra é da terra!

Era essa a fórmula de espoliação sumaríssima.

— Patrão, mande suas ordens. Dá licença que leve os troços?

E o caboclo saiu, levando os cacarecos num braçado e 400 anos de servilismo na massa do sangue.

Lúcio culpava-se desse desfecho de sua sentimentalidade incoerente. E interveio:

— Meu pai, não amasse o seu pão com o suor dos pobres.

Milonga interpôs-se. As galinhas gritavam, como se estivessem vendo cobra.

O estudante ainda percebia, entre outros ralhos:

— É o que lhe digo de uma vez por todas!

E, escoando-se, internou-se, à toa, na picada dos lenhadores, que se afigurava uma recente violação da mata virgem, até a antiga espera do veado, onde costumava espaiar-se, horas a fio, forrando-se aos atritos amiudados.

Nessa contemplação excitada, espiritualizava as formas mais grosseiras da natureza arbitrária.

Mas, ao cabo, já se não comprazia com o recesso acolhedor.

Procurava uma impressão que lhe pacificasse o espírito e a selva bruta dava-lhe a ideia de um conflito. Árvores deitadas sobre árvores.

Deforquididades de corpos humanos. Plantas corcundas com as copas no chão. Cipós enforcando troncos veneráveis.

Sob o guarda-sol da folhagem esbelta, os arbustos conformavam-se com a condição rasteira. Precisavam da sombra protetora...

Mas, no afogo da ramalheira, um vegetal franzino insurgia-se contra a obscuridade. E perdia o porte natural, insinuando-se, afilado e trêmulo, através da penumbra, alçando-se atrás da luz alta.

Essa visão angustiosa mostrava-lhe como os acessos da inteligência afinam a sensibilidade.

Bem lhe dizia o pai:

— Hoje em dia não se guarda mais na cabeça: só se deve guardar nas algibeiras.

Não era somente a negação da solidariedade vegetal — a dominação da seiva, como o capital da flora. Bichos que não o conheciam corriam dele, como de um inimigo nato da criação. Até os saguins largavam a baunilha recendente. E viu a mata arroxeadada pela floração dos espinheiros e das sucupiras. Só distinguia essa tonalidade fúnebre.

O próprio pau-d'arco, que se despira de folhas para se cobrir de ouro, era um garrancho miserável, sem, sequer, o vestido verde das outras árvores.

E temeu-se de que os cipós insidiosos que pendiam em trancas se lhe enroscassem no corpo dolorido, prendendo-o à solidão hostil.

Voltou, mais que depressa, para casa. Recolheu-se ao quarto, galgando a janela do oitão, para não ser pressentido.

Trancou-se por dentro, como prisioneiro de si mesmo.

E meteu-se na rede que, parada, é feita para se dormir; mas, aos embalos, a voar, é feita para se sonhar.

Lembrou-lhe o martírio infligido a Seu-bem, um cãozito amarelo com a cauda enroscada como um imbuá, que estivera preso, ali dentro, uma semana, sem comer.

Pungia-o esse remorso.

Pendurara um pedaço de charque à altura de três metros. E ia ver pelo buraco da fechadura as acrobacias do cadelo esfomeado: primeiro, saltava para alcançar o bocado; depois, mais fraco, pulava e caía; afinal, só levantava a cabeça, mirando a carne inatingível.

Quando o gozo gania, ele abria a porta e passava-lhe manteiga no focinho.

Ocorriam-lhe outros malfeitos de menino arteiro: deitava sal no dorso leitoso dos cururus; mudava de ninho os passarinhos nuelos...

Convocava, nessa superexcitação, todos os episódios da infância indócil.

Acudiam-lhe as reminiscências, como um enxame assanhado.

Órfão de mãe, ao nascer, a natureza criara-o vivaz e livre, como um selvagenzinho folgazão.

Não sentira a soledade de unigênito. Crescera de cambulhada com os moleques da bagaceira, garotos de uma malícia descarada.

E recordava-se da violenta transição desses hábitos de liberdade.

O colégio fora o viveiro com duzentos bicos comendo no mesmo cocho e bebendo na mesma água. O corrução que come mole sujando as penas do canário gentil. A patativa cantando com a araponga.

Estava a toda hora com todo o mundo; só não tinha direito de ficar só, de estar consigo mesmo. Fora o silêncio aterrador de duzentas bocas que se abriam, no refeitório, sem falar. O silêncio indiscreto do dormitório. Fora a babel de duzentas meias-línguas no recreio.

Nesse convívio de portas fechadas, o relógio tinha mais vontade do que a sua natureza: era o horário do sono e da fome.

A disciplina constituía um sistema de inibições escusadas.

Extraía-se a personalidade, como se extrai um dente podre. Era a forma, dois a dois, como animais jungidos.

Os longos silêncios regulamentares incutiram-lhe o vezo das meditações intranquilas.

E fora, ao mesmo passo, amolecendo a inteligência com leituras secretas. Noitadas de romances angustiados, debaixo dos cobertores, à luz dos lampiões vigilantes.

A liberdade acadêmica agravara-lhe essa sensibilidade. Duas cadeiras de... réu para ser julgado no fim do ano. A filosofia impérvia como a mata de Marzagão com o cipoal de todos os sistemas enredado no fenomenismo catedrático. O Direito Romano (católico, apostólico, romano...) do professor Neto. (Em Roma só havia o Papa...)

Trocara a luz da inteligência por duas velas acesas: uma ao Corpus Júris, conservado na água benta do mestre e a outra ao inferno filosófico do dr. Laurindo...

Depois, um Portela, surdo como a corruptela de seu nome; um Virgínio constitucionalista...

Conservava o horror do trote que era a forma menos equina de falta de espírito.

Formalizara-se plagiando Fagundes Varela, com a mão espalmada nos olhos:

— O homem moderno mede-se daqui para cima.

E, como a cabeça era a única zona beligerante, aplicaram-lhe alguns piparotes e, por um nada, não lhe deram marradas.

Mudando a vista, notou uma data escrita a lápis encarnado na cal encardida: 12-4-95.

Tentou apagá-la, remordido por essa lembrança. E, para esquecê-la, levantou-se e entrou a garatujar, displicentemente, como se uma lesma passasse pela parede:

Eu chorava, de manhãzinha, quando os passarinhos começavam a cantar — chorando, que é a forma mais alegre de criança falar. E Milonga: "Cabeleira'i vem, matando meninos"... Encolhia-me, ficava pequenininho, para o bicho não me achar... E, hoje, nem posso ficar pequeno para o mundo não me ver.

*

Não gostava de ser menino. Minha vontade era ser homem feito. E, agora, este buço parece o luto de minha infância que morreu.

Eu sofria na minha inocência com pena dos bichos que se amavam. Amor de arranhaduras, de coices e de dentadas. E, enfim, creio que os beijos doem muito mais.

* * *

E tornou à rede servil que, nos vaivéns, se lhe afeiçoava à índole voltaria.

Flutuavam-lhe sentimentos incompletos no tropel da alma desarmônica.

Afundava-se na análise íntima, como alguém que procurasse reconhecer-se na própria sombra. Mal sabia ele que o espelho nos familiariza com a imagem física, mas nenhum homem se identificaria, se se encontrasse em pessoa.

Tapava os ouvidos para escutar a voz recôndita.

* * *

Esse abuso de introspeção exaltava-se nas tendências discordantes. E disqueteava consigo mesmo com o entendimento das duas faces opostas do mesmo eu. Conversava com o silêncio; tinha a audição do invisível.

Recolher-se é voltar-se contra si próprio. E sobrevinha-lhe o remorso que é o narcisismo dos pessimistas.

Comparava-se à criança que recusa a comida, rola no chão, chora, rouco, escoriado, para se desferrar. . E ele, a curtir essa crise moral, rebolando o espírito atormentado, por um revide parecido com a greve da fome...

Estava farto de ainda não ter vivido.

De uma rebeldia inativa retraía-se da luta pela vida, como quem estaciona à margem do caminho para dar passagem a um desconhecido.

Na solidão rural só abria a boca para bocejar.

Fora tudo cantava. Até o carro de boi sob os fardos arrobados: quanto mais pesado, mais cantava.

Ele profanava com essa tristeza ociosa a alegria gritante da natureza tropical.

Costumava dizer que suas ações não tinham equilíbrio porque o coração lhe pesava mais do que a cabeça. Parecia-lhe o contrapeso da hereditariedade promíscua.

Uma réstia de sol cortava perpendicularmente a penumbra do aposento, como uma flecha luminosa.

Passou a observar a poeira invisível girando na fita de luz.

O ambiente era aparentemente limpo; mas essa projeção exibia toda a impureza suspensa em partículas no ar.

Um raio tênue desvendava-lhe os mistérios de sua inquietação.

Antes tivesse permanecido na obscuridade despercebida: a inteligência revelava-lhe todas as anomalias da constituição excêntrica.

Criança, tivera pavor às trevas em que Milonga o deixava; homem feito, tinha medo da luz.

E exercitava um dom de piedade, além dos limites humanos.

Sua bondade pródiga, mal-empregada, desassossegava-se com o martírio trivial da seca quê se reproduzia ciclicamente.

Essa assistência distraía-o, às vezes, do conflito secreto. Era a satisfação de tirar do sofrimento alheio um motivo de alegria íntima, a consciência de ser bom. Um meio de esquecer a própria dor para sofrer a dor dos outros.

* * *

Nisto, cortou os ares do Marzagão um silvo extraordinário, como se todas as cigarras estridentes tivessem ensandecido num só grito.

Um sibilo demoníaco!

Era o assobio dos moleques da bagaceira, com dois dedos na boca. Só se ouvindo. A molecagem na sua expressão mais safada: fi-iiiiú-iú-iii...

Parecia uma patuscada de gorilas vadios. O estalido das galhofas infernais.

Estralejava o apito agudo, a canalhada de sete fôlegos; fi-fi-iú-iúíú...

Lúcio, suspeito, saltou a janela.

E, em sua dúplice organização moral, em sua sensibilidade contraditória, ria-se e comovia-se.

Era um retirante que levava a mãe inválida escanchada no pescoço.

Já tão falto de forças, não tinha outro meio de carregá-la.

Acuado pela surriada vexatória, fraqueava. Passou-lhe uma nuvem pelos olhos. Desequilibrou-se. E ambos, mãe e filho, caindo de borco, beijaram, sem querer, a Terra da Promissão...

DA ROLADEIRA AO EITO

— Chá... tchá... chá... tchá.

Era um pássaro madrugador que anunciava a antemanhã, primeiro que o galo-de-campina, que toda a orquestração das matinas. Um xexéu desgraçoso, cor das barreiras enferrujadas, a que os escravos davam caça, a bodoque, nos dias de folga, porque — regulador que não se atrasa — lhes marcava, pontualmente, o início das tarefas diárias.

O feitor, como ainda chamam a esse arauto importuno, pegava no estribilho temporão, tirando do sono a cabroeira extenuada, como contratado pelo senhor rural: chá... tchá...

Não era um canto: era um grito. E, de longe, soava, imperativamente: já... já... jájá...

— E por que não oferece café? — replicavam os trabalhadores jejunos.

Assim que o xexéu entrou a gritar, Manuel Broca berrou no terreiro dos sertanejos:

— É hora, cambada! Levanta pra pegar!

Pirunga respondeu do engenho, onde pernoitava.

E lá se foram os dois, de enxadas, não ao ombro, à maneira dos brejeiros, mas sobraçadas, como quem leva a vara de ferrão. Era a mesma hora em que costumavam soltar as vacas curradeiras.

Pensando que iam campear, Pegali saiu atrás.

Ao quebrar da barra — a arraiada ainda hesitante.

Pirunga espiava a lua azul, como uma bola de anil, cuidando que era o sol nascente.

Pegaram na limpa da cana recém-nascida que sombreava de verde a terra preta.

João Troçulho lamentava que não fosse cana madura. As folhas velhas cortavam-lhe a cara, mas, quando o feitor dava as costas, ele se agachava e mordida com casca e tudo, feito guaxinim.

Os trabalhadores curvados sobre as enxadas formavam um magote de corcundas infatigáveis. Mantinham, assim, a atitude natural do servilismo hereditário.

Manuel Broca feitorizava:

— Aguenta o toco! Sustenta o rojão!

E, forçando um mais zorreiro a deitar a alma pela boca:

— Cabra encostão! Está remanchando, manzanza?!

Estimulava outro que nada mais podia dar de si:

— Quero ver, cabra enxadeiro!

O mesmo jugo do capataz; a mesma disciplina do trabalho servil.

Havia alguns tipos sólidos, encorpados, de troncos fornidos -cada animalão que era um milagre de resistência. Outros, de aparência acabadiça, parecia que não podiam com a enxada; mas, faziam das fraquezas forças e davam conta da tarefa com o mesmo vigor hercúleo.

Pegali rosnava no aceiro assediado por uma cainçalha agressiva.

Não havia gozo cobarde que não quisesse ir a ele.

O cão destemeroso, afeito a dependurar-se no focinho dos barbatões ferozes, tinha o rabo entre as pernas, pegado na barriga.

Fazia pouco na canzoada hostil. Não avançava, nem fugia. Ficava onde estava, a morder o pé bichado.

E os retirantes certificavam-se de que, entre brejeiros e sertanejos, nem os cachorros se davam.

As enxadas ronceiras tiniam na crosta endurecida, virgem da exploração mecânica.

Culturas mesquinhas deformavam a terra pródiga. Eram arranhaduras superficiais, em vez de lhe rasgarem as entranhas para as fecundações profundas. O solo maltratado pelas colheitas sucessivas, sem suprimentos nem tréguas, porque era tido em conta de incansável, como o homem, afeava-se nesse regime depauperante.

Lúcio insistia pela introdução da técnica agrícola. Com os fumos de noções práticas, adquiridas no vale do Paraíba e em usinas de

açúcar de Pernambuco, intentava aplicar outros processos de aproveitamento.

Sabia que se transformavam terras inférteis em oásis. E via o seu oásis tornar-se sáfaro.

Conhecendo que os trechos exaustos já pouco davam de si, indicava uma área mais repousada nas extremas do latifúndio, terrenos lavradios com fome de sementeiras:

— Na grotta funda a cana é de virar.

O senhor de engenho não ia com essas ideias:

— Naquele mundão? Vá carregar!...

E o rapaz, mostrando a cana nodosa e curta:

— O senhor prefere esse sapé. É mais leve e está em cima do engenho...

Essas intromissões na economia rural o incompatibilizavam, cada vez mais, com o gênio do pai.

Mas, ele tinha a intuição da sensibilidade da terra.

Via a broca, como rasgões na paisagem.

Observava a queimada coberta de caracarás que tinham a vocação do cinzeiro. E apiedava-se da gleba sofredora levada a ferro e fogo: a enxada e a coivara.

Chegou Soledade com o almoço.

Os cabras pararam, lançando os dedos sobre as testas borbulhantes, na rega dos suores, como o vapor dos corpos quentes.

Uns apoiavam-se ao cabo da enxada, com a perna à banda.

Já um tanto clara, ela voltava ao que era.

Refazia-se. Mais cheia do corpo. Tinha vindo amarela, cor de flor de algodão. Embranquecia e rosava-se, levemente.

Parecia uma pomba branca extraviada num bando de anuns pretos.

A cupidez das olhadelas ardia-lhe como o pelo da cana.

Os trabalhadores, em tiras, esmolambados, entremostravam os corpos oleosos. E já tinham à mostra as costas assadas no trabalho soalheiro.

João Troçulho com quase tudo de fora.

Valentim, vexado, postava-se na frente dela, como para tomar-lhe a vista:

— Vá-se embora, minha filha! Não está vendo essa gente toda esgulepada?

O feitor, também caindo em si e dirigindo-se a um cabra que permanecia apoiado:

— Moambeiro! Só vive dando de mamar à enxada!

Avezados ao eito, nenhum dava por essas penas. Ao invés. Quase todos assobiavam. Muitos cantavam. Também se adormece a fome, como às crianças, cantando.

Não se queixavam da labuta improdutivo:

— É pra castigar o corpo.

Veza por outra, levantavam os olhos ao céu, não pedindo misericórdia, mas reparando no sol — a hora dó descanso.

Mourejavam com essa única esperança: o toque do búzio: tum, tum. Era uma toada mais grata que todas as músicas da natureza.

Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la.

Um desperdício de energia. Um esforço despremiado. Mas nenhum se deixaria ficar em casa; tinham o tédio da inação.

Broca advertiu a Latomia:

— Você deixou mato na praça!

E o mulato:

— É um matim — comendo, assim, pelo menos, uma sílaba.

Enquanto os outros almoçavam, Pirunga foi ver o cavalo.

O senhor de engenho não queria bicho na terra. Não pusera dúvida em deixá-lo ficar, porém como seu, na bagaceira.

E o sertanejo oferecera-se para tratá-lo de graça.

Viera — Deus sabia como — comendo o resto de milho que poderia ter servido de alimento aos retirantes. Arraçoadado pela mão.

Pirunga gabava-o:

— Uma pimenta. Zombava de qualquer perna.

Era um animal amarelo-caxito, calçado de preto.

Devera ter sido, quando não bonito, muito vivo. Mas estava desbarrigado, com a crina ratada e a cauda murcha e encolhida.

Pirunga batia-lhe na anca com a mão e ele virava-se com o beijo pendente, como avisando que até aquela carícia lhe doía. E ainda abanava a cabeça para dizer que não queria mais.

Valentim avergava-se sobre a enxada.

Não precisava anzolar-se, como os outros. Até a retirada se mantivera teso e ágil, mas as últimas provações pesavam-lhe na corcunda.

Jamais um galão de potro chucro ou um pau atravessado na catinga o derrubara da roladeira; entretanto, um empuxão da seca dera-lhe esse baque no eito.

Pirunga deixava para ele a carreira mindinha, a que morria entre as outras. E demasiava-se na faina para ajudá-lo a tirá-la.

Latomia estranhava essa solidariedade sertaneja:

— Não tenho pena de trabalhar pra macho. Quem quiser que se agunte.

E admirava Pirunga:

— Tanto mato tenha... Quando pega, só arreia no fim.

Depois, escarmentava o velho:

— Você não viu nada! Que dirá se fosse no inverno. A gente cisca em cima da formiga preta que faz gosto. E o pé fica um rebolo.

Pensa que é mais que andar escanchado?... Pensa que mijo de padre é santos óleos?...

Troçulho acudiu:

— Formiga não é nada: frieira é que ela. Aí é que o pé vira toicinho.

Valentim notou, então, que todos trabalhavam descalços.

Já não tinham plantas de pés, porém, cascos endurecidos.

E, vendo o canavial verde-claro na vegetação verde-escuro, lembrou-se do algodão sertanejo como uma nuvem branca pousada na várzea.

Os cachorros brejeiros corriam e voltavam ganindo.

Acuavam o canavial adulto, da outra banda. E, ao mais leve farfalho, uivavam funebrememente.

O feitor foi ver o que era. Estumou a cachorrada. E os cadelos calaram-se e meteram o rabo entre as pernas.

Sobressaía, de trecho a trecho, na ondulação verde, um lombo escuro.

Pegali cheirou as pernas de Valentim e endireitou a orelha para um ponto que acamava. Latiu, acuando.

O partido estremeceu numa estalada de canas quebradas. E ouviu-se um grunhido estranho, um berro de animal dolorido. Uma onda de frio enregelou toda a bravura mestiça do Marzagão. João Troçulho tremia como a milhã sacudida pelo vento.

Então, Pirunga avançou impávido e mergulhou nas touceiras agitadas. Recresceu a ansiedade cobarde. Os cães encolhiam-se no aceiro.

Mas seguiu-se um silêncio intrigante. E boiavam nas folhas duas cabeças imóveis.

Era Pirunga abraçado com Xinane que tinha ido, alta noite, furtar o aipim que havia plantado e, pressentindo os vigias, se entocara no canavial.

Levado à presença do senhor de engenho, este ordenou ao feitor:

— Lambuze o traseiro de mel de furo e assente no formigueiro.

Xinane alarmou-se:

— Por amor de seu Lúcio!...

— Lambuze, bem lambuzado!

— Por amor da defunta!...

— Nesse caso, dê-lhe umas tronchadas.

Manuel Broca prontificou-se:

— Fica por minha conta. Trinta lamboradas.

E, ali mesmo, uma, duas, três... Logo na terceira, o caboclo grunhia e mijou-se.

O xexéu deu-lhe uma vaia em termos.

UMA HISTÓRIA QUE SE REPETE

Valentim Pedreira contou uma história que tem sido reproduzida, nos ciclos mortais da seca, por milhares de bocas famintas.

Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai. um homem que foge do seu destino. Corre do fogo para a lama.

Discorreu neste teor:

— Eu não dava definição de seca. Na era de 45 não me entendia de gente. Já era um tanto grandote; mas — menino é assim mesmo -só guarda lembrança de besteira. Vi o mundo com os morcegos. Era tanto do morcego!

E, indicando Pirunga:

— Em 77 este era pichitinho. E, indagora, parece que está vendo a mãe, lá dele, na hora da retirada.

Reatou:

— Nesse tempo fazia gosto o sertão. Todo o mundo contava vantagem. Acontecia algum repiquete — em 51, 53, 60, 69, 70. Mas fervilhava de gado. Só este seu criado tinha pra mais de 100 vacas de ponta serrada e muito boi erado. Miunça nem se falava. E era um fazendeiro chué. Quando havia morrinha. era que se contava algum prejuízo. O sertão, livrando a seca, não tem merma.

Foi quando veio o rebenção de 77. Meu mano foi mais sabido: vendo a coisa preta, torrou tudo nos cobres, até o casco da fazenda.

E saiu por esse mundão com toda a rafaméia. Também levou um sumiço!

— Que mal pergunto, meu velho, que marca foi essa na bochecha? — inquiriu Manuel Broca.

Valentim não respondeu. E virou-se para Lúcio que também observava a cicatriz curiosa:

— Nem me batia a passarinha. E aguentei o rojão. Foi um teitei como ninguém não magina...

Minudenciou, em seguida, na sua linguagem brasileira, esse esfacelo de uma população fantástica que se finava de pura fome no país das engordas forasteiras. Referiu o canibalismo de Dionísia dos Anjos, a mulher antropófaga, de Pombal, que matara e comera uma menina de 5 anos. E outros lances pavorosos.

Falou grosso:

— Fiquei na estica. Mas, com a vontade de Deus, não pedi nem roubei. Todo o meu pessoal na cacunda e até dei conta de gente que era mesmo que ser minha.

E pousou, paternalmente, a mão firme no ombro de Pirunga.

Lúcio comovia-se:

— Meu velho, você é um santo-herói!

— Isto é da vida, moço. O que tem de acontecer tem muita força.

E continuou:

— Eu já ia levantando a cabeça, me endireitando, quando apertou 88. Alguma neblina era só pra apagar a poeira. Chuvas salteadas.

Fiquei, outra vez, no ora-veja, sem semente de gado. Voou o derradeiro patacão do pé-de-meia.

Acabo disso, essa é que foi a seca grande: de primeiro, o rebentão era por fora; esse aí fui eu, porque a gente também seca por dentro.

Seca, fica tudo mirrado — o espírito, a coragem...

— Só tem é que as lágrimas não secam — aparteu o estudante.

E aduziu:

— Quanto mais a alma seca, mais elas correm, como se não viessem da alma. É a dor que espreme, até a última gota.

— Sertanejo não sabe chorar. É o que tocar à sorte — retorqui Valentim Pedreira.

E, olhando para a filha:

— Esta aqui ficou com obra de 5 anos. Diz que as santas andam sempre com os anjos; mas, minha santa se foi e ela ficou penando.

Soledade sorriu, pondo a vista no chão. E Valentim calou-se, olhando para ela.

Sobreveio a seca de 1898. Só se vendo. Como que o céu se conflagrara e pegara fogo no sertão funesto.

Os raios de sol pareciam labaredas soltas ateando a combustão total. Um painel infernal. Um incêndio estranho que ardia de cima para baixo. Nuvens vermelhas como chamas que voassem. Uma ironia de ouro sobre azul.

O sol que é para dar o beijo de fecundidade dava um beijo de morte longo, cáustico, como um cautério monstruoso.

A poeira levantava e parecia ouro em pó.

Os ocasos congestos entravam pelas trevas em nódoas sanguíneas. Sombras férvidas, como um cinzeiro em brasas. Noites tostadas.

Um derrame de luz exaltada que parecia o sol fulminante derretido nos seus ardores.

Ventava. Não era o vento pontual da boca da noite todo sujo de pó como uma criança traquina.

Era um sopro do inferno que, alteando-se, parecia querer rasgar as nuvens para acender a fogueira.

A flora desfalecida.

Durante um ano a fio, uma gota d'água que fosse não refrescara a queimadura dos campos.

Depois, não se via um pássaro: só voavam muito alto as folhas secas.

Bem. Um passarinho estava sob a última folha da umburana, como debaixo de um guarda-sol. Caiu a folha e o passarinho abriu o bico e também caiu, com as asas abertas.

O panasco pulverizara-se: girava com a poeirada chamejante.

Até onde dava a vista se achatava a paisagem cinérea. A desolação da mesma cor.

A capoeira esquelética levantava os garranchos, como dedos crispados. E dançava, à força, nessa tragédia, com o bochorno feroso.

A catinga formava um aranhol.

Como era feia a natureza resseca na sua nudez de pau e pedra!

Os rebanhos aflitos prostravam-se no chão esbraseado.

Valentim exprimiu todo esse horror canicular:

Era uma calma! O céu branco, como um espelho, não se mexia; o mato parecia de chumbo, quieto. Como quem suspende o folgo.

Um calorão, como se as profundas estivessem à flor da terra.

Mas, logo, ficou tudo como varrido de novo. O vento brabo, ciscando, varria até as telhas, até as nuvens.

A gente, se o espírito não me engana, sopra pra esfriar; mas, esse sopro era pra queimar.

E, puxando um suspiro que reteve:

— Eu nunca que deixasse a minha terra. A gente teimava em ficar e o sol também teimava, como quem diz: "Aqui estou grimpendo de cima." Emperrado de dia e de noite, porque nunca se viu lua mais parecida com o sol.

Pintava uma nuvem de chuva. Corria tudo besta, escogotado, como se fosse aparar a água com a boca. Era urubu até dizer basta. A urubuzada vinha apus do resto da carniça. Dê por vista uma nuvem de chuva.

A risada da seriema parecia um soluço.

As pedras se esfarelavam, como torrão de açúcar.

— Só havia de verde os olhos da menina? — perguntou Lúcio.

Valentim fez que não ouvia. E Soledade derreou o pescoço, como ave que mete a cabeça sob a asa.

— Você comeu fogo! — disse o feitor.

Ele achou a expressão usual ajustada ao seu martírio:

— Diz bem. Comi fogo em vida. Mas um homem é um homem.

E acrescentou, de cabeça inclinada:

— Os rapazes foram arribando de um a um. Diziam que era pra me trazer um adjutório. E nem eles, nem nada. O Acre é como o outro mundo: pode ser muito bom, mas quem vai não volta mais. E diz que dinheiro de borracha encurta quando ela estira, Pegou no braço de Pirunga:

— Este, sem ser filho, não quis correr mundo: ficou pra me fazer companhia. Tem um pegadio à gente que faz gosto.

O rapaz olhou, de revés, para Soledade que, ainda um tanto desbotada, na beleza amortecida, ergueu a mão para compor o cabelo e, caindo-lhe a manga, entremostrou um braço branco contrastando com a luva morena de sol.

E Valentim explicou:

— Também, não era pra menos. Quando tomei conta dele, era deste tope. Foi em 77. O pai tinha morrido de comida braba e a mãe

era minha aparentada. Eu não podia aguentar tudo, porque ela tinha uma miuçalha de filhos e as coisas já andavam vasqueiras. Aí, ela saiu, aos emboléus, por esse oco de mundo, deixando o mais mirim.

Era de arrepiar cabelo. O bichinho corria pra mãe num berreiro de borrego enjeitado. E ela voltava do pátio. Enganava, prometia mundos e fundos (coitada! o que é que ela podia prometer?), e, era sair de novo, o menino se desgoelava. até ficar roxo, estatelado no chão.

Depois, andou caçando a mãe até dentro dos buracos de tatu. Ficou quase prejudicado. Quando se aperreia muito, dá pra perder a bola.

E tornou à narração:

— Deus foi servido acabar tudo, senão ninguém me aluía de lá.

Queria ficar abraçado com o mourão da porteira, até esticar a canela.

Mas minha vida não me pertencia... Quem tomava conta de minha filha? Quem carregava minha cruz?

Baldara-se-lhe todo o heroísmo sertanejo. Ainda bem não se refazia de um cataclismo, sobrevinha-lhe outro. Horrendos desastres desorganizando a economia renascente. O sertão vitimado: todo o seu esforço aniquilado pelo clima arrítmico, perturbador dos valores, regulador inconstante dos destinos da região.

E Valentim saiu, ao desbarato, pela soalheira estendida nas estradas que iam desaparecendo nas várzeas nuas.

Calcava essa lonjura pelos páramos adustos que se lascavam na argila refrangida.

O sol, vermelho como um fundo de tacho, escaldava o saibro e acendia o pedregulho.

Canseiras invencíveis, desde as manhãs abrasadas. pelos plainos intérminos.

Calores modorraais nas charnecas esmoitadas.

Um monstro clandestino resfolegava. Era o nordeste, no seu advento pulveroso. aos remoinhos. querendo dançar a ciranda com os retirantes.

Depois, os Cariris Velhos de uma sequidão mais desolada. Uma natureza quaresmal de cactos sobreviventes, eretos como círios acesos em frutos de fogo.

Dessa altura se divisava a perspectiva percorrida, à visão de um sol que dourava tanta miséria, tudo cor de ouro. A planície alagada da fulguração vertiginosa. Até as colinas avulsas se afiguravam blocos de luz.

E os sertanejos, encandeados, esfregavam os olhos, como se estivessem chorando, nessa derradeira mirada de saudade.

O papagaio vinha arrepiado, com medo de ficar só.

Soledade quisera soltá-lo à ventura; mas, ele não sabia mais voar e, perdendo o voo, ganhava esse peço destino humano...

O louro tinha aprendido, como todos os outros papagaios domésticos, o aviso inconsciente, qual uma previsão do seu fim:

— Papa-gai' não co-meu mo-rreu.

Era o estribilho da fome.

E finou-se, encorajado, escondendo-se sob as asas, numa súplica aflitiva:

— Sol'dade! Sol'dade!...

Corisco — esse chegou em paz e a salvamento, comendo o resto de milho, de que todos se privavam, contanto que Soledade não viesse a pé.

Pegali estava sentado sobre as patas traseiras com os olhos nostálgicos fixos em Valentim, como que escutando.

O sertanejo lembrou:

— Calcule que esse sujo ia comendo a perna de um anjo morto na beira da estrada. Também dei-lhe uma preacada!...

Nisto, ouviu-se um estrondo alarmante.

Lúcio e Manuel Broca ergueram-se num salto.

Valentim esboçou um riso fatigado na boca reentrante. Soara como um trovão promissor.

A estrebaria viera abaixo com as traves carcomidas, impunemente, pelo cupim roaz.

O cavalo soerguia-se nas patas dianteiras, de joelhos, e, a cada esforço, resfolegava num gemido autêntico. Nessa atitude irmanava-se pela dor suprema à condição humana.

Pirunga dirigiu-se ao senhor de engenho:

— Dá licença, major?

E disparou um tiro na cabeça do animal.

Valentim voltou sentenciando:

— O que tem de acontecer tem muita força. Deus foi servido me livrar desse mondé.

E rematou a sua odisseia:

— A gente sai por este mundão sem saber pra onde vai. Quanto mais anda, menos quer chegar. Porque, se fica, está de muda e tem pena de ficar. E, enquanto anda, pensa que vai voltar.

Lúcio interrompeu:

— Não interrompendo... Como é que se tem saudade dessa terra infernal?

— Moço, sertanejo não se adorna no brejo. O sertão é pra nós como homem malvado pra mulher: quanto mais maltrata, mais se quer bem. Aperreia, bota pra fora e, na primeira fuga, se volta em cima dos pés.

E, levantando-se para fechar a porta:

— E foi a seca que me deu coragem. Porque saber sofrer, moço, isso é que ter coragem.

NEM DRÍADAS NEM HAMADRÍADAS

Da casa-grande até a cachoeira se alçava um renque de cajueiros revelhos tão conchegados uns aos outros que formavam — mal comparando — uma baita lagarta verde de pés cinza.

Solidarizavam-se essas árvores familiares no comunismo dos frutos (amarelo com encarnado e vice-versa) e no entrançado da ramaria em cruces e outros símbolos pacíficos. Mas, quando dava o vento, arregaçando as folhas, o que parecia um abraço vegetal era uma agressão alarmante.

Dobravam-se os galhos em autênticos cotovelos. Acotovelavam-se. Uma varava a copa da outra mais chegada com a vergôntea hostil.

Ramos caídos sobre ramos subjugados.

E, se era mais rija a refega, engalfinhavam-se, aos sacolejos, fronde com fronde, como mulheres que se arrepelam.

Nesses atritos, rangendo, gemendo, gingavam, como se quisessem saltar das raízes.

Não confraternizavam: a calma aparente era uma trégua de rinha de galos que se cruzam os pescoços para se refazerem.

Então, havia um cajueiro curiosíssimo. Bipartia-se em galhos desiguais: um, hierático, linheiro, parecia querer escorar o céu; o outro, de uma humilde horizontalidade, deitava-se, literalmente, no chão.

Era nesse poiso natural que Lúcio ia, às matinadas, repassar seus romances convulsivos. Em vez de interpretar o clássico "livro da natureza", desdenhava essas folhas verdes ilustradas por todos os matizes e que só têm sido lidas pela rama, para, em tão ledo e fragrante retiro, afundar-se na degenerescência romântica, exaspero da sensibilidade como sal em ferida braba.

Mas, acertara de se enamorar da figurinha fictícia de Sibil, no tablado abominável do empresário judeu.

A mulher era um anjo... depois da queda. Queda, de verdade, que produz mártires e não demônios... (O pobre do anjo mau!...).

Seria capaz de pedir-lhe a mão... para levantá-la desse inferno.

O amor era um consolo. Função de enfermeiro ou de esmoler. A beleza "o longo e obediente sofrimento" da Circe...

E evocava as famosas paixões plebeias. Não excluía dessa baixa do coração nem a humildade da cor. Salomão, o padroeiro das senzalas:

Nigra sum, sed formosa.

E nosso poeta Gonçalves Crespo ganhara esse lirismo pixaim em Portugal:

És negra, sim, mas que formosos dentes, Que pérolas sem par!

Lafcádio Hearn querendo casar com uma pretinha; "Baudelaire...

Esteve em levantar-se e gritar: " Viva o amor cruzado que curou nostalgia africana e coloriu o meu Brasil!"

Nisto, Soledade abeirou-se dele, sem se fazer sentir, como se tivesse poisado de um voo.

Tinha o cabelo molhado. E uma cara... (que cara!...) de mulher bonita com raiva.

Quedou-se, sem dar sinal de si, como se devesse ser notada pelo cheiro.

Ficou, assim, bons dez minutos, até que resmungou, cada vez mais arrufada:

— Eu vinha da cachoeira...

E, com outro ar:

— Avistei o senhor aqui...

Parecia querer lançar uma confissão que lhe causava nojo passar-lhe pela boca. Há confidencias que aliviam como um vômito, mas repugnam também como um vômito.

Lúcio acolheu-a com um sorriso só nos lábios e continuou a ler.

Então, ela sentou-se no cajueiro ao seu lado. E ele começou a ficar como os cajus, amarelo e encarnado, mudando de cor. Todo contrafeito, parecia recear ser surpreendido nesse convívio suspeito.

Soledade procurou ler e caiu-lhe da cabeça mal enxuta uma gota d'água no livro aberto, como uma lágrima ocasional.

Lúcio levantou-se, vexado:

— Que é isso, menina?

E descobriu-lhe ainda um pouco de tristeza nas unhas arroxeadas pelo banho...

Ela desconversou:

— O senhor quer bem a seu pai?

O estudante pendeu a cabeça humilhado. Acudiram-lhe as cenas de aspereza desse homem brutificado pelo trato semibárbaro do engenho. Já segredavam os moradores: "Aquele dá coice no vento."

E, intentando confortá-la:

— Não ligue, Soledade: meu pai é pancada pra todo o mundo.

Alteando o seio, quase sem se sentir, ela corrigiu:

— Não é por ser estrompa...

— Então, diga...

— Foi nada...

E, evasivamente:

— É porque ele não quer bem ao senhor...

Recendia um cheiro misto de resina e cabelo molhado. Sem falar no cafezal aromático.

Uma laranjeira moça e roçante como que se ajoelhava para casar, com o véu e a grinalda.

A natureza matinal, dando-se a beber, aos sorvos, ia bulir com os corações, lá dentro.

E, num interesse mais de piedade que de outro sentimento, Lúcio reparou em Soledade.

Já não era a retirante desbotada e acabadinha, mas a moça capitosa, de graças desabrochantes.

Refeita e mimosa, semelhava certas flores que decaem ao anoitecer, para, às primeiras orvalhadas, madrugarem com mais frescor.

As borboletas beijavam-se nos estalidos da revoada, como se um pé-de-vento tivesse despetalado o campo florido, levantando essa doida policromia.

Os galhos do cajueiro comprovavam as desigualdades acidentais — filhos do mesmo tronco com destinos díspares.

Só, então, Lúcio notou esse contraste.

E Soledade fremia num alvoroço incompreendido.

Sentia o primeiro toque da puberdade que ensaia adivinhar os mistérios interiores. Uma inquietude de virgem na insciência do amor feito de curiosidade e de medo.

Cortejada por toda parte, desassossegada, receosa, refugiava-se na complacência honesta do estudante, discernida com o instinto divinatório com que as mulheres mais ingênuas interpretam os sentimentos que as requestam.

O senhor de engenho, tão fechado, passara por ela, sem olhá-la.

Baixara-se adiante. Parecia estar a colher as flores marginais. De fato, colhera-as. E, esperando-a, oferecera-lhas — um molho roxo - com um riso arregaçado no focinho insaciável. Aceitara, sem ver, com uma humilde confusão. Mas, reparando, era a florzinha indiscreta — espia-caminho — que as mulheres tanto hostilizavam. As lavadeiras deitavam a trouxa no chão para arrancá-la ou a espezinhavam furtivamente.

Jogara-as fora, como quem solta um inseto nojento, pegado inadvertidamente.

E, agora, mais calma, refletia: Talvez não fosse por mal. Poderia ter sido um aviso oportuno. Espia-caminho — um nome que era uma advertência, como quem diz: " P o r onde quer que passes, por toda parte, estão armados os laços da sedução."

O pomar desmanchava-se em aromas. Principalmente as jaqueiras carregadas. Havia plantas que cheiravam até às raízes. A própria sebe de maria-segunda — as rosas prosaicas, cheirando!

Como que mãos feiticeiras andavam machucando as pétalas amáveis.

A brisa parecia o perfume agitado. Havia perfume espalhado no ar como um incensório invisível. A própria orvalhada eram gotas de perfume em vidrinhos de arco-íris. Perfume em blocos de resina...

Soledade estava toda impregnada dessa natureza odorante. A emanção violenta ungia-lhe a carne molhada. Cheirava, como se toda a floração se tivesse entornado nela, como se estivesse florindo também em suas graças sexuais. O odor infiltrava-se-lhe até nos olhos verdes...

Na ebbriez desse ambiente cúmplice, que lhe tirava os sentidos, narcotizando-o com as suas fragrâncias, Lúcio agarrou-lhe as mãos e puxava-lhe os dedos, como se estivesse despetalando um malmequer.

Vinha dela toda a exalação excitante. Ura bálamo indefinível do corpo úmido.

Tomado dessa exaltação olfativa, ele pôs-se a rir sem ter de quê:

— Você já viu que tanto cheiro? Me diga só!...

Os cajus começaram a cair. Caíam cajus, castanhas, maturis...

Exasperavam-se os cajueiros confidentes.

Não eram mais as árvores acolhedoras dos solilóquios matinais.

Expulsavam os intrusos de sua casta intimidade. E sacudiam neles folhas, cajus, castanhas, maturis... Até galhos secos sacudiam.

Molhavam-nos com o orvalho restante.

Era uma pateada em regra. E rangiam, balançando-se, gingando, em meneios de capoeiras. Contorciam-se, como se quisessem, outra vez, saltar das raízes, cair em cima desse par bêbedo de perfumes que profanava o pudor da alameda aromai.

E o vento ajudava assobiando.

Lúcio saiu desconfiado com o sentido nos bosques sagrados. Mas, não eram dríadas nem hamadríadas despeitadas: era mesmo a refega...

A CICATRIZ

O ocaso profuso avermelhava meio céu. O sol informe, como uma gema de ovo esteirada, parecia dissolver-se na mancha crepuscular.

Era uma queimada no horizonte, como se a grande brasa se tivesse desfeito na labareda fugaz.

Mas esse quadro tropical não podia durar: era belo demais para se deixar ver por muito tempo.

E Lúcio ficou tocaiando as primeiras sombras do lusco-fusco, cor o fumo desse incêndio.

Ainda com dia, a miséria obumbrava todo o sítio. A luz era u luxo da casa-grande.

Cada rancho obscuro — quieto, como uma moita.

E a hora prematura do silêncio e da treva antecipava as funções da noite, os conchegos prolíficos da raça dos deserdados.

Um bruxuleio barato no fundo da biboca dos retirantes que, perdida na amplidão do latifúndio, ficava menor, semelhando um ninho caído, modificava-lhes a impressão da vida. Não deixavam de ver tão cedo, como os outros...

Valentim ressonava na rede de tapuarana.

Na sala mal iluminada pela lamparina da cozinha, Pirunga fumava com o cigarro oculto no côncavo da mão.

Vai senão, Pegali empinou as orelhas e desenroscou-se num pulo.

— Que coisa! Vocês dormem com as galinhas! — falou Lúcio, detendo-se à entrada.

Valentim ergueu meio-corpo e tartamudeou:

— Vá pro rapador!...

Mas, reconhecendo-o, desfranziu a testa e retificou:

— Que besteira!... Eu estava areado... O sono passa depressa.

Ficara-lhe agradecido, depois da cena da estrebaria. E, com o acolhimento sertanejo:

— Abolete-se, moço. Tome a tipoia.

A pouco trecho, assomou o feitor, sempre lampeiro, como se andasse no rastro do estudante.

O dono da casa encrespou a fisionomia e disse secamente:

— Está da banda de fora porque quer...

Manuel Broca sentou-se nos calcanhares.

— Menina, deixa ver a luz — berrou Valentim, três vezes.

E Soledade trouxe a lamparina acesa, resguardando os olhos da claridade pobre.

Chegou bamba de sono e ficou no meio da sala, indecisa:

— Eu me descuidei e peguei numa madorna...

Tinha o ar de quem desperta, mas diferente das caras estremunhadas de outras mulheres, dessas feições intumescidas que emergem da cama, como se tivessem regressado da morte.

Parecia que ainda estava sonhando, porque esfregava os olhos, como quem desvanece uma visão renitente. Trazia a fronte um pouco repuxada na moldura do cabelo em desalinho.

E, ainda de pé, atou os braços na nuca, num espreguiçamento estrovinhado, exibindo, inadvertidamente, a plástica rija.

Depois encruzou na esteira e derreou o pescoço, à banda. Cabeceava ainda, abrindo a boca.

À luz vacilante, seu perfil ora se iluminava, ora se sombreava. E Lúcio atribuía essa mudança à asa de um pensamento triste a esvoaçar.

Manuel Broca instou:

— Meu velho, você hoje bota pra fora a história da marca.

O estudante também não encobriu a curiosidade:

— É, seu Valentim: diga a origem da cicatriz.

— Eu lhe conto. Quincão...

Soledade recobrou-se e atalhou:

— Não diga, pai! O doutor fica cismado...

Com um lança de olhos, Valentim deu-lhe a entender que se retirasse.

Parecia que ele nutria um empenho intencional na evocação da tragédia. Queria reconstituir seu passado sanguinário, como se servisse de escarmento aos apetites ruins que lhe rondavam, visivelmente, o lar provisório.

Endireitou-se e pigarreou:

— Quincão — eu lhe conto, moço — era minha segunda pessoa.

Era unha e carne. Meu velho não via bem esse pegadio. Achava que ele não tinha boa pinta. Mas, muita vez, a gente se engabela com a felpa. E não há quem não tenha seu pedaço de mau caminho. Há gente que anda de capas encouradas; quando menos se pensa, bota as mangas de fora...

— Isto, seu Valentim! Abra o olho com os sonsos... — observou o feitor.

O estudante estremeceu, a ponto de rangerem os punhos da rede.

Para recompor-se, foi até à porta. E observou:

— Está escuro como breu.

O sertanejo chamava-o:

— Está tomando fresco? Usa torrado, moço? Uma pitada.

E continuou:

— Eu já era frangote e doido por uma estrepolia. Quincão não ficava atrás: fazia perna comigo. Quando ele precisava dar um ensino, era só me avisar e eu não fazia por menos. Era um bicho cutuba. Era homem pra se ver. Brigava com um, com trinta, com uma tropa inteira. Nunca mentiu fogo.

Eu abria os olhos dele: "Companheiro, você pode se esp'ritar, conta sempre comigo; mas, não bula com moça donzela, senão encontra toco. "

— Você, tão moço, já era um homem de bem — comentou Lúcio.

O aparte deu-lhe no goto.

Manuel Broca chasqueou:

— Com essa lei aqui você se estrepa. Está mal pra passar...

Os olhos de Pirunga fuzilaram, como um isqueiro.

E o feitor insistiu:

— Conhece a derrota de José Rodrigues, de Sousa? Era da banda de lá. A filha, forçada pelo sargento Arcanjo, ali na Mata-Limpa...

Até a tropa!

Lúcio conhecia a história da libertinagem das secas — a exploração bestial da carne magra. O gozo contrastante das mulheres desfeitas, corrompidas pelos fétidos sintomas da fome. O estômago exigia o sacrifício de todo o organismo, até nas suas partes mais melindrosas.

Tudo era vendido pela hora da morte; só a virgindade se mercadejava a baixo preço. Meninas impúberes com os corpinhos conspurcados.

Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um brote duro.

E a desonra ocasional consumia o último tesouro de um patrimônio soçobrado.

A dignidade sertaneja andava entorpecida nesses corpos misérrimos.

Aí pelas 7 horas, uma garoa subitânea chiava no teto de palha.

Peneirava. Era o prenuncio das primeiras águas, das chuvas janeireiras.

Valentim foi ver:

— É uma nuvem. Está passando.

Lúcio impacientou-se. Queria ouvir o desfecho da retardada narrativa.

E o sertanejo prosseguiu:

— Mas, por mal dos meus pecados, um dia, correu que Quincão tinha tirado a neta de Brandão de Batalaia.

Pus de quarentena. Ele era seu tanto ou quanto pensionado — lá isso era —, mas eu não podia marcar que tivesse desonerado assim.

Fazia um tempão que não me dava sinal de vida.

Nunca que eu pudesse maldar. Mas até gato e cachorro já sabiam.

Fiquei encafifado. E toquei-me pra lá.

Saí que saí feito. Não tinha cara de tomar chegada. Quando vi a cabeça branca do velho e me lembrei do sucedido, só reinei ir liquidar o excomungado em cima da bucha.

— Já era idoso assim? — interrogou o estudante.

— Era seu tanto velhinho. E quem é que não tem pena de um velho desonrado?

Retomou:

— Como de fato, a derrota estava feita. Cheguei-me e indaguei:

"Que é que vossemecê manda?" Ele respondeu que só queria era morrer. Eu ajuntei: "E por que não quer matar?..." Foi atrás da porta, pegou uma lazarina e a espingarda caiu-lhe em cima dos pés. Tremia muito porque tinha envelhecido outro tanto do dia pra noite. Eu agarrei a arma e — pum! — não quebrou o catolé. Dei um tiro no morcego que estava dependurado na cumeeira e o velho nem pestanejou. Então, perguntei: "Vossemecê quer ver sua neta no bom caminho?"

— Era sua aparentada? — inquiriu o feitor.

— Nem parente, nem aderente. Mas a moça não tinha ninguém por ela.

— Pois eu tirava os quartos de fora — acrescentou Manuel Broca.

Maria de Soledade tossiu na camarinha. Estava acordada e atenta à impressão causada pelo lance de seu vago conhecimento.

Valentim falou mais baixo:

— Eu garanti que a moça se casava. E fui direito à fazenda de Quincão.

— Quando a gente é moço é pau pra toda obra. Depois de velho é que fica perrengue — arriscou Manuel Broca.

— Pode ser... O bicho era bargado, mas era de boa concórdia. Eu ia matutando: se ele trastejar, o mundo se fecha. Entrei como quem não quer e querendo. Quincão baixou a grimpá. E eu tinha embrulhado a mão num lenço fingindo unheiro, pra não apertar a dele.

— E a esquerda? — questionou o estudante.

— Sertanejo não dá a mão esquerda. Eu marquei logo entrar no caso, mas ouvi uma vozinha, como um gemido de rola presa. Quando Fifi me avistou, embiocou pra dentro. Eu não queria que ela cismasse de minha ideia. Procurei uma saída. Daí a bocadinho, enxerguei o rio, lá embaixo, feito um mar d'água. Estava de beira a beira. Chamei Quincão pra tomar banho. Mas ele tinha sobrosso de ficar só comigo.

Aí puxei o bruto e — tibungo! — entrou-se n'água. Eu não achava jeito de tocar no caso, quando ele me desafiou pra atravessar a correnteza, fazendo pouco em mim. Meteu-se o braço. Lá no meio, criei coragem e disse por aqui assim: "Quincão, eu quero ser

testemunha do seu casório." Foi mesmo que falar da banda mouca. Disse outra vez: " Vou ser testemunha do seu casamento com Fifi. Você quer roer a corda?" Nessa voz, ele cuspiu grosso e soltou uma risada, chega perdeu o fol'go pra nadar. E gritou que eu não o aporrinhasse. Fiquei nos ares. E, como ia na dianteira, sapequei-lhe o pé na rosca da venta, que ele viu candeias de sebo.

A luz baça, mexida pelo vento brincão, que ora quase a enfiava pelo bico da lamparina, ora a puxava em fitas de fogo, amortiçava-se, Valentim saltou, de supetão, no terreiro, junto com Pegali que se precipitou na frente.

Refazendo-se da surpresa, Pirunga correu e foi dar com ele, parado, besta, com os olhos pregados nos longes do poente, Chamou-o a si, sacudidamente, até que ele explicou:

— Naquela corda...

Nesse mesmo instante, pisca-piscou no horizonte longínquo uma claridade quase imperceptível.

Lúcio chegou e viu o céu afogueado, em trepidações multiformes, Às vezes, a língua ígnea lambia a escuridão, de canto a canto. O leque luminoso abria-se e fechava-se, sem cessar. E ele comparava essas intermitências às transições de seu espírito.

Para Valentim o relâmpago riscado na treva compacta era o núncio do inverno sertanejo, a promessa de retorno à sua terra.

Não houve mais quem o tirasse do relento.

Agruparam-se uns sobre os calcanhares e outros de pé.

A luz furta-cor, luz mentirosa, negaceava.

E o velho referiu:

— Como ia dizendo, soltei-lhe um pontapé de esbagaçar a dentuça. O bicho deu o bute, ficou tirando fogo. Foi em cima, foi embaixo e, quando deu acordo de si, ficou feito um condenado. Acatitou os olhos e escumava, como juá. Aí, dei um mergulho e, saindo por debaixo, virei ele de pernas pra riba. Segurei pelo cachaço e enfinquei-lhe o focinho na lama. Ele voltou bufando. Nadei pra longe e perguntei: " Casa ou não casa? Olhe que quando eu carrego opinião!" Nessa voz foi que o bruto se peitou. Levantou os braços: "toma! toma!" E, perdendo o jeito, soverteu-se de novo. Esperei ele nas borbulhas.

Moço, o senhor não imagina! Aí, Quincão se grudou comigo. Num sofragante trincou-me o dente aqui, parecia um molestado.

Lúcio riscou um fósforo e examinou a cara engelhada do sertanejo, esverdeada, à luz do relâmpago.

Não dera pela causa do traumatismo.

Observou a impressão dentária característica, a cicatriz em curvas opostas com as falhas de alguns dentes.

Valentim virou o rosto:

— Arrochei-lhe a goela de com força. Encalquei mais. Vi a hora que ele me arrancava a tábua do queixo. Desceu-se no fundo outra vez. Eu queria quebrar-lhe o roço e ele já estava debilitado. Com a boca pegada, não podia tomar ar e teve um passamento. Dei-lhe um socavanco e espragatei-lhe as ventas. Ficou sem ação, fazendo termo. Dei-lhe outro cachação. E o sangue espirrou. Era isso que eu queria. As piranhas abocanhavam. Um putissi! Cada qual que tirasse o seu chaboque.

— Bem-feito! Que rio é esse? — perguntou Lúcio.

— É o rio do Peixe.

— Mas, não é o Piranhas?

— Não: é o rio do Peixe. Fui em cima, botei Fifi na garupa. Saí que saí zunindo, chega levantava o pedregulho. Cai aqui, cai acolá.

Saltei e o velho arrenegou, apontando a porta: "Por ali, cachorra!" E ela, de joelho: " Mas vossemecê sabe, não foi por gosto; foi, bem dizer, a pulso." O velho ciscava no chão e fazia: "cho... rrôô!" Pensei que ainda estivesse descompondo e tomei a parte dela: " Não chame esse nome à moça." E ele: "cho... rrôô!" Fiquei todo arre piado! Qual cachorra, qual nada: era o ronco da morte. Morreu pra não perdoar.

E Valentim findou:

— Agora: no outro dia, foi encontrado o cadáver engalhado num pé de pau. Não tinha venta, nem beijo, nem olhos, nem nada... A honra da moça estava vingada pelos peixes.

— Pelos peixes, não: por um homem que sabe defender a honra dos outros, quanto mais a sua — retrucou Lúcio.

— Esse é homem até debaixo d'água — disse o feitor, usando de uma expressão popular.

O estudante retirou-se, monologando, ao sabor de sua ênfase:

— Reservas da dignidade antiga! Resistência granítica, como os afloramentos do Nordeste! Solidificação da família! Tesouro das virtudes primitivas!...

Quem passasse, pelas primeiras arraiadas, encontraria, no mesmo sítio e na mesma postura, Valentim Pedreira a tocaiar o relâmpago, com Pegali ao lado.

Cada facho do céu acendia-lhe novas esperanças.

Já claro, essas fosforescências desabrochavam, como uma tocha azulada.

MORITUR ET RIDET

— Patrão, faz toda vida que não se entrosa um forró — intercedeu o feitor, com a fingida indiferença de quem pleiteia um desejo próprio em nome de outrem.

O senhor de engenho pusera termo a essas funções. Costumava dizer que a alegria do pobre era um mau agouro. De feito, não se dava um samba que não acabasse em sangueira.

Mas Manuel Broca segredou-lhe um plano que ele acolheu entre malicioso e desconfiado. E, vendo outros moradores que se acercavam, acedeu com uma praga:

— Pois levem os seiscentos mil diabos!...

(Os diabos tinham sempre conta certa: eram trezentos ou seiscentos mil...).

Lúcio escutava o maracatu: duas pancadas isócronas, como um coração batendo alto. O baticum de seu coração alvoroçado.

Soava um rumor inexpressivo na noite bárbara. Sobressaíam gargalhadas misturadas com o vento como bramidos de animais desconhecidos.

E ele saiu, a esmo, andando ao toque do maracatu.

Perto, sentiu o cheiro da queimada. E virou-se para a paisagem rubro-negra.

O fogo, bem defronte do rancho festivo, alumia o terreiro.

Lúcio pôs-se a observar a agonia da lenha verde que se estorcia, estalava de dor, estoirava em protestos secos e se finava, chiando, espumando de raiva vegetal.

Voavam faíscas como lágrimas de fogaréu.

Divisavam-se os troncos queimados boiando no cinzeiro, como negros em farinhada.

Flamejava o painel do aceiro — as árvores ígneas e, esplêndida, a macaíba com o leque de chamas.

O incêndio esfumava-se, escurecendo a noite. E, de quando em quando, a fumaça deitava para a casa fronteira, envolvendo-a num presságio de luto.

Lúcio voltou-se, afinal, atraído pelo barulho da dança.

Vistos à distância, os pares alongavam-se na terra roxa levantada, como labaredas fantásticas nesse ambiente poeiroso.

Os negros giravam como sombras alucinadas.

Parecia um inferno orgíaco.

De chofre, todas as mulheres deram as costas para a porta. Era a superstição de que, estando alguém, do lado de fora, a rezar às avessas, via despidos os que se achavam dançando.

Dagoberto entrou, pela primeira vez, num samba.

Plantou-se à face de Soledade, a fumar. E apagou-se o cigarro...

O bafo das mulheres amornava a sala. Um cheiro a alho e a fermentações crônicas.

Sostras múltiplas, de idades equívocas, tão sorvadas e escorridas, como se tivessem sido passadas na moenda, cirandavam como cabos de vassoura, varrendo o chão empoeirado. Mas havia uma beleza apetecível na coleção das moças roceiras, as virgens morenas e viçosas que os cabras viam com indiferença, porque viam todos os dias.

Meninotas modeladas como mulheres feitas, com os peitos apoiados de feminilidades indiscretas que lhes escandalizavam a própria inocência. Mulatinhas de lábios roxos, como se tivessem sido mordidos, vivas e engraçadas, à espera do amor putrefatório. E as negrotas oleosas, borboletas escuras, com cravos vermelhos no seio, como a carne acesa em brasas. Como noites disparatadas de sol ardente.

Zoava um contentamento de passarinho solto que não escolhe tempo para cantar. Uma bruta alacridade. Risadas selvagens de seriemas. Gritos vibratórios. Risadas que soavam como gritos.

Despercebido de todos os vexames do servilismo remanescente, o povoléu rural desmandava-se na animação barulhenta.

Parecia que o problema da felicidade se resolvia nessa diversão agreste.

Era um júbilo integral. Uma alegria unânime que cantava como a melhor música do samba.

Sem os fermentos da ambição que atormentam a natureza humana; sem os cuidados da previdência, numa vida de cada dia; sem imaginação que elaborasse pressentimentos mofinos; sobretudo, sem tempo para pensar em ser triste — essa gente tinha a fortuna de não se conhecer. As próprias dores físicas eram discretas, sem choro alto.

Lúcio corria-se de sua tristeza inveterada perante tanta explosão de prazer que dissimulava a penúria permanente. Chegava a saber que os sofrimentos morais eram uma ilusão dos sentidos. Só havia uma condição de felicidade: não saber sofrer. Feliz era o animal que se encolhia à chicotada e a esquecia, quando deixava de doer. Feliz era a sensibilidade que não ia além da casca grossa. E bendizia a ignorância que ignorava até a dor. Invejava essa vivacidade inconsciente. Acostumado a cultivar as sentimentalidades malsãs, como um mendigo que vive de sua ferida aberta, ouvia casquinadas cavas, oriundas, talvez, das cavernas do estômago, e não sabia rir de estômago cheio.

Entrou na onda pulverosa. E testemunhava os idílios brejeiros, cuja amostra mais doce era uma injúria: — "Feia!..." — "Essa safada!..." Ou, num derrame lírico: — "Bichinha..." E, quando passava da palavra ao gesto, era um beliscão, uma pisadura, um puxavão de orelha, uma dentada... Só uma carícia não doía: o cafuné. Mas, às vezes, as unhas penetravam com mais bem-querer.

As raparigotas encolhiam-se, apertando o coração que ia saltar-lhes pela boca:

— Não me afutrique!... Que abuso!... Não me alcatruze!...

— Arta! não me pinique!... Me largue de mão!...

Um cambiteiro mais enxerido conchegava-se. E a negrota:

— Já se viu que empacho!... Ora, que peitica!... Há quem aguento este azucrim?...

Ele, a cutucá-la:

— Deixa de luxo!...

Ela ainda simulava:

— Tome assento de gente...

E riam todas num riso crasso e condescendente.

João Troçulho ia puxando uma dama que se escusou:

— Eu não danço, banga!...

Ela estirou o beijo para a mãe.

O cabra arreliou-se:

— Velha caninguenta!...

E a moça:

— Danço lá com esse trupizupe! Estou de meu, dando figa pra ele...

As raparigas agrupavam-se nos cantos da sala, dizendo-se coisinhas, aos muxoxos e aos beliscões. E separavam-se, chiando:

— Qui qui-qui-qui...

Boliam com os pares suarentos, de caras empastadas do rouge terroso:

— Como ele está fiota!... Todo perequete...

— Olha esse remelexo, cabelo de aratanha!...

Lúcio pensava em Soledade e preveniu a Pirunga:

— Isto pega como visgo. Cuidado com os vedoias..

Mudaram para o coco:

*Cabra danado,
Se não tem corage, eu tenho
De pegar nessa pistola
E atirar no senhor de engenho...*

*Minha senhora.
De que chora este menino?
Chora de barriga cheia
Com vontade de apanhar...*

O estudante observou: " Musa mentirosa!... Atirar no senhor de engenho neste estado de subordinação crônica... Chorar de barriga cheia, como se não chorasse senão de fome..."

Os cambiteiros replicavam, com os ditérios da bagaceira:

— Olha essa delerência... Cabelo de fuá!

— Deixa de agachado com esse pé-rapado...

Pirunga, muito canhestro, servia de mangação. Não lhe quadravam esses costumes. Não se amoldava nessa promiscuidade abominável.

João Troçulho motejava:

— Está desconfiado que nem cachorro em mei' de carga.

Soledade caçoava:

— Então, está se babando?...

Lembrando-se das mocetonas sertanejas, ele desdenhava:

— Quero lá saber de moça caxexa...

E ela reparava nos cabrochas:

— Quase tudo aqui é batoré...

Os brejeiros conspiravam:

— Ele é fouveiro, não dança com negro. É metido a lorde...

Latomia interpelou-o:

— Por que não entra na dança?

— Só se me arranjar uma dama.

Boca, que tal disseste? Cresceu para ele toda a arraia-miúda. Uns procuravam os porretes. Outros protestavam:

— Esse freguês dizendo dama!... Dobre a língua!...

— Dama é mulher da vida...

— Dama é mulher à-toa... De ponta de rua.

Latomia, por trás dos outros:

— Sertanejo bocó não voga aqui!... Sertanejo cafifa!

E todos, de uma vez:

— Nem sabe dizer cavalheira...

Pirunga não fazia caso. Tinha nos olhos tristes uma expressão de calma e de coragem. E, desdenhoso, saiu a dançar com Soledade.

O feitor aplaudia:

— Isto, Pirunga!

E, à parte:

— Mal-empregado! Ela tão jeitosa e ele tão mal-enjorcado...

E, quando Soledade se sentou:

— Moça, vamos ver?

la tirá-la pela mão, sem notar que ela tivera um gesto negativo, quando Pirunga se atravessou, com bons modos, é verdade, mas com uma decisão inflexível.

Participava do teiró do padrinho a Manuel Broca.

Os cambiteiros desferravam-se, à puridade:

— Arrastou a mala...

— Ela não dança com bangalafumenga daqui.
— Foi bom, que ele é metido a rabequista.
— O patrão dá gás àquele mequetrefe... Um pé-de-poeira, como os outros...

E as mulheres voltavam-se contra Soledade:

— Anda com parte de santa, mas o que ela é é uma sonsa de marca maior. — Uma tipa muito entojada!...

— Por ser sarará trata os mais de resto.

— Vive ancha porque o moço anda de olho gacheiro pra banda dela...

E, vendo que a dança arrefecia, todos acoroçoavam:

— Toca fogo na canjica! Aí, negrada! Eita pau!

A poeira ia baixando no chão aguado pelos suores abundantes.

Soledade, curiosa, recusava retirar-se. Achava graça nos saracoteios dos quadris alvoroçados.

O moçame ia-se chegando. Uma mais influída sentou-se nas suas pernas. Os cabras roçavam-se nos seus joelhos.

Sentindo-a tão perturbadoramente feminina, envolta nessa animalidade promíscua, Lúcio advertiu:

— Não dê cabimento a camumbembe...

E deixou o samba.

O feitor acercou-se:

— Estudante é uma nação de gente que só vive de cabeça virada...

Ela deu de ombros:

— Não se dá coisa mais abusada!... não me atucane a paciência!

A sala tresandava a alho e a aguardente.

— Venha de lá!

Troçulho tocava com os beijos e restituía o quarteirão. Enchia-o para o companheiro que recusava beber e derramava a cachaça. Era um cúmulo de gentileza...

Esvaziavam o botijão.

— Uma bicada.

E, estalando a língua:

— É bom que dói.

O feitor diligenciava embriagar Pirunga.

E trovejavam as provocações:

— Este fuzuê acaba mal. Quando eu tomo uma truaca, nem Deus Nosso Senhor vindo do céu...

— Eu dou cabo desta joça!... Hoje aqui fede a chifre de bode.

— Estou me esbodegando; já espalho esta porqueira.

— Eu só dou conta desta pinoia. Acabo com esta futrica.

Cabras de uma turbulência cobarde tentavam apagar a luz por desaforo.

Pirunga estranhou:

— Que barulho fora de tempo!...

O feitor chamava à ordem:

— Mundiça, olha essa buzina!

A cachaça ia pegando fogo à sensualidade mestiça.

Chocavam-se os peitos eriçados. Barrigas sumidas procuravam encontrar-se na ironia das umbigadas. Agitavam-se, aos saracotes, as coxas frenéticas, nas agarrações dos pares safadíssimos, os homens de cabeça levantada e as mulheres cabisbaixas.

E revelavam-se excelências plásticas nessa desordem de músculos de alguns tiparrões excepcionais. Donzelas equívocas da redondeza acudiam ao estalo dos dedos, como se chama aos cães.

Mas, ali não se brigava por mulher: o amor não valia uma facada.

O ciúme mal passava de ameaças:

— Olhe que eu te dou uns croques!..

— Quando chegar em casa, você chia no relho!...

Lúcio despertou, ouvindo um vozear estranho. Um formidável clamor que uivava dentro da noite. Acertou de passar a escolta para a feira de Lagoa do Remígio. O delegado parou, à escuta:

— É gente como os trinta.

Dagoberto estava desavindo com o chefe local. E a política adversa despiciava-se em seus moradores. Os correligionários do poder mantinham redutos de impunidade inviolável; mas os opositores tinham seus domínios expostos às represálias policiais.

— Meta o facão nessa cambada! — ordenou a autoridade.

A cabroeira recuou. E Pirunga cresceu para a força arbitrária:

— Que é isso, praça?!

E, correndo em defesa de Latomia:

— Não desfeite o homem, praça. Um homem é um homem. Não faça ação, praça!

Era o governo. O governo era essa afirmação de arbitrariedade.

Antes que vibrasse o golpe, ele caiu em cima da lamparina.

E feriu-se a luta no escuro.

O sertanejo fazia frente a toda a tropa na confusão do conflito corpo a corpo. Seu olhar fuzilava na treva como um sabre desembainhado.

Encontroavam-se; agarravam-se, às tontas, soldado com soldado; engalfinhavam-se em penca; embolavam-se no chão.

O espaldeiramento era um som de garrafas quebradas.

E estrugia a sanha desordenada:

— Dá um choto no mata-cachorro! Sapeca o pau! Sujiga a praça!

Quebra-lhe a castanha! Fura na veia da tripa! Fura na tripa gaiteira!

Patrão! patrão!...

Dagoberto sobressaltou-se, da cama:

— Que barulho é um?!

E o rumor era agravado pelo alarido das mulheres. Só não havia ataque histérico.

Pirunga parava, de onde em onde, para escutar o vozerio tumultuário. Distinguia no arruído lamentos e pragas; mas não reconhecia a voz de Soledade, abafada pelo berreiro desconexo.

Tentava encontrá-la, pegando, às apalpadelas, as saias que perpassavam. E gritava por ela, como um doido.

Então, desesperado, irrompeu pela parede de palha.

Do lado de fora, ouvia a mesma algazarra indistinta. A barafunda alarmante.

E apoderou-se de um cuidado aflitivo. Pensou nos perigos desse embate no escuro; mas, pensou sobretudo, nos contatos a esmo, na cabra-cega de homens e mulheres, no ruge-ruge promíscuo. E, mais e mais, se vexava, percebendo os impropérios dos cambiteiros desbocados na balbúrdia recrescente.

Olhou em derredor. A queimada estava circunscrita ao aceiro, como um colar de rubis. A paisagem vizinha toda tostada e vermelha.

Ainda voavam algumas fagulhas misturadas com os vaga-lumes.

De veneta, correu até a coivara e trouxe um facho na mão como para alumiar. E chegou-o ao colmo velho. Tocou fogo no rancho tumultuoso. Ao clarão instantâneo, embarafustou pelas chamas, num soberbo arremesso. Tomou Soledade nos braços, por entre as figuras mal iluminadas. E, chamuscado, triunfal, no desfecho esplêndido, refugiou-se, com seu fardo suavíssimo, pela noite discreta.

Mas, logo, ela soltou-se revoltada:

— E precisava isto? Então, eu não sabia sair do fogo?

A polícia debandara, aturdida.

— Fez sangue?

— Foi a força do governo, patrão.

Para eles o governo era, apenas, essa noção de violência: o espaldeiramento. a prisão ilegal, o despique partidário... Não o conheciam por nenhuma manifestação tutelar.

E explicavam:

— Chegou e foi metendo o fandango. Só pra empatar o samba.

Passou o refe em tudo.

João Troçulho apresentou-se:

— Eu só saí com uma roncha aqui na tábua do queixo. E com a camisa esfaqueada.

Todos riram, até os feridos, porque ele nunca tivera uma camisa inteira.

Latomia blasonava:

— Eu saí do arregaço com um calombo aqui no quengo, mas tirei tudo de eito. Queria era pegar de jeito. Mas a força abriu do chambre, ganhou os paus.

Acudiu o feitor:

— Foi pantim, patrão. O fogo foi uma faísca da coivara. Foi nada não. Com qualquer bobagem esse povo assenta a boca no mundo...

E como estivesse tiritando. Dagoberto arguiu:

— Que é isso! Ainda está tremendo?

— Ora, tremendo! Eu fui tomar banho de madrugada. Frio pra mim é como passou.

Se não mentiam as más-línguas. ao primeiro assalto, ele metera-se no açude com água pelo queixo.

Pirunga soprava ainda, como se estivesse expelindo os maus instintos.

O senhor de engenho observou:

— Esse está como cobra que errou o bote.

Lúcio desabafou:

— Não era pra menos. Eu bem sabia que aquilo acabava pegando fogo...

E foi ver Soledade que estava queimada... com Pirunga, porque a carregara nos braços.

O RETRATO

O amor é uma gradação dos sentidos: começa pela necessidade de ver.

Não se passava um dia que Lúcio não encontrasse Soledade; mas, pensando nela, forcejava, debalde. reconstituir-lhe o tipo ou, pelo menos, as feições mais bizarras.

Acontece isso. A saudade é um pouco dessa incerteza da separação. E como, uma vez, não pudesse evocar-lhe a imagem, nem, sequer, recompor-lhe os traços mais familiares, dirigiu-se, induzido por essa repentina curiosidade, à casa dos sertanejos.

Ao embalo da rede, na perplexidade de quem se inicia nos convites do coração, ela cantarolava, ao acompanhamento dos armadores gritantes. E, assim que o viu, à entrada, precipitou-se do balanço e, desequilibrando-se, foi-lhe de encontro, desastradamente.

Ele aparou-a num abraço e, arrependido desse movimento involuntário, recuou até o terreiro.

Nesse ínterim começou uma bulha no teto. Eram os casacas-de-couro. Cantavam e dançavam. Avançavam com um donaire natural e retrocediam com outra graça coreográfica. Primeiro, um casal somente. Depois, um bando para a quadrilha. Pegavam a rir. Riam também.

Davam umas risadinhas perfeitas, enquanto dançavam, alegrando a dança.

O estudante intentava sair:

— Seu pai não está...

— Deu um pulo ali na rua. Já vem já.

— Bem; nesse caso, volto daqui a pouco.

— Ah, não quer entrar?

— Não está ninguém...

— E eu? Então, o que sou eu?

E apontando o cachorro:

— Pegali também está...

O cão sacudiu a cabeça com estrépito e passou a rabear numa agitação acolhedora.

Então, Lúcio entrou com Soledade e prontificou-se a tirar-lhe o retrato:

— Faça sério.

Ela compôs-se com um ar engraçado.

E, no interesse de examinar-lhe melhor a expressão fisionômica, ele insistiu:

— Faça sério!

— Você quer é cara feia, não é?...

E fez um trejeito que nem de leve lhe deformou a graça primorosa. Mas, logo, endireitou-se, com faceirice, passando a mão no rosto e na cabeça.

Ele notou que seus olhos verdes tomavam outra cor.

E, alternando a vista, fingia estar desenhando.

Tinha uma concepção da beleza feminina, dessa natureza privilegiada, emancipado dos modelos de outras raças. Idealizava um conjunto estético como quem compõe um florilégio. Fixava essa visão pensando em muitas mulheres. E impressionava-se perante corpos que mereciam outras caras e vice-versa.

Soledade não correspondia pela harmonia dos caracteres às exigências do seu sentimento do tipo humano. Mas, não sabia por que, achava-lhe um sainete novo na feminilidade indefinível. As linhas físicas não seriam tão puras. Mas o todo picante tinha um sabor esquisito que se requintava em certa desproporção dos contornos e, notadamente, no acento petulante dos olhos originais.

Seu instinto de perfeição comprazia-se no exame dessas formas fluorescentes, desse exemplar de virgem matuta que não tinha termo de comparação com a beleza citadina — a arte de parecer bela. Uma exposição de corpos elegantes e de caras bonitas que se pareciam tanto entre si como se tivessem sido feitos do mesmo modelo...

Lúcio continuava a simular que pintava.

E Soledade perdia a paciência.

O pescoço um pouco longo, mas cheio, dava-lhe nos graciosos ritmos da vivacidade moça um ar de passarinho irrequieto.

A discreta proeminência do busto arfava-lhe de curiosidade.

O estudante deu, enfim, o retrato por terminado e mostrou-lho, a sorrir.

Era uma antiga fotografia meio desbotada.

Ela desconfiou:

— Quem é?...

— Não está vendo?

— Eu?... Mas eu não tenho esta venta...

De fato, seu nariz era diferente, com um ar inconfundível no ligeiro arrebitto. Mas, os olhos, a testa, a boca (o mimo da boca), os caracteres essenciais identificavam-se nos traços esmaecidos.

Era o tipo modelar de uma raça selecionada, sem mescla, na mais sadia consanguinidade.

O estudante quisera, apenas, confrontar essa semelhança. E ia retirar-se, quando ela acudiu:

— Se é meu, fica comigo.

Sabia que a fotografia não era sua e alvoroçou-a a curiosidade — a única forma de impaciência da mulher, esse apetite do desconhecido que constitui, as mais das vezes, o móvel de sua perdição — a curiosidade de verificar quem era aquela figura feminina que tanto se parecia consigo.

Instava:

— Lúcio, não é meu?

Suspeitou que interessava ao estudante porque se assemelhava a alguém que ele amava. Era a condição mais humilhante de ser amada.

Como quem ama de olhos fechados, com o sentido em outro amor.

E, com um ciúme antecipado:

— Só serve pra mim: é tão feio!...

Afinal, não se conteve que não avançasse com o propósito feito de tomá-lo.

Lúcio retraía-se com as mãos atrás das costas. E ela não desceroçava. Cingiu-o com um desembaraço resoluto.

Ele sentia-lhe os contatos das formas duras e, atarantado, tolhido, tentava, em vão, desvencilhar-se. Segurando-a pelos braços, em arco,

empregava esforços para mantê-la à distância.

Fraqueou, de vez. Pegali, fora, batera as orelhas, como quem bate palmas.

Deixou-se vencer, quando ela o entrelaçou, temendo ser apanhado nessa desenvoltura.

Soledade meteu o retrato no seio e ficou com um ar malicioso, como quem queria dizer: — " Vem tirar..."

E, se ele se tivesse atrevido — sabe-se lá! — talvez lhe houvesse punido o atrevimento com o primeiro beijo.

Depois, rompeu o retrato.

— Não faça isso! — rogava Lúcio com os olhos súplices.

Esse gesto fora uma revelação. Soledade amava-o com a violência repentina dos corações ingênuos.

"Doidinha!" pensava ele.

Ajoelhou-se, apanhou todos os fragmentos e beijou-os demoradamente.

— Bem-feito! É sua noiva, não é? — perguntou ela, cada vez mais aziugada.

— Não: é uma santa.

E ainda beijava os pedaços que juntava.

Depois, para não ser surpreendido de volta, contornou a casa e torceu pela vereda dos cambiteiros.

Avistou Pirunga encostado num pau, de alcateia.

Disse-lhe qualquer coisa e ele correspondeu com uma expressão ronronada, de maneiras bravias.

Prosseguiu sem fazer caso dessa rispidez. Mas, daí a uns passos, não teve mão em si e volveu precipitadamente.

Foi-se a ele.

Pirunga percebeu o lance, mas ficou quieto, como a onça na tocaia.

Suas artérias engrossavam, como se quisesse prender-se a si próprio, para evitar o desforço.

Mas, ao defrontá-lo, Lúcio perguntou, de boa sombra:

— Pirunga, tu gostas dela?

O sertanejo fez-se desentendido e baixou o olhar vago:

— Oxente! Pois não haverá de gostar? Fomos criados juntos...

Não sou seu mano de criação?

— Eu sei — juntou Lúcio. E experimentou: — Mas também podia ser tua mulher...

Depois, levando-lhe a mão ao ombro:

— Não deixes que ela caia na unha de um desses cafajestes.

O rapaz cobrou confiança e despejou a alma:

— Soledade não quer bem a ninguém. Lá no sertão muitos fazendeiros se engraçaram dela, falaram até em casamento e nem como coisa...

E, num desalento:

— Só se agora está querendo... Anda tão despachada, tão saída, que nem moça de praça...

Sombrou o rosto:

— Os homens de lá não ligam às mulheres daqui, mas sertaneja tem queda pra brejeiro.

Lúcio procurou aplacar esse ciúme indomável, mas Pirunga soltou à queima-roupa:

— Até o senhor está aceirando...

— Não, senhor! Eu não maldo, não senhor!...

O estudante distinguiu-lhe um traço de amargura, que nem na odisséia da seca. Comoveu-se diante desse zelo selvagem e falou-lhe de molde a dissuadi-lo:

— Não é por nada. É porque ela é o retrato de minha mãe...

NA BAGACEIRA

Era um clamor assim como um trovão enfurnado.

Soledade correu ao engenho e pôs as mãos na cabeça:

— Mas que judiação!

A moagem parada.

Dagoberto não tivera dúvida: amontoara a palha seca debaixo da barriga do chamurro empacado e tocara fogo.

Queria ver se não puxava. Era para amansar...

Assado vivo, o boi teimoso soltava uns urros lamentosos e sacudia os chifres encorreados. Mas davam-lhe com o chiqueirador na ventas que era a parte mais sensível. E, às recuadas, ele torcia o quartos, num berreiro que já não era mugido, mas um uivo formidável.

Todo o banguê rangia.

E chegavam-lhe ainda o ferrão para ir a ferro e fogo.

Quanto mais brutalizado, menos o chamurro acertava andar à roda. E chorava. Chorava, de verdade, com dois fios grossos escorrendo-lhe pelo focinho úmido.

Lavarínto, jungido aos canzís, ruminava, filosoficamente, com a sua filosofia estoica. Limitava-se a abanar as orelhas, quando a canga repuxada nos arremessos da parelha lhe magoava o cachaço negro intumescido, talvez para refrescar a dor.

Soledade estava acostumada a ver bichos esfolados e esquartejados, o choro dos bezerros na ferra, os rebanhos carpindo-se no sangue fraterno, a rês levantando-se náfega das mucicas da vaquejada, as ossadas da seca... Mas, não havia termo de comparação com esse suplício novo dos mártires da almanjarra.

Era a sorte dos bois sertanejos na bagaceira...

* * *

Todos cantavam — o tangedor, o cevador de cana, o bagaceiro.

E, na casa de caldeira, o fomalheiro, o mestre, o batedor... Quem não cantava, assobiava.

Era um ramerrão que aligeirava a faina.

Corria a alegria dos corações endurecidos como a garapa doce da moenda de ferro.

* * *

A almanjarra ronqueira, à pachorra das juntas fatigadas, era o símbolo diuturno da rotina empeciva. Traçava, inalteravelmente, a mesma circunferência na bosta de boi.

Era a norma automática que distingue a mesmice do instinto das variações da inteligência.

A moagem ia, por assim dizer, de meia-noite a meia-noite. Os eixos frouxos vomitavam o bagaço maior do que a cana engolida e mijavam um fio de caldo no parol...

* * *

— Que porcaria é essa? — perguntou Soledade.

— Não é a ajuda? — explicou o mestre.

E deitava cal, azeite e cinza na fervura das tachas para "limpar a rapadura".

Entravam os muares gemendo, ao compasso da andadura: — hum! hum!... — 'barr'aí!

Viraram-se, por si, para o "picadeiro" de cana.

E esses burros, cortados pelo arrocho e pela rabichola, com a pelagem mosqueada pelos sinais das pisaduras, nem coices davam, quando os cambiteiros lhes enfiavam os dedos dos pés no curvilhão, para montar.

Ainda lhes soltavam a cancela na garupa e lhes batiam no topete com o cabo da macaca.

Pirunga cambitava em Corisco para poupá-lo a maiores sevícias..

A azêmola andava biqueira e ferida na cernelha. Tirada a cangalha, estremecia e agitava as orelhas; mas, não ia espojar-se no cinzeiro, como as outras alimárias. Ficava-se entre os bois inválidos: uns já derrabados, cabeceando, fleumaticamente, para enxotar o mosqueiro; outros com as caudas oblíquas, quebradas, de tanta torcedura no ato de amansar ou nos emperros do engenho.

E os sertanejos lembravam-se da alegria dos rebanhos na liberdade do compáscuo.

* * *

Quando tocou o búzio, Soledade passou-se à bagaceira.

A fauna dos cambiteiros abatia-se ao sol como o bagaço amontoado.

Não era a negralhada das senzalas, mas o recruzamento arbitrário, as escórias da mestiçagem, como uma balbúrdia de pigmentos.

Admiravam a sertaneja:

— É branca chega ser azul!...

Os mais deles emborcados não davam acordo de si.

Outros sentados nos calcanhares juntavam as mãos sobre a cabeça e estalavam todos os dedos de uma vez.

Não havia nenhum de cócoras...

Todos rotos, sem fundilhos, nas indecências da nudez vulgar.

Rezingavam nuns violentos apelos à nosologia popular:

— Molestado!

— Gota-Serena!...

Ou, então, corrompiam a fonética para requintar no insulto:

— Felha da pota!...

Latomia, sempre brigão, alardeava:

— Eu estava canso de avisar. Mas o freguês tinha nó pelas costas, e r a cheio de nozes fora. Aí, dei de garra do quiri. O bruto entesou. Aguentou a primeira pilorada — lepó! — no alto da sinagoga.

Arrochei-lhe outra chumbergada. Aí, ele negou o corpo, apragatou-se, ficou uma moqueca. E veio feito em riba de mim. Arta, danado!

Caiu ciscando, ficou celé!... Foi pancada de morte e paixão. Vá comer terra!... Fugiu na sombra e levou um tempão amocambado.

João Troçulho fez pouco e passou-lhe a quenga de caxixi:

— Deixe de lamproa, pomboca! Eu não como lambança. Você só é homem pra matar... o bicho.

E bravateava:

— Sendo comigo, dava uma facada remexida no vão. Eu quando bato mão de meu potruco de faca... Na minha unha não dava um caldo.

O feitor interveio:

— Eu não digo que negro não tem ação!...

Era um bem-te-vi perseguindo um urubu. Dava-lhe bicadas de arrancar penas.

O urubu voava mais alto, ia feder nas nuvens. Volteava. Batia, nervosamente, as asas pretas. Encolhia os pés de ave de rapina.

E sangrava-lhe a cabeça encarnada.

O passarinho inerte desfeiteava-o nos ares, com um destemor zombeteiro.

Seguiam-se lérias, dichotes e gabações indecorosas.

Eram os brutos que conquistavam o amor com uma rasteira.

Pirunga, sempre malvisto dos cabras, como desterrado, não se quadrava a esses costumes.

Lançavam-lhe em rosto:

— Pune pelo sertão, mas veio afinar o cabelo no brejo...

Ele acamaradava-se com um catingueiro homiziado no engenho, oriundo dessa faixa de criação e de cultura algodoeira, onde se desfrutava um melhor aparelhamento econômico em mais precárias condições naturais.

E confienciavam:

— Eu arrenego da bondade deste calcanhar-de-juda. Nos meus mundos não se vê disto...

— Tomara já me escafeder!...

Valentim aproximou-se, com o ouvido à banda, a seu modo. E fechou a cara à vista do feitor. Não disfarçava essa ojeriza. Costumava dizer:

— Esse tipo não me entra...

E deixou a bagaceira chamado pelo senhor de engenho para ajustar uma empreitada.

Os cabras maliciavam:

— Cada amarelo tem seu dia... O patrão está abrindo dos peitos...

Entrou na casa-grande pela primeira vez. E, vendo um retrato na parede.

— Eu me parece que conheço essa figura...

Ficou cismando, com o dedo na testa.

— Até dá os ares com a sua filha, não é? — perguntou Dagoberto.

E, intencionalmente:

— É bonita: dá aparência com ela...

O sertanejo saiu precipitadamente e foi tirar Soledade da bagaceira corrutora que lhe derrancava a inocência.

Encontrou Lúcio.

— O senhor, moço, não parece daqui...

O estudante comparou a mentalidade do engenho, resíduos da escravaria, os estigmas da senzala, esses costumes estragados com a pureza do sertão.

E sentia que, com o andar do tempo, se estupidificava nesse meio execrável.

* * *

De repente, ergueram-se os cambiteiros, como movidos por uma só mola.

Toda a jolda extenuada que parecia incapaz do mais leve movimento disparou desabaladamente.

— Pega! pega! — retumbava a gritaria uníssona. Cada qual que quisesse atravessar-se diante da correria desordenada.

Era Pegali que assomara no alto com uma preá nos dentes.

Atrás da caça fácil de apanhar nos mondés ou nos fojos, porém mais fácil na boca do cachorro, agitava-se toda a população faminta.

Pegali fugia e parava assustado, olhando para trás.

Afinal, largou a presa, levantou a perna e fez a sua necessidade em cima dela.

Não era preá: era punaré — um rato do mato...

A VERTIGEM DAS ALTURAS

Soledade queria, por força, conhecer Areia. Quero-porque-quero.
— É ali — indicava Pirunga, estendendo o pescoço. — É um salto de pulga.

Valentim diligenciava despersuadi-la: Que ia empalhá-lo. Esperasse pela desobriga...

Mas, era por causa dos bêbedos desbocados que voltavam, aos bordos, tomando liberdades com as moças encontradiças.

Ela instava:

— Tão pertinho!

Não podia adomingar-se; pelo menos, a feira.

Tanto bateu, que ficou por isso: iria num sábado.

E foi, afinal, junta com o pai, num dia de feira.

* * *

Da chã ela enxergou a gameleira imemorial, como o céu verde da cidade.

Via as manchas de barro vermelho da encosta, a terra esfolada.

E, atreita aos longos plainos nativos, às várzeas intérminas, começou a sentir a curiosidade das alturas. Sem nenhum sentimento do pitoresco, não deixava de admirar essa beleza que a gente só sente uma vez, porque toda admiração é um pouco de surpresa.

Aos acidentes do caminho, Areia aparecia como encalhada nos astros e desaparecia num desmaio. Entremostrava-se, feita uma nuvem Poisada na verdura. E, logo, fazendo negaças, sumia-se, parecia ter descambado no abismo.

Enfim, já se não ocultava, como nas manhãs de névoa. Branquejava. Resplandecia com a cal do casario branco dourado pelo sol montanhês. Toda ensoalheirada.

Soledade distinguia a cidade debruçada sobre a voragem. Mal equilibrada no dorso da serra, fino como um gume:

— Chega dar agonia na gente!...

Circundava-a uma natureza de contrastes, toda complicada em curvas violentas. Fragmentava-se em morros. Alteava-se em desfiladeiros. Uma imagem de voos e de quedas. O gênio de criação em surtos inspirativos e em despenhos de fadiga. Vertigens siderais e prostrações nas grotas sombrias.

O horizonte trancava-se de um lado quase rente com os telhados e recuava, do outro lado, até a infinita perspectiva.

Era a eminência eugênica, empinada no céu, que criara nessa exaltação do granito florindo em tantas alternativas, um gênio de pintura — a sensibilidade artística de Pedro Américo.

* * *

Pouco interessavam os lugares-comuns da feira:

— As crianças areienses, como querubins evadidos do céu vizinho. Meninos brancos com uma exposição de rosas nas faces.

— Uma mulher vendendo um papagaio. 10\$000. Ninguém queria.

Dava por menos: 8\$000, 6\$000... E, com o papagaio no dedo, beijando-o, cheirando-lhe as asas. Afinal, vendeu-o e entristeceu, porque não tinha mais, em casa, quem lhe chamasse pelo nome...

— Por esse preço, volto com ele.

Era o porqueiro, condenado a voltar na distância de 4 léguas, em marcha de suíno gordo.

— Galdino Cascavel era um velho excêntrico. Trazia a carga de corda de caroá num boi encangalhado. E, às tantas horas, comia, em plena feira, rolos de cobra com farinha seca.

— Vendiam faca de ponta e cachaça, para que a polícia e a justiça cumprissem, depois, o seu dever.

— A feira de cocos era um tintim por tintim... Comprava-se pelo som, batendo com uma moeda.

Moeda corrente: pelega, bagarote, selo, cruzado, pataca, xenxém...

* * *

Valentim reconhecia algumas filhas de pequenos fazendeiros como criadas de servir.

— Seu pai, menina?

— Acho que morreu...
— E seus irmãos?
— Também acho...
— Porque não dão sinal de vida.

* * *

Na feira dos cavalos:

— Este é de baixinho a baixão. E também no rojão do meio. Não é dizer que é pedido de rédea: é cavalo liberal. Manso que é um pensamento.

— É estradeiro. — É passarinho. — Ronca o palheiro. — Cavalo foureiro deixa o dono no terreiro. — Bebe em branco. — Tem sinal encoberto. — Mão branca, mão manca. — É o que há de ardiguesia. — Vai cabeando... — Sua em pé...

Valentim, curioso, aproximou-se com Corisco pelo freio.

— Quer fazer uma barganha? — acudiram os ciganos.

E iam logo desfazendo no bucéfalo:

— Cavalo melado mela o dono e o encerado...

— Não é meu e nem que fosse... Mas, quando deita a cabeça na anca de uma rês, não há homem pra esbarrar — acentuou o sertanejo.

E os ciganos, desenganados da troca:

— Está até manteúdo. E não é um mondrungo tungão. Parece quartau de fiança...

* * *

Um zunzum. Um fecha-fecha! Um corre-corre!!

— Que foi? Que não foi?

Trri... Apitos. Trrri...

A feira desarticulava-se. Barafustava-se na incerteza do rebuliço.

Um cego, com os olhos brancos volvidos para o céu, levou, maquinalmente, as mãos aos bolsos. Então, o guia, um garoto de ombro baixo, fez-lhe uma careta que é a forma menos agressiva de injuriar a quem não vê.

Mas sabia que ele era o mais infeliz dos cegos: não ver em Areia!...

Apitos. Apitos.

O ladrão escapara-se pela ladeira do Quebra. E os soldados apoderavam-se dos cavalos da feira para encalçá-lo. Antes que

Valentim pudesse impedi-lo, um deles voou em cima de Corisco e correu à desfilada.

O sertanejo, aflito, avisou Soledade:

— Eu vou atrás do cavalo!

E, volvendo-se, na carreira:

— Eu já volto já-já!

Gritou ainda, sem ver Pirunga:

— Repare minha filha aí! Tome sentido nela!

E abalava para a frente, olhando para trás.

Soledade extraviou-se no tumulto.

Bem que os cabras diziam:

— Aquela dá sorte na rua...

Louçã e bem-feita, sentia-se bela pelos olhos de tanta gente.

E encolhia-se na onda dos feirantes.

Passou-lhe pela mente que poderia ressarcir com esse dom o conforto perdido.

Encontrando-a só, o senhor de engenho deu-lhe uma coisa, às ocultas. Deu-lhe dada.

Lúcio ofereceu-lhe a garupa do seu alazão para conduzi-la à casa.

Ela relutou; acedeu finalmente. Mas, montaria fora de portas.

Vendo-a nesse conchego, as matutinhas debicavam:

— Hum!... hum!...

Um bêbedo, com as mãos abanando:

— Hoje galo canta antes do dia amanhecer...

Soledade achava graça nessas indiretas. E Lúcio ficava sério.

A um tope do cavalo, ela cingiu-o com um grande aperto quase a meter-lhe as unhas no coração. E ele sentia-lhe o hálito no pescoço, primeiro com uma sensação de dormência e, enfim, queimoso como um sopro de fogo de maçarico.

— Está chega não chega — disse Soledade, avistando as cajazeiras.

E simulava inquietar-se:

— Se papai não der por mim...

Queria voltar, com a intenção de rever a cidade ou de prolongar esse contato.

Lúcio retrocedeu constrangido.

Pirunga que vinha vindo da feira divisou-os chegadoinhos na galopada solta. E esfregou os olhos para reconhecê-los.

Ocorreu-lhe, então, uma suspeita terrível.

Esgueirou-se à margem do caminho, como para se disfarçar. E, no ponto em que eles passavam, na esquipada, pondo-se-lhes diante, pulou em cima da poeira e procurou colher as rédeas, num assalto temerário.

O cavalo assombrado upou e levantou-lhe as patas sobre o peito, a pique de atropelá-lo.

Ele arremessou-se num ímpeto mais vigoroso e abraçou-se com o pescoço do animal exasperado que o sacudiu num galão.

Lúcio e Soledade escorregaram pela anca.

E ela alterou-se:

— Leso! Leseira! A gente vai direitinho, esse doido, sem quê nem mais, vem se atravessar!...

— Está no seu direito! — apaziguou-o Lúcio, pegando no freio partido.

Soledade contou ao pai essa passagem. Contou a seu modo.

Pirunga, interpelado, explicou:

— Foi porque eu maldei... Não tinha que ver moça fugida...

— Por esse eu boto a mão no fogo — tranquilizou-o Valentim.

Mas, quando encontrou Lúcio, carregou o sobreceño e não lhe deu palavra.

AMOR, LEI DA NATUREZA

Soledade tornara, a pouco e pouco, à desenvoltura de seu natural.

Criada, sem brincos de menina, nos folguedos dos irmãos mais velhos, contraíra os mesmos hábitos de liberdade e de audácia rústica.

E, não logrando condicionar-se à vida sozinha, fugia ao tédio caseiro, vagueando por vales e grotões, com uma vivacidade de passarinho indoméstico.

Recobrava o jeito das escapadas pelos serrotes e tabuleiros sertanejos, atrás de frutas do mato ou dos cabritos fujões.

Não se acomodava com as raparigas serranas. Entrava, às vezes, pelo cafezal; mas, à sua vista, as apanhadeiras entreolhavam-se e ficavam chiando, como morcegos assustados. Aí, ela largava para mais longe: sempre andeja, enfiava até pelo capão maciço do alto da cachoeira, onde as raposas se acamavam.

Lúcio saía-lhe, mais que depressa, ao encontro.

Sorvia o ar, farejando-lhe o almíscar virginal. E fazia de conta que não a procurava, escusando-se com fingida surpresa:

— Pensei que fosse...

E, assim, confundiu-a, de cada vez, com todos os seres animados e inanimados do Marzagão, inclusive, distraidamente, com ela mesma:

— Pensei que fosse você...

Quando não, dava um sinal para que ela o buscasse: tossia, quebrava um galho, assobiava... As mais das vezes, tossia, de tal forma que ficava tossindo de verdade.

— Si... si...

Era uma cigarrinha maliciosa, dessas chamadas do verão, que os convocava para o idílio.

O outro dia, o senhor de engenho temperava a goela. E Soledade, que acorrera, voltou matutando:

— Teria sido de caso pensado?...

E alongavam-se de casa; descampavam, à solta, por todos os meandros do latifúndio.

Essas escapulas davam que falar aos linguarões da bagaceira:

— Nesse andar, ela se arranja... Só oiço o falaço...

— Já está vagando uma história...

Reprochavam a condescendência de Valentim Pedreira, com restrições ao conceito da honra sertaneja:

— Faz e acontece e, quando acaba, não tem um tiquinho de sentimento. Anda com uma pele-de-ceará nos olhos...

— Só tem uma filha, n'água e no sal. E, em vez de pôr a regra na boca do saco, fecha os olhos porque é com quem é...

E os dois viviam, mais e mais, na intimidade desta natureza alcoviteira que era toda uma exaltação comunicativa nos seus solertes amavios e nos seus frêmitos de vitalidade.

Lúcio, seja dito, não era dos mais sensíveis aos lugares-comuns da criação. Já sabia de cor o canto de todos os passarinhos e não sentia mais o perfume das flores...

Mas, se não o embevecia a beleza espontânea da paisagem, participava de seu toque de humanidade, de sua representação sentimental. E adquiria outra noção do campo. Fruía o alvoroço de um quadro imprevisto nas perspectivas vulgares, de uma brasilidade imutável.

Cobrava o sentido dos cenários despercebidos de seu antigo convívio.

Interpretava as formas vivas, todas as palpitações desse ambiente de coloridos e fragrâncias que lhe reconstituíam a sensibilidade moça.

Andava com uma alegria nova brilhando-lhe nos olhos vivos, como a saúde dos sentimentos renascidos.

O sítio arreava-se de festões incomuns.

A florescência incitativa requintava em milagres de aroma e de cor.

Levantavam-se asas travessas como convites da amplidão.

Tudo se acasalava numa vivacidade amorosa e cantadeira.

As sonoridades incessantes eram o ritmo de um grande beijo criador.

Na contemplação desses aspectos naturais, Lúcio sentia renovos de felicidade.

Posto que incuriosa das coisas visíveis, Soledade não deixava de se deleitar nessa constância de beleza agreste comparada com a natureza precária do seu sertão. Sadia e viçosa, em toda a frescura da puberdade floral, parecia um desabrocho dessa exuberância festiva.

Valentim não dava por essas digressões; por isso não lhe punha cobro à vida buliçosa, mais do que convinha num meio tão incerto. E vedar-lhe a única recreação compatível com o seu gênio irrequieto, privá-la dessa existência livre, enclausurá-la na sujeição doméstica seria subtrair-lhe todo o sabor da serra privilegiada.

Mas, não havia bem-te-vi garoto que os surpreendesse com o seu grito indiscreto. Nunca, a falar verdade, o queimor de um beijo perturbara esses encontros propositados.

Milonga pegou-os, de uma feita, nesse colóquio ao ar livre:

— Benza-a Deus! É sinhá-moça todinha!...

E, fechando os olhos:

— Quando ficar só com ela, faça de conta, meu filho, que é sinhá-moça vinda do céu lhe botar benção...

Tomou a mão de Soledade:

— Beije aqui, ioiozinho...

— Não, Milonga: minha mãe é você — tergiversou Lúcio, abraçando a mãe preta.

Sensibilizada por esse derrame filial, a negra velha alvitrou:

— Não digo que não beije, mas só na mão, ioiozinho, porque sai logo pelos dedos: não vai formigar lá dentro.

O estudante baixou a vista para não encarar os relevos da carnação florescente que solicitava um acesso de beijos da cabeça aos pés.

E ficou a escutar as renovações interiores, sentindo que esse pensamento de amor roceiro lhe compunha outra impressão da vida.

Soledade pouco se dava de sua presença, como se estivesse na companhia de uma amiga ingênua, quando ele a apanhava em graciosas negligências espichada no relvado. Transpunha as levadas, saltava as sebes, subia nas árvores com uma viveza descuidosa.

Um dia Dagoberto divisou-a empoleirada num cajueiro. E espiou para cima:

— Mas, isso é sério! Deixe estar que eu vou dar parte a seu pai.

Olhou de novo, sem querer.

Ela do galho em que estava soltou-se, caindo na folhada, como um fruto gostoso.

E o senhor de engenho não conteve o riso, vendo Lúcio, embaixo, vendado com um lenço.

Mas saiu fungando, ao seu sestro, torcendo o nariz a tudo.

Quando o feitor lhe contava os fracos desse amor do filho, respondia com uma sátira invariável:

— Aquilo, quando chegar à idade de criar juízo, já está mas é caduco.

E fungava ainda, escutando, de longe, uns gorjeios desconhecidos que estalavam no mato...

Lúcio mais Soledade pressentiam que estavam sendo vigiados. E derivavam para outros lugares.

Uma sombra que se intrometia, o gemido dos anuns amoitados, o araticum espapaçando-se num baque frouxo — tudo os sobressaltava.

Só, então, se sentiam mais juntos um do outro; tinham o pudor do ermo, apenas com as testemunhas da natureza inocente.

Calavam-se, cada qual com medo de falar.

Soltavam-se as mãos desconfiados.

Era uma cabeça de preto que os espreitava. Nada: era um cupim indiferente.

— Terra de negro!... — desdenhava Soledade, achegando-se.

Pirunga tinha-os de olho. Punha-se de guarda, dissimulando-se nas árvores mais folhudas ou alapardando-se nas moitas de camará.

A quando e quando, repontava num atalho, como quem não queria e querendo.

Soledade descobria:

— Só acerta com a gente por causa do cachorro: ele vê, mas não sente.

Até que, uma vez, Lúcio saiu-lhe à frente e interpelou-o com azedume.

Essa energia desacostumada avivou Soledade que ajudou:

— 'Stá aí! 'Stá vendo? Ticaca!...

Assim o chamava em seus arrufos. No sertão ia pegando. Não que ele fosse catिंगoso. Efebo sadio, se tinha algum pituim, era o bodum do chiqueiro.

Vinha-lhe o apelido de um episódio da infância. Fora o caso que, quando menino, dera com uma maritacaca detrás do serrote da acauã.

E, como não tivesse olfato, de nascença, procurou alcançá-la. A bicha defendeu-se, o quanto pôde, com a micção fétida. Ele nem se dava disso. Que gentil e mimoso animalzinho!

Trouxe-o nos braços, como um achado curioso.

Misericórdia! Tudo se impregnou do mau odor.

E, depois de muitas esfregações, ficou sendo Ticaca.

Aspirando o cheiro que se evolava de Soledade, o estudante apiedou-se de Pirunga a quem faltava um sentido tão precioso. E imaginou com que fúria ele a amaria, se lhe sentisse o bálsamo do corpo virgem.

Essa vigilância era um incitamento.

Reparando nos cipós reentrantes enroscados num tronco velho, vingando a copa inflexa, cingindo a ramaria asfixiada. Soledade cobiçava essa dominação desigual. E, vendo as orquídeas nas árvores rijas, tinha vontade de concitar Lúcio a um amor mais franco:

— Dá-me apoio e eu te darei as minhas graças; dá-me seiva e eu te retribuirei com a alegria do coração.

Com as chuvas janeireiras a paisagem cobrava expressões mais vivas. Malbaratava seus mimos num luxo de todos os matizes. Flores singelas salpicavam a alfombra numa policromia profusa, como se o último arco-íris se tivesse desmanchado, aos pingos, na verdura assoberbante.

O milharal embandeirava o sítio em festa.

Lúcio andava tão revertido a esse estado natural que tinha venetas de espojar-se na relva, sujar-se de frutas machucadas, beber o orvalho em folhas.

Escapulindo-se desse enlevo, Soledade correu ao batedouro.

As lavadeiras acocoravam-se arregaçadas até as coxas, mas com as saias tão bem traçadas, que nem de cócoras estavam descompostas. Parecia uma vegetação multicolor à beira da levada.

As que vinham chegando desatavam com as trouxas um mundo de intimidades. Cada vestido era a impregnação de um corpo. Havia panos sujos de almas.

E davam à trela:

— Ainda estou por ver uma moça mais foguete!... Solta de corda e canga e o branco sem respeito na batida dela...

— Mais hoje, mais amanhã, esse negócio acaba em choro de menino...

— Minha negra, não é por falar, mas já caiu na boca do mundo.

Não vale mais um dez-réis-de-mel-coado...

— Eu estou é aquela bichota pensar que aquilo não passa de paleio, que moço branco é pro bico dela...

— Pirunga anda cabreiro, num pé e noutro...

— Até o senhor de engenho, bichinha!...

— Adonde? Não vê logo!...

— Bonitota é. Chegou aqui guenza mas está que parece uma imagem.

— Não ofenda a Deus, mulher! Imagem? Tinha que ver... Bonita, nada! É só engraçadinha...

Soledade percebeu essa linguarice excitante.

Coibiu o primeiro assomo. E perguntava-se, com uma ingênua curiosidade, por que essa atoarda era inverídica. Se os homens se comportavam assim, como os bichos de sua convivência, nas cenas de fecundidade da fazenda, por que Lúcio, que a seguia por toda parte, como o marruá acompanha as vacas solteiras, não lhe dera ainda um sinal dessa animalidade?

Ao outro dia, o estudante achou-lhe um ar diferente, com um riso menos solto e uma graça mais sóbria.

Corava-se, sem ter de quê, com as pálpebras descidas, num rubor que latejava.

Tinham dado num dos recantos mais amáveis.

Ouviam-se cochichos de ramos que se esfregavam uns aos outros.

Era um chilrear sem fim nos moitedos frementes. Os passarinhos cantavam dentro das copas fechadas como num viveiro tumultuário.

A manhã estava tonta de claridade.

E Soledade retesava o busto firme nuns espreguiçamentos involuntários. Revelava outra expressão feminina. Depois, caiu numa lassidão:

— Eu não passo de uma retirante... Ninguém quer saber de mim...

Emendou, com um entono engraçado:

— Mas, se não fosse a seca, eu não levava em conta...

Ainda, a sorrir, com uma sombra de desdém no arrebite do nariz:

— Eu sou tão fe-e-ei-a!...

Lúcio retrucou, maquinalmente — À mulher basta ser bela...

E, ao cabo, consolando-a:

— Não, Soledade, mesmo com a seca. eu não vejo outra...

Ela interpretou a seu modo:

— Ah, é assim?...

Em seguida, o estudante pegou-lhe as mãos que, sem anéis, eram mais ostensivas na sua beleza.

Ela provocou outra confissão:

— Está fazendo pouco em mim...

E Lúcio entrou a mirá-la com um enternecimento abstrato.

Enfarava-se. às vezes, de sua ledice volúvel; tanto mais triste e sofredora, mais a queria, como a figura magrinha e dolente da estrebaria.

Soledade enfastiava-se dessa expressão de inteligência e de desgosto. Intentou voltar, desapontada, pretextando:

— Estou morrrr-rendo de sede!

Embaixo, fluía a cascatinha resguardada pelas cajazeiras embrulhadas nos seus fichus de trepadeiras.

Lúcio aconcheou a destra, colheu a água e deu-lha a beber. Ela sorveu-a, aos estalidos, com os olhos verdes revirados e ficou chuchurreando os beiços na palma da mão tremente. Depois de dessedentada, comia-a de beijos.

E ele, todo escarlata, contraía os dedos e machucava-lhe a boca sôfrega. Forcejava, muito atrapalhado, estancar-lhe o jorro do coração.

Soledade agastou-se, enfiada:

— Brejeiro! Não nega que é brejeiro...

Voltaram contrafeitos e calados — Lúcio com a ideia fixa da honra sertaneja e Soledade como que repesa da efusão leviana.

Ao separarem-se ela desculpou-se:

— Foi só brincadeira; para ver o que você fazia...

E ele, sem responder, aspirou, longamente, a mão beijada; mas.

logo, corrigiu o efeito desse gesto:

— Nós somos como irmãos; eu queria ter uma irmã.

Daí a poucos dias, Soledade recebeu-o com uma pontinha de mistério:

— Eu nem lhe digo!...

E, depois de muito rogada:

— Sabe que estão maldando de nós?... Em homem não pega nada...

Mostrou-lhe a barra do vestido:

— Você está livre, mas olhe saia como pega carrapicho...

Lúcio não ignorava essas murmurações:

— Ninguém pode tapar a boca do mundo...

— Nesse caso, eu não posso ser sua irmã...

— O povo não diz?

E afastou-se, como de vez.

Parou no pomar para colher uma laranja com um gesto desastrado de Eva. E feriu-se na mão.

Voltou com uma graça careteira e o dedo a sangrar.

Lúcio penalizou-se:

— Não tem nada: passa já.

E ela deu-lhe o pingo de sangue a chupar até estancar.

Tinha na boca um ricto caricato e os olhos glaucos riam disfarçadamente.

O xexéu pontual grazinou uma pilhéria.

Soledade gracejou:

— Você chupou com tanta força que o coração ia saindo...

E, com uma ironia pronta:

— Agora, você tem meu sangue nas suas veias; agora, sim. você é meu irmão...

— Eu já o tinha. Soledade...

— Imagine!

Vibravam, à toa, outras vozes galhofeiras.

E vivaz, como se tivesse asas em todos os sentidos, ela entrou em alegrias repentinas, nas repreensíveis travessuras de sua natureza indócil.

A palpação das narinas dava-lhe um ar mais picante.

Emboscava-se nas moitas arremedando os anuns.

Assanhava os maribondos. E desferia a rir, perante as piruetas de Lúcio, que punha as mãos na cabeça, aperreado.

Os passarinhos cantadores respondiam a esse riso (de verdade!...) com uns trinados idílicos, como se estivessem respondendo à companheira extraviada.

Nisto, surdiu o feitor. Esfregou a mão na axila e tirou a caixa de maribondos, todos quietos, inofensivos, como abelhas brasileiras.

— Como é isso, Manuel? — inquiriu o estudante.

Manuel Broca passou, de novo, a mão no sovaco e apanhou, impunemente, outra caixa.

Lúcio rendia-se a esses caprichos inocentes. Só via em Soledade a solteirinha intata, de uma graça tão menineira, que, às vezes, tinha ganas de tomá-la ao colo.

Nesse ambiente afrodisíaco, nutria um amor sem carnalidades, um idílio naturista, com o sabor acre de fruta de vez, junto aos abandonos e aos modos de indiferença ou de entrega dessa mulher perturbadora que alvoroçava todo o Marzagão.

A semelhança evocativa amortecia-lhe os apetites indiscretos que a natureza velhaca lhe destilava no sangue tropical.

E governava as venetas de gozo. Chegava a ter remorsos dos sonhos ruins.

Soledade quedou-se, uma tarde, a ver o sabiá-gongá comendo pimenta. Depois, o passarinho nacionalista foi piar no olho de uma umbaúba, poisadouro das preguiças.

Em câmbio, o galo-de-campina concertava uma autêntica melodia de beijos ou coisa assim.

E ela ficou olhando outros passarinhos acasalados — o macho, de ordinário, mais bonito que a fêmea. E era também o que cantava.

Então, voltou-se para Lúcio, esquecendo-lhe o nome:

— Esse menino, você é tão capiongo: nem abre o bico. Faz toda a vida que não me conta uma história.

Um ventozinho madrigalesco mexia-lhe as madeixas curtas, ora alargando-lhe a testa, ora cobrindo-lhe os olhos.

E ele começou, espiando para cima:

— Era uma vez uma fada. Como não havia tão bela entre os anjos e as onze mil virgens, o céu vivia a mirá-la, todo o dia que Deus dava, com o seu olho de sol, muito aceso e namorado. O sol crescia e se enchia de luz pra ver melhor. Nenhuma nuvem passava por essa visão de fogo. E o céu era tão feliz que não chorava mais. Nem uma gota d'água! Por causa desse namoro, as fontes foram secando, as árvores esfolhando-se, a terra estorricando...

— Deixa de enjoio, enjoado!... — interrompeu Soledade, atinando com a alusão piegas.

Enjoava-se dessas fantasias.

Lúcio sombreou-se. E alçou a mão:

— Espera aí! Não parece um gemido?

— Não é o cacho que vem saindo?... A bananeira está parindo.

como lá diz... — explicou Soledade, rindo desse temperamento sensitivo.

E os mangarás oscilavam, como cobras de cabeças vermelhas abrindo os dentes brancos.

Encalmava-se o dia.

Desvãos de verdura, moitas de uma confiança exemplar com que guardavam as sombras doces, ofereciam-se a esse enleio amoroso e confiado.

Eram gasalhados convidativos, recessos nupciais. O bambual com o refrigerio dos seus leques. O dossel de maracujá com flores e frutos.

O melão bravo, envolvendo um arbusto, todo salpicado de ouro, formava um ninho acintoso.

Soledade chamou:

— Quer entrar naquele sombrio?

E Lúcio, nas suas dúvidas, hesitou:

— Eu sei?...

Ela levou-o pela mão.

Era um leito macio e natural no folhiço amontoado. Entrava, apenas, uma réstia de sol, como vela acesa na penumbra discreta.

Vendo o tálamo floral. Soledade recuou:

— Engraçado! Tinha que ver eu me amoitar...

Ocorria-lhe um pudor de última hora, pelo sim, pelo não.

Lúcio ficou dentro, amuado:

— Bom!... E você pensava que eu ficava?...

Ela foi sentar-se no cajueiro da alameda, o de galhos desiguais.

Pirunga passou e deu-lhe uns favos de enxuí, trazido da mata. Tão medíocre, nem se comparava com o enxu do sertão que medrava, previdentemente, para as reservas da seca.

Lúcio tornou, meio esquerdo.

Afogueava-se a poesia do verão.

Um bruto meio-dia. O solão esparramado.

E as árvores tostadas franqueavam-lhe sombras hospitaleiras que nessa quentura eram uma obra de misericórdia.

As cigarras aplaudiam a fulguração triunfal.

Começavam cacarejando — có-có — com um choco miúdo.

Rechinou um grito, a esmo. Outro. Mais outro. E pegou o desafio sonoro.

Havia troncos crespos de cigarras cantadeiras. (Quem duvidar é só ir ver na serra.)

As macaíbas prediletas tinham cigarras como espinhos.

Com pouco, toda a alameda zinia, como se cada folha fosse um asa estrídula. Parecia que o zênite radioso apitava em cada raio sol.

E os cajueiros quietos, como à escuta.

Zonzo e adormentado no torpor do mormaço. Lúcio caiu num abandono gostoso. Na grande luz passou-lhe uma nuvem pelos olhos.

Soledade, ao lado, inclinava a cabeça cacheada. E ele, sem dar por isso, de olhos fechados, puxou-a a si, passou-lhe a mão pelo pescoço e, apanhando-lhe o queixo entre os dedos, ficou a afagá-lo, esquecidamente. Rente a ela, evitava-lhe, entretanto, os contatos fortuitos.

Depois, principiou a franzir os lábios, formando um bico suspeito. Conhecendo-lhe a intenção, ela torceu a cara, com medo de algum beijo de surpresa.

E esperou-lhe a boca ansiosa com o favo de enxuí.

Que sabor dulcíssimo!... Tão doce que ele cismou. E, descobrindo a traça:

— Sabe que mais? É bom acabar com isto!...

Soledade troçava essa zanga:

— Ih, você!...

E, ato contínuo, caiu-lhe aos pés, enrodilhada, como uma gata camarada.

Com o rosto baixo, fitava nele os olhos revirados. Fiava-se nos tóxicos desse olhar.

Finalmente, levantou-se e enfiava-lhe os dedos pelos cabelos, como uma caranguejeira venenosa:

— Tenha juízo nesta cabeça de vento.

E voltou ao mesmo estouvamento. Perpetrava leviandades graciosas que não induziam a menor malícia, mas eram de molde a suscitar desconfianças.

Apontava as macaíbas bojudas com comparações indiscretas, etc., etc. Tudo com a simplicidade de quem nascera e crescera, vendo o curral pegado à casa.

Lúcio ralava-se:

— Já teria o pudor deteriorado pela contaminação da bagaceira?

E, uma feita, repreensivo:

— Soledade, você, uma moça feita, tomando banho no açude!...

Ela ia, de fato, banhar-se, às noitinhas. E ria, escandalosamente, quando as piabas famintas, como as pirambebas do rio do Peixe, lhe beliscavam as coxas pubescentes.

A água baldeada, às borbulhas, como que fervia ao calor do seu corpo núbil. Não parecia água morta; não tinha a corriqueira insensibilidade de espelho, com fundo de lama.

E ele esforçava-se por persuadi-la da consciência do lar. Mostrava-lhe o jenipapeiro sobrecarregado, sem uma folha:

— Olha, aquilo é como a mãe de família: despe-se de todos os ornatos, renuncia a todas as vaidades, para ficar só com os seus frutos.

Ela redarguia:

— Eu não vou nisso. A gente deve ser como o pau-d'arco, que fica sem uma folha pra se cobrir todo de flores.

E indicava ainda o mulungu. Na verdade, toda a árvore sangrava.

Toda borrifada de sangue fresco, numa palpitação de carne viva.

Vendo que o casaca-de-couro compunha o ninho com espinhos e gravetos, Lúcio censurava:

— Passarinho chabouqueiro!...

Só compreendia o amor conchegado em plumas.

E Soledade lembrava o beija-flor que nidifica, de preferência, nos pés de urtiga. Comparava:

— Veja como o coração é bem guardado! A gente não pega, não vê...

E, levando a mão ao peito:

— ... mas é o que se sente mais: bate sem parar e bate, dentro, com mais força, quando já não nos pertence...

Uma tardinha, ela estacou perto de casa e pediu a Lúcio que lhe abotoasse o casaco aberto atrás.

Com os dedos desastrados, ele afluava-lhe as espáduas capitosas.

Sentia-lhe na penugem da nuca um cheiro extraordinário de bogari machucado.

Ela encolhia-se, aos toques casuais:

— Olhe, direitinho!...

E virou a cabeça. Estavam as casas desencontradas. Com uma só mão fechou o casaco prontamente — sinal de que o havia desabotoado por gosto.

Era para mangar com ele...

— Isto é que é!... vociferou Pirunga, irrompendo de uma touceira de cana.

E, avançando, mal-encarado, terrível:

— Pois o senhor desencabeçando essa desmiolada!...

— A gente não pode nem... — interceptou Soledade.

A fervura do sangue queimava-lhe a cara.

Lúcio repôs-se a custo:

— A gente não pode nem...

— ... nem o quê, branco sem respeito!

— ... abotoar.

Pirunga tomou o verbo no sentido brasileiro e apresentou-lhe o peito forte:

— Abotoe! Abotoe! Abotoa nada!...

E teria investido, se Soledade não o houvesse chumbado ao solo com o olhar agridoce.

* * *

Dagoberto chamou Lúcio à parte e aferrolhou-se com ele.

Grave e contrafeito, não tinha por onde começar. Enfim, tatibitate, referiu-lhe uma tradição local:

— Você conhece a história de Carlota?

— Tenho uma ideia...

— Era uma mulher do sertão do Pajeú. Descera na seca de 45 e ia arrasando o Brejo...

Torceu o nariz e retificou:

— Ia arrasando, uma história: arrasou, bem arrasado!

Procurou colher a primeira impressão nos olhos do filho e prosseguiu:

— Sertaneja, quando é boa, é boa; mas, também, quando desencabeça!...

E, tendenciosamente:

— Então, se é bonita...

Continuou:

— Carlota chegou aqui na tira; mas, com pouco, estava feita uma senhora dona. Vivia como uma princesa na roda das famílias. Bastava ser espingarda do chefe, um homem de poder e dinheiro que mandava em toda esta redondeza.

E, usando de uma familiaridade a que Lúcio estava desafeito:

— Mas, meu filho, a mulher parecia que tinha trazido todo o cangaço do sertão e o fogaréu da seca debaixo da saia. O fim foi aquela derrota! Ela mandou matar um deputado geral — o dr. Trajano Chacon. A política virou. E nem lhe conto: morreu Beiju enforcado; foi gente pra Fernando. Os maiorais da terra... Ela também.

E, num desalento patriótico:

— Areia nunca mais se levantou! Vá por todo este distrito e, se encontrar um ente de Deus com o nome de Carlota, eu dou o pescoço à força...

Lúcio explodiu:

— Então, o senhor conheceu Carlota?! Era bonita mesmo? Sim, devia ser muito bonita!

Dagoberto deu de costas.

E, sob a impressão romanesca desse episódio amoroso, ele correu à casa de Soledade.

Não a encontrou.

Nesse comenos, seria capaz de exumá-la, se ela tivesse morrido, tamanha era a ânsia de vê-la.

Deu com ela, afinal, na mais grotesca atitude feminina, de cócoras, abrindo sulcos num leirão do coentro.

Quedou-se a fitá-la, em silêncio, com os olhos gulosos, como se nunca a tivesse visto. Idealizava-a numa figura de romance. Pressentia-lhe as fatalidades de Helena e Carlota, destruidoras de cidades.

Afigurava-se-lhe que naquele grosseiro mister ela estivesse abrindo a vala dos futuros sacrifícios, dos holocaustos à sua beleza fatídica.

Sentia-se predestinado a participar dos seus maus fados.

Então, fora de si:

— Soledade, dá-me o beijo de morte! Comunica-me num beijo o teu destino de tragédia! Liga-me aos teus maus angúrios!...

Ela, surpresa e garota, jogou-lhe em cima dos pés uma cobra de duas cabeças que acabara de desenterrar da lama.

E ele baixou-se e passou a examinar o corpo cilíndrico da anfisbena, sem distinguir-lhe os olhos minúsculos:

— Duas cabeças e cega! Não admira, pois, que, com uma cabeça só, eu viva nesta cegueira... E dizer que foi a própria luz da inteligência que me cegou!...

Depois, ficou a considerar que não havia termo de comparação entre Carlota e Soledade — uma conspurcada na mancebia adúltera, a outra um "anjo de inocência".

Procurou escusar-se do seu ousio. Mas, Soledade fingia melindres:

— É: você merece um castigo...

E escapou-se, lesta, para casa. Ele seguiu-a, até que, no jardim, as roseiras compactas a prenderam pelo vestido, numa alcovitice espontânea.

Lúcio pegou-a:

— Diga qual é o meu castigo.

— Veja só!!!

— Diga!

E ela, toda corada:

— O castigo de ter pedido um beijo é dá-lo agora...

E exibiu-lhe — logo quê? — a boca saborosa, entreaberta numa tentação sanguínea, por onde se dava toda a alma.

Tomando esse desplante em conta de brincadeira. Lúcio riu-se:

De verdade?

E ela encalistrou:

— Brejeiro! Não nega que é brejeiro...

GENTE DO MATO

Lúcio não se dissociava do problema humano do Marzagão.

Sua nova sensibilidade tinha uma direção mais útil e um ímpeto criador.

Reconciliava-se com a terra feracíssima, isenta de todos os obstáculos do trabalho: de nuvens de gafanhotos, tufões, geadas, secas, terremotos...

Mas só era rica a natureza.

Ele calculava como essa vitalidade poderia ser produtiva. E via a índole de progresso do latifúndio coartada pelos vícios de seu aproveitamento.

Quanta energia mal-empregada na desorientação dos processos agrícolas!

A falta de método acarretava uma precariedade responsável pelos apertos da população misérrima. A gleba inesgotável era aviltada por essa prostração econômica. A mediania do senhor rural e a ralé faminta.

Tinha a intuição dos reformadores; tentava assimilar os melhores estímulos da luta pela vida. Mas seu instinto de ação ainda era inutilizado pelas sentimentalidades emolientes. Visões exageradas deformavam-lhe o equilíbrio das relações imediatas. Noções confusas, projetos imprecisos resultavam na incapacidade de realizar, no desastre das tentativas. Goravam as concepções práticas.

Com o risco de se malquistar com o pai, ensaiava objetivar esse vago talento de iniciativas. Pleiteava uma aplicação mais vantajosa dessas forças malbaratadas.

Dagoberto era o pé-de-boi do engenho chinfrim. Desdenhava:

— Aquele grangazá só tem palanfrório. Não se pode dar um tipo mais lelé. Por ele eu já tinha me acabado.

* * *

Lúcio forcejava interessar o coração de Soledade na sua assistência aos moradores.

Entravam nas bibocas de gravata. E ela nauseava-se. O chão cheirava a urina velha e a bouba endêmica.

Santo Deus! os guris lázaros, embastidos de perebas, coçando as sarnas eternas. Sambudos, com as pernas de taquari, como uma laranja enfiada em dois palitos.

As cabecinhas grisalhas do lendeaço fediam a ovo podre.

Mas não choravam, não sabiam chorar.

Soledade saía, aos engulhos, desse hálito de pocilga.

E João Troçulho satirizava:

— Essa é como urubu novo que dorme debaixo da asa do urubu velho e lança quando vê gente...

— Vomita mesmo? — perguntou o estudante, sem se zangar.

— Ora, lança até as tripas...

A natureza caridosa procurava encobrir essa miséria. A jitirana encostava-se na baiuca infeta. marinhava pela parede rota e ia desabrochar, toda espalhada, na coberta de palha, formando o que nenhuma casa rica ostentava: um teto de flores.

Os cochicholos secos, como árvores derrubadas, ficavam, assim, bonitos, que nem moitas de manacá.

O jardim nativo balsamizava essa porcaria.

E o vento vinha varrer o terreiro.

* * *

Não havia choça paupérrima que não tivesse um cachorro gafo.

Era o sócio da fome.

Os pobres gozos herbívoros! Comiam capim, pastavam como carneiros.

A canzoada magérrima juntava-se no faro do cio e, mordendo-se, parecia que não tinha outros ossos para roer, — Sique! sique! — estumava o dono da casa, com os dentes cerrados, baixinho.

Só pelo gosto de se levantar e gritar da porta:

— Ca...chorro! 'chorro!

E, num grande entono:

— Já se deitar!

Desse modo, descontava o servilismo irremissível.

Voltava a sentar-se com um ar de quem mandou e foi obedecido.

E, numa última expansão de autoridade:

— Sé-vergonho!

Mas, infeliz do transeunte que levasse o agressor à bordoadada.

Passava também um ou outro porco que de tão magro parecia um cão tihoso.

* * *

Os meninos nus eram criados pelo sol enfermeiro.

Divertiam-se pegando gafanhotos e lagartixas, matando os bichinhos do mato — divertiam-se, como podiam, com essas maldades inocentes.

Às vezes, as nuvens vinham brincar com eles, descendo em sombras, correndo pelos caminhos.

E os garotinhos cantavam para o bambual dançar. Ensinavam ao xexéu a vaiar. Colhiam os frutos silvestres que a mata lhes dava dados. Eram mais alegres que os colegiais afortunados.

Lúcio observava essa alegria, lamuriando:

— Não há nada mais triste do que uma criança triste...

* * *

João Troçulho cedia à ociosidade dominical. Estendia-se. ao sol. como um animal cansado. Como um lagarto preguiçoso.

Lúcio despertou-o:

— Por que não desembaraça aquele cavalo que está se enforcando?

— Eu não tenho conta com cavalo, patrãozinho. Diga a Latomia que está escornado na bagaceira.

Era a manivela das ordens do dia... O sistema de supressão da personalidade eliminava todo o poder de iniciativa.

A mulataria prostrava-se amorrinhada pela fadiga do aluguel.

Deitados, semelhavam torrões da terra preta.

— O pessoal fica aqui panzuando — uma porque não tem traje decente e porque, se Deus se esquece da gente, a gente também se esquece dele — doutrinava João Troçulho.

Soledade amiserava-se:

— Esse infeliz...

O cabra espinhou-se, como nunca:

— Desinfeliz é quem me chama!...

Era o mais afrontoso dos epítetos...

Só havia duas infelicidades para essa condição indizível: as bexigas e o serviço militar. Só tinham medo dessas duas calamidades...

Mas na guerra improvisavam-se heróis.

— Qual é o seu maior desejo. João Troçulho? — indagou Lúcio.

— Comer até matar a vontade.

— Então, é só por isso que devora toda a feira de uma vez e passa o resto da semana em jejum?

— Quem guarda comer guarda barulho...

— E quando não tem o que comer?

— Come com a testa...

Dagoberto tinha a experiência desse regime de privações crônicas:

— Pobre de barriga cheia. Deus te livre!...

Era uma penúria ostensiva que não se envergonhava nem se carpia.

Nada tinham de seu: só possuíam, como costumavam dizer, a roupa do corpo.

Viver assim era, apenas, esperar pela morte.

Mas não tinham ideia de nada melhor. Os contrastes e confrontos é que são chocantes.

Riam sem ter de quê: não cumprimentavam sem sorrir.

E olhavam para cima e viam todo o céu de uma vez.

Passavam fitas naturais nas auroras e nos ocasos miraculosos.

Havia música de graça nos coretos do arvoredos. Perfume de graça em cada floração.

E o sol fazia-lhes visitas médicas entrando pelos rasgões dos tугúrios.

Afinal, valia a pena viver, porque ninguém se matava. Não se dava o caso de um suicídio.

* * *

Lúcio exortava João Troçulho ao trabalho:

— Por que não planta um quinguingu?

— Não se tem fuga, patrãozinho: é no eito todo o dia que Deus dá. Se fosse coisa que se tivesse tempo, mas é no rojão de inverno a

verão. E a gente não tem ganância. O que adianta a gente se matar?

— É pra melhorar de vida.

— Não viu Xinane? Xinane não era viverdor? mas — cadê? — no fim de conta, coisíssima nenhuma. O patrão toca da terra, sem se fazer por onde... De uma hora pra outra, se está no oco do mundo.

Amanhece aqui, anoitece acolá.

— Tem a justiça.

— Agradeço! A gente é de fazer isso! Não vê que ninguém vai fazer mal ao senhor de engenho!

— Por que não endireita a casa. não tira as goteiras?

— Pro homem queimar? Quando bota pra fora e a gente não arriba logo, quer, no fim de conta, tocar fogo e... toca mesmo.

— E faz isso?

— De toda viagem.

— Por que não cria galinha?

— Pra raposa passar no papo? De que serve?

— Qual a parte que cabe ao lavrador?

— É coisa que eu não sei... Quem faz a conta é o homem.

A todas as outras perguntas, o cabra desconversava:

— Eu não sei...

Era o homem que não sabia nada — o instrumento inconsciente que tinha a enxada como o membro principal.

Depois, passou a aprovar tudo com o estribilho de uma inflexão peculiar:

— An, bom!...

E ainda afirmava:

— Não deixa de não ser...

Nenhum agenciava melhor sorte. Na área da fartura, na gleba munificente, propícia a todas as culturas, essa gente vegetativa, de uma passividade fatalista, afeita à lida de sol a sol, não plantava uma rama de batata à beira do rancho.

Lúcio indicava o exemplo do sertanejo:

— No roçado dele não canta cambonje. Chegou aqui chorando miséria; chegou apitando, com uma mão na frente, outra atrás, mas se não bromar...

* * *

No terreiro dos casebres floridos as moças cantavam a bom cantar.
Era a chama dos amores brutais.

As borboletas brincavam com elas: davam-lhes pancadinhas nas faces, como quem bate com um leque madrigalesce.

Passavam as lavadeiras vistas de longe como monstros macrocéfalos — com uma trouxa na cabeça e outra trouxa na barriga. Enchiam as panças, já que não podiam encher os estômagos.

Mulheres extraordinárias! Filhavam uma e, não raro, duas vezes por ano.

Engendravam-se em prazeres fugazes eternidades de sofrimentos.

Os apetites com que a natureza capciosa encadeava as gerações deserdadas eram uma série de sacrifícios irresistíveis. Amplexos de corpos moídos. Procriações desastradas. Fábrica de anjos. A fecundidade frustrada pela miséria e pela morbidez geral.

E meninotas transformadas em peitos, carregando o peso dessas sexualidades improvisadas, cantavam a bom cantar:

— Eu quero é me casar...

Tinham por único adereço o coração aos pulos, como se estivesse dependurado do pescoço.

Se algum vaga-lume errático se sentava em seus cabelos, parecia uma joia furtada.

E o vento desfolhava-lhes nas cabeças os malmequeres votivos.

* * *

Na casa de farinha as raspadeiras com saias cor de estopa conspurcavam a mandioca descascada.

Entravam mulheres embarrigadas, no último mês, debaixo de balaios descomunais.

No veio, cabras de uma anatomia hercúlea suavam como olhos d'água.

— Me dê uma fumaça.

E o cachimbo familiar passava de boca em boca.

O rodete roía os dedos da sevadeira e chiava, em vez dela.

A tarefa prorrogava-se pela noite. E, estendendo-se no forno, como um lençol de linho, a farinha era uma tentação de sono.

Quando o dia amanheceu, Pirunga saiu, levando para Soledade um beiju insosso e crespo.

* * *

Soledade dera para esquivar-se de Lúcio.

Uma feita, recebeu-o no mato, de maus modos:

— Eu serei algum bicho? Cabra é que a gente encheira: Chiqueiro, cabra! chiqueiro, cabra...

— É, pastorando. por causa dos lobos...

— Que lobo, que nada! Pra onde me viro estão dois olhos em cima de mim. Vivem é me vigiando por sua causa. E é feio a gente andar só nestas brenhas...

O estudante ficou-se quebrando os galhos da guabiraba a que se encostara.

Aí, ela explicou-se:

— Papai já anda com uma mosca na orelha e é capaz de fazer uma das dele...

— Pelo velho eu respondo. Ele até gosta que eu lhe faça guarda...

Agora, se você está aborrecida, é outra coisa.

— Você promete segredo? Pois bem: foi o major que jurou botar papai pra fora, se a gente ainda viver...

— Viver o quê?

— ... corricando. Viver... você sabe, seu sonso!... Viver, como lá diz, feito a linha atrás da agulha...

E, alheada:

— Você nem alinhavar quer.

E continuou a dissimular-se nos mil meandros do sítio.

Lúcio andava, com o faro guloso, de latada em latada, rebuscando-a, como quem procura a felicidade perdida.

Até que, um dia, saiu com Pegali.

O cachorro afundou-se no capoeirão.

Ele disfarçou-se e esperou que Soledade saísse. Então, foi ver o seu esconderijo — o dossel amplo e escuso, como um ninho proibido.

Bebês toscos, de pau. E papelitos fechados como para tirar à sorte: o moço, o velho, o carrapato.

O estudante não pôde ver mais nada! Mas sentiu a impregnação dela nas flores inodoras da trepadeira.

Correu e perguntou quase sem fôlego:

— Soledade, quem é velho?

— Quem não é moço...

— Não é isso que eu quero saber! Diga quem é o moço!

— Ora, essa! Moço é quem não é velho...

— Bom! Então, responda quem é o carrapato.

— An! Já sei...

Começou a picar folhas e confessou com imperturbável naturalidade:

— Você viu? Pois fique sabendo: o moço, não digo; o velho é seu pai; o carrapato é Pjrunça...

— Meu pai, Soledade?! Então, meu pai ainda lhe dá flores...
espia-caminho?!

— Eu não digo! Era só o que faltava...

E, pegando-lhe na orelha:

— Você logo não vê que, se seu pai não me quiser bem, você não pode querer... Tem muita coragem pra isso...

Rematou, pegando-lhe na outra orelha, com um mimoso fingimento:

— Olhe, Lu: é preciso que nos vejamos menos pra não nos deixarmos de ver...

A alma fundida pelo sol da seca, afogueada pelas áscuas do verão, andava farta de tanta solicitude ociosa, de um amor entretido de olhadelas e conversas fiadas que se dava por satisfeito com essas atitudes de coração.

Surdiu Pirunga e, vendo o estudante amarelo com as orelhas rubras:

— Olhe que estão fazendo má ausência do senhor...

Depois, notando que ambas estavam vermelhas:

— Um falando de bem, outro de mal...

Ficou, desenganadamente, mirando Soledade com os olhos fixos de cão.

E falou-lhe, ao cabo, entre despeitado e comovido:

— Mas, criatura, não vê que ele não é pra você...

* * *

Correu o mestre atarantado:

— Patrão! patrão!... Uma derrota!

O senhor de engenho não fez caso. Acostumado aos frequentes transtornos do trabalho, já não se dava desses alarmas. Nem, sequer, virou a cabeça. Prosseguiu na sua faina, até que, passados alguns minutos, se voltou com o olhar indiferente.

— Foi uma derrota! Furou-se a tacha na segunda meladura...

— O caldeirote de apurar?!

— Senhor, não: estourou a tacha de receber. E a caldeira de limpar está pingando, vai-não-vai...

Dagoberto arrepelou-se num esgar e abalou para a casa de caldeira.

O fumo do cozimento obscurecia o engenho.

A moagem suspensa. O parol cheio. O picadeiro atulhado. Cana a secar no partido.

Lúcio tentou confortá-lo, com uma emoção pernóstica:

— Meu pai, isto é uma natureza privilegiada e compensadora sem acidentes que retardem os seus benefícios. A terra paga-lhe os sacrifícios da agricultura com generosidade. Veja como os sertanejos, a raça de lutadores, arcam com o clima traiçoeiro...

— E eu encalacrado! Agora mesmo o vizinho entrou na minha posse. Se botar questão, comem o dinheiro e a terra. Se resistir, vem o chefe político e divide com o beijo, tirando o melhor quinhão. E pago em imposto o que não dou em votos. Mas já estou aquilotado.

E, acabando de preparar o tampão de estopa com breu, saltou, arremangado, dentro da tacha quente, num pé e noutro.

Saiu todo tisonado, soprando as mãos.

O mestre encheu a passadeira.

E, de novo, o caldo entornado, chiando na fornalha — chi-chi-chi — parecia apupá-lo.

CHUVA COM SOL

Não trissara uma andorinha que fosse. O alvoroço dessas asas núcias não cindira o Marzagão.

Andorinhas devotas, chovesse ou fizesse sol, adejavam somente na igreja de Santa Rita.

Mas a atmosfera ficara-se, de repente, parada, como à espera de novidades.

Os moradores invertiam os graus com uma prosódia interminável:

— Está preee... tiiinho!

Estava pretão.

— Está bonito...

Bonito era o nascente feito uma carvoeira. A torva fisionomia da estação.

A mata fumarenta entrava a roncar. Roncava como um monstro acuado.

Vinha vindo o barulho pluvial — as bâtegas caindo no folhedo.

E pegaram as chuvas com uma demasia pânica. Dir-se-ia a ruptura do céu num despejo fragoroso.

Os dias lôbregos emendavam com as noites ou, a bem dizer, não havia dias. Eram noites infinitas, dias como noites.

A água, tão boa para purificar, lameirava o sítio. Tudo se fundia em lama.

A enxurrada revolucionária transpunha as represas, inchando, espumando, blaterando...

Os córregos mais humildes rompiam o álveo, espalhando-se, esborrotando as levadas, cacheando pelos baixios.

Mananciais aos gorgolhões, como vômitos incoercíveis.

E os barrancos vermelhos esborcinados sangrando, revendo como jorros de salmoura de um flanco aberto.

* * *

Os retirantes comparavam esse desperdício com os céus tacanhos de seca. A linfa protetora, fonte de toda alegria sertaneja, encharcava até as almas.

De primeiro, Soledade gostava do cheiro quente da terra molhada pelo chuvisco. Lembrava-lhe os campos lavados do Bondó.

Mas a chuvarada agressiva deu para enfastiá-la.

Era a flor de estufa transportada para o atoleiro. Tinha Saudade da quentura das estiagens fatais, dos dias mormacentos do sertão soalheiro.

O que mais a amofinava era não poder vaguear pelos lúbricos lamarentos. O aguaceiro, como uma sentinela à porta, sonegava-lhe as recreações bucólicas.

Lúcio levava-a pela mão. Ela aquiescia, compondo a barra da saia, nas abertas da chuva. E uma pancada d'água tapetava o lameiral de pétalas multicores.

* * *

À noite, a luz escurecia de mariposas.

Soledade abria a janela como para se aquecer no relâmpago. E o vento, sem abrigo, despeitado — vu-vu — deitava água de casa a dentro. As gotas esparsas borrifavam-lhe o rosto como punhados de alfinetes.

E ela dizia para Lúcio:

— Tudo quanto é bicho cria asa no inverno: é formiga, é cupim.

Só a gente não cria.

— Pra voar pra muito longe...

E, esclavinando as mãos, batia os queixos de frio, como em prece...

A saparia começava a toada de sete fôlegos. O comum era um reco-reco rascante. Depois, concertava-se toda a variedade instrumental — carrilhões, castanholas, flautins (um flautim gritante) e, afinal, a pancadaria da jia: bum! bum!bum!

* * *

As araquãs matinais algazarreavam festejando o mau tempo.

Lavandiscas familiares mergulhavam nas poças suspeitas, alvoroçadas, soltando — ninguém ainda reparou nisso — uns beijos

estrídulos, minúsculos e, às vezes, uns risinhos engraçados.

Os moleques trelosos dançavam debaixo da chuva ao batuque do trovão. E brincavam com a lama podre com a mesma satisfação com que os meninos estrangeiros brincavam com a neve.

* * *

Lúcio virou um imbuá. Era a representação do meio entorpecido — miriápode, com tantas pernas e a arrastar-se como uma lesma ou a viver enroscado.

Os cambiteiros, com os andrajos pingando como goteiras, metiam as bestas de carga na insídia dos atasqueiros. Tenteando com as pernas trêmulas, as alimárias afocinhavam o tremedal e, se alcançavam a outra banda, deixavam o rastro com a barriga.

O estudante intervinha. E os cabras teimavam:

— Tem por força passar.

As pilecas estendiam as patas dianteiras e ficavam, às vezes, com os quartos atolados.

Passavam mulheres arrepanhadas exibindo as canelas cinzentas com meias pretas de lama.

* * *

Uma surdina de chuva com sol. Mal se distinguia o que corria do céu: se eram fios d'água ou raios de luz; se a claridade líquida ou a garoa dourada.

Soledade achegou-se:

— Uma história, Lúcio. Daquelas...

— Uma moça que eu sei...

— É aquela história do sol? — ... acostumara-se a namorar com o sol e, quando não o via, dava para ficar...

— Ah. isso não me entoa!...

Chuviscava. Uma chuvinha miúda, conta-gota, antipática, como toda impertinência pequenina. O xixi intolerável.

E repontava. enfim, um sol equívoco, latescente, como a lua temporã.

* * *

Certa noite, vibrava um trovão nervoso, qual o clamor das trevas friorentas.

Acudiu toda a população rural ao pátio da casa-grande, debaixo do aguaceiro, convocada pelo búzio imperativo.

O açude estava a pique de arrombar.

A água prisioneira saltava pela barragem e batia nas pedras com um berro doloroso.

Pirunga, descrente da coragem dos brejeiros, viu, estupefato, de repente, homens e mulheres, às ordens do senhor de engenho, como que formando com os próprios corpos uma barragem nova, atalhando o perigo.

— Está limpando. Levantou o tempo.

E o céu mostrava que era sempre céu: o arco-íris coloria a celagem como um arco de triunfo armado pelo sol despeitado com a caligem que o obumbrava.

O mais que havia era um tempo neutro, como tardes de cinza.

As plantas ficavam arrepiadas, imitando as aves, sacudindo a água de sobre si.

A chuva já não parecia cair das nuvens, mas das copas úmidas.

— O dia está se arrependendo.

Nuvens cheias, como balões.

E o céu encarvoava-se. Ficava baixo, frisava pelo copado, pesava nas cabeças. Reatavam-se os dias lutuosos.

Outro chuvão hostil. A luz do relâmpago molhava-se nas cordas d'água.

E as árvores cavadas ficavam dançando nas raízes, numa dança macabra, até tombarem, pingando, como num suor de agonia ***

O amor de Soledade era uma sinfonia de chuva com sol. Um idílio de venetas — ora de meiguice inesgotável, ora de maus modos. Tão depressa se conchegava rendido, como se esquivava enjoado.

E nessa mobilidade tinha todo o seu enleio natural.

Lúcio intentava aquecê-lo com as calenturas da paixão recrescente. Premeditava um beijo longo, profundo, um chupo doido que lhe desse o gosto do coração. E sobrevinham-lhe as dúvidas... Onde?...

Como?... Começaria pelos dedos ou, melhor, pelas unhas. Se não relutasse, subiria pelo braço; e, se gostasse, na testa, um na testa; e, se anuísse, nos olhos — sim, fechar-lhe-ia os olhos com muitos beijos,

para, então, de surpresa, beijá-la, bem beijada, na boca. Um beijo que lhe deixasse uma cicatriz n'alma. Queria sorver-lhe o aroma carnal que se bebe em beijos.

Encontrou-a numa indolência mole, a cabecear, como se fosse cair-lhe nos braços.

Ela notou:

— Você fala de mim e treme de frio, que nem eu... Que cruviana!

— Não é frio: é calor!

— Então, é maleita?...

— São os dois pólos do amor!

Soledade enterneceu-se:

— Filho, você...

E Lúcio lembrou-se do aviso de Milonga: "Quando ficar só com ela, faça de conta que é sinhá-moça... Não digo que não beije, mas só na mão, porque sai logo pelos dedos . . . "

Ela encolheu-se com uma frieza maior no coração.

E ele saiu, dissuadido, lambendo os beiços secos, sentindo uns ressaibos de beijos goros...

Mas, voltando, daí a pouco, achou-a demudada num derrame de ternura. Chegou a passar-lhe o braço pelo pescoço e ficou a amolegar-lhe a orelha, ora com brandura, ora com força.

O vento alcoviteiro fechou a janela.

Lúcio não atinava com essa mudança instantânea. Mas, quando saiu, viu o céu aberto numa grande claridade de parabéns.

E as poças acendiam-se como espelhos embaciados.

Fora o toque da luz o segredo desse agrado fictício.

O estudante anunciou a volta para a academia.

Esperou um lance de saudade. E Soledade permaneceu glacial como o tempo.

Procurou despertar-lhe ciúmes. Ela fez pouco:

— E eu que me importo?

De noite, rebojava na cama. Não se lembrava dele, mas sentia que lhe faltava alguma coisa, como alguém que dormisse sem travesseiro.

ENTREVER É PIOR DO QUE VER

Atentando nas novas rugas que, dia a dia, sublinhavam o rosto de Valentim Pedreira, Latomia conjecturou:

— Aqui anda coisa...

Os outros moradores observavam:

— Vive de orelha em pé; anda de venta inchada...

A dúvida era um insondável sofrimento. Oscilava entre o remorso do juízo temerário e o horror da realidade.

O sertanejo apoquentava-se pela primeira vez na vida. Ganhara-o essa premente desconfiança. Diligenciava sopesá-la; fazia tudo para refugar a suspeita corrosiva que lhe atuava até no sono em sonhos intrigantes.

Mas a ideia teimosa fermentava. Era um rói-rói diuturno.

A constância desse pressentimento assanhava-lhe os maus instintos.

Ele sondava Pirunga por palavras travessas.

E, enfim, confidenciou:

— Desde que isto se encasquetou na minha cabeça que vivo com a cara calçada de vergonha.

Referiu-lhe uma circunstância qualquer.

— Lá por isso não — objetou-lhe o rapaz.

Soledade revelava novas encenações de beleza. A carnadura de relevos ostensivos era um canteiro de tentações.

Valentim não a largava de si.

No caso que andasse enamorada, seria uma determinação natural; mas parecia-lhe que ela propendia para um amor criminoso.

Que, desde a partida de Lúcio, tinha outras maneiras, tinha e a ninguém passava despercebido. E esses modos acusavam certa transformação interior.

O pior, porém, era a ostentação de feminilidades magníficas, como oferendas da natureza seivosa.

E Valentim espreitava tresnoitado.

Recompunha, de uma feita, as impressões mais verossímeis e, aí pela madrugada, escutou uns estalidos, como boquinhas em surdina.

Levantou-se, pé ante pé, como se andasse sobre espinhos.

Aplicou o ouvido à escuridão quieta.

Era o cão bocejando e espulgando-se.

Mas, à maneira que decorria o tempo, ele sentia que se confirmava a cisma renitente.

Reprimia, a custo, a rebentina. Resfolegava. E receava ferir a inocência da filha com uma interpelação imprudente.

Até que, um dia, não teve mão em si. Botou-se a ela, num esgarrão de raiva. Aferrou-a pela gorja, fitando-a na cara, querendo perscrutar-lhe o segredo dentro dos olhos.

— O quê?! Eu?! — interrogava Soledade, como ave presa na esparrela.

E ele abafou a veemência para não lançar-lhe em rosto uma suposição indecente.

De outra vez, como tivesse sentido um cheiro incomum, entrou a fungar. Relanceou a vista. Revistou todos os cantos da casa. E deu com o pé no baú de lata, revirando-o.

Espalharam-se pelo chão vidros de oriza, joias baratas, estojos, toda uma quinquilharia suspeita.

Aqui, ele, numa explosão do mau gênio, tirou-a pelo cabelo, violentando-a a confessar a origem desses mimos ocultos.

Tornou ela, com a maior naturalidade deste mundo:

— Papai está mas é caduco! Isso não é besteira de Pirunga?...

O rapaz, que acudira ao grito estentoroso do padrinho, chegou em tempo de ouvir essa declaração.

Valentim tossiu. E a tosse pegou em todos três.

Entrou em si e apanhou um lençinho de crochê:

— Quem dá presente de lenço... diz que acaba brigando...

Tirava um peso da consciência. Pacificava a honra sertaneja.

Pirunga esteve em confirmar a evasiva embusteira, porque ganharia com essa transigência, num lance tal, o amor disputado a tanto custo.

Remirou a prima. Seu rosto não denotava nenhuma perturbação; mas, reparando-se bem, os olhos confessavam-se de algum modo.

E, dando-lhe as costas, com medo de vê-la, protestou:

— É menos verdade, Soledade! Você está inventando!...

Já agarrado pelos dedos nodosos de Valentim, que lhe colava a orelha murcha à boca, explicou:

— Eu só lhe dei aquela figa de ouro pra você esconjurar as tentações...

E, procurando-a entre outros objetos dispersos:

— Mas foi mesmo que nada!...

Então, ela, desaforada, numa afronta monstruosa, confessou:

— Pois bem; foi o feitor! Agora quero ver!...

E cruzou os braços, com uma calma acintosa, como quem se entrega ao seu destino.

Seguiu-se um silêncio mais aterrador que todos os protestos de maldição e de vingança.

Chocaram-se olhares vessos como pontos de interrogação.

Coitado do Pegali! Coçava a orelha com o pé, como quem coca a cabeça de desespero.

Estrondeavam pragas, qual um bafo do inferno.

A casa já estava rodeada de moradores: João Troçulho, Latomia, a mulher do feitor...

— Padrinho, vossemecê não é brejeiro! Sertanejo não levanta a mão contra mulher! — interrompeu Pirunga.

E, arrancando-se dos braços do afilhado, Valentim correu, como um danado.

— Correu doido! — gritava o molecório, na assuada alegre.

NOTURNO DE ÓDIO E DE SAUDADE

Quando Valentim ia correndo em procura do feitor, Corisco soltou um rincho que parecia falar.

Rinchar ele rinchava sempre e talvez mais que qualquer outro cavalo da fazenda; mas, assim, tão expressivamente, não havia lembrança.

O sertanejo estacou tomado de supersticiosa curiosidade. Então, Pirunga, que o encalçava, gritou:

— Padrinho! O vaqueiro!

Passava pela estrada um comboio do sertão.

Corisco reconhecera algum animal escapo à seca e nitria numa saudação de velhos amigos que se reveem depois de um julgar o outro morto.

— Foi mandado de Deus — dizia Pirunga de si para si.

Porque, de feito, Valentim se deu pressa em voltar tangido pelo alvoroço desse encontro imprevisto.

— Sim senhor!

— Senhor sim!...

E os sertanejos não podiam separar-se, como se suas almas se tivessem colado no vigoroso abraço.

Pegali ria com o rabo.

O vaqueiro entrou em si:

— Eu não contava que o senhor tivesse descido...

Era a forma de indicar a direção dos brejos.

— Desci e... descí muito.

— E está acabado...

— A gente é como o gado sujeito que, tirado do pasto, morre de tristeza. Também dá mal-triste na gente. Não está nas minhas forças.

O outro procurou desviar o rumo da conversa desse desaterro de impressões. Mas Valentim insistiu:

— Você não viu a fazenda?

— Chega parece do governo: todo o mundo quer tirar o seu pedaço...

— Há verde?

— Se há?! Até as estacas do curral pegaram...

— E o açudeco?

— Ficou cheio-cheio!

— De verdade?

— Chei-inho!

Valentim visionou o Bondó revertido à fartura do inverno. Imaginou o rio escapando-se no arremesso transitório. No sertão tudo era livre: não se prendiam nem os caudais nas barragens. Mas só as águas não voltavam...

Aviventava a nostalgia incurável, o mal de uma instabilidade que não condizia com a vida sedentária de seu natural.

Era a árvore adulta que, arrancada pela raiz, não pega mais.

Soledade, retirada e tristonha, não percebia a conversa.

Notando-lhe os primores de moça feita, o vaqueiro admirou-se:

— Hum! A menina está um moção!...

E, perdendo o antigo respeito nesse nivelamento da seca:

— Eu, sendo comigo, não deixava brejeiro tomar chegada...

Ela palidejava e enrubescia.

Continuou, sem saber que estava remexendo uma ferida aberta:

— Moça triste é sinal de...

Pirunga levou o indicador aos lábios, pedindo silêncio.

Encontrando o olhar fulminante do pai, Soledade purpurejou-se outra vez e deu-lhe as costas para esconder a vermelhidão do rosto.

Valentim baixou a cabeça e passou a riscar na areia com o dedo trememente. Fez, maquinalmente, uma cruz que Pirunga apagou antes que alguém pisasse em cima.

— Menina, você tem pena do sertão?

Ter pena — como se ajusta essa sinonímia, quando a saudade se aplica ao sertanejo! É a sua única sentimentalidade.

Valentim aparentava uma calma trágica e ria com um riso acolhedor que lhe não saía da boca.

A tarde languescia. E o esmorecimento do dia bulia-lhe na sensibilidade em carne viva. Faziam-lhe mal as indecisões da luz medrosa, aqui e ali, como ave que não acerta com a dormida.

A colina fronteira como que se espreguiçava. Era a sombra que se estendia. E, em outros pontos, chegava, devagar, em retalhos, como se saísse debaixo das árvores que mudavam de cor.

Vinha-se a noite fechando. E mais se sombreava o rosto de Valentim que se recolheu, pretextando doença:

— Tenho uma tranca nos peitos.

Devia ser o aperto da saudade.

Pirunga segredou ao vaqueiro:

— Ele não tem voz ativa; não pode mais com a vida dela. Torce a orelha e não sai sangue.

E, despeitado:

— Já lhe tomou o fôlego. Anda muito senhora de si.

Vinha da mata vizinha um rumor de crepúsculo brasileiro.

O vento, como um bocejo de sono, transportava o barulho indistinto. E sons miúdos concertavam-se num apito agudo, de mil fôlegos; muitas vozes zumbiam num só grito.

Era a afinação da noite.

Mas, daí a pouco, tornou o silêncio de quem não ouve nada porque só se ouve a si próprio. O silêncio fecundo que é o ritmo de quem se escuta.

E pegou a toada dos aedos sertanejos, a musa bárbara que não floresce nos paus dos brejos, mas na terra combusta, como pétalas de raios de sol.

Entoando a trova de Fabião das Queimadas, o violeiro puxava a alma com os dedos:

*A minha alma de velho
Anda agora renovada,
Que a paixão é como o sonho,
Chega sem ser esperada.*

Dagoberto abriu a janela no escuro e fechou os olhos para ouvir melhor.

Essa voz amorosa eletrizava o ar noturno. Dava a impressão de que tudo estava suspenso, ao seu embalo. Não era o encanto do que vibrava, mas o mistério do que emudecia. Interpretava-se o próprio sentido do silêncio de algumas estrelas, como reticências do céu.

Instado, Pirunga improvisou:

*Não se vê um olho-d'água,
Quando há seca no sertão.
E enchem-se os olhos d'água,
Quando seca o coração...*

*O xexéu de minha terra
Que me ensinou a cantar
Antes me tirasse o canto
E me ensinasse a voar...*

Um dos tropeiros responde:

*Quem deu pena ao passarinho
O canto tinha que dar:
Quem voa sofre saudade,
Quem sofre deve cantar...*

Pirunga confiou-se à veia repentista.

*No quente do coração
Eu criei um passarinho
E, foi ter asas, voou,
Não quis mais saber do ninho...*

Um bacurau, o gago notívago — baco... baco... bacurau — lembrava no voo curto e na gaguez os poetas da bagaceira.

E a natureza abafou-se, novamente, em cochichos. Sussurros anônimos. Pios assustados. Murmuravam os sons humildes que tinham estado à espera do silêncio.

Enfim, tudo se calou. A noite sem fala parecia engasgada pelas sombras espessas.

Pegali ladrou grosso, como dono da solidão pacífica.

Valentim não pregava olhos. Sentia em todo o seu mistério a noite primitiva, de quietude e de treva absolutas.

Virava-se na cama, como se, mudando de lugar, pudesse mudar de impressões, ou como se fosse incompatível com o repouso corpo a intranquilidade da alma.

Traduzia a insônia pela primeira vez.

O silêncio deixava-o pensar por conta própria sem vozes perturbadoras nem sugestões conselheiras.

O galo da casa-grande amiudou. E nenhum outro respondeu porque só cantava um galo naqueles terreiros.

O instinto de desagravo que lhe latejava na massa do sangue e um impulso bárbaro em litígio com a saudade do rincão distante.

Chocavam-se os dois sentimentos fundamentais do sertanejo - dignidade da família e o apego à gleba. Ele sabia que o crime lhe acarretaria a prisão no meio adverso. A nostalgia quebrantava-lhe o pensamento de vingança.

E a serenidade exterior acalmou-o. Tomou o exemplo das horas sossegadas. Desafogou o desespero na lembrança da fazenda restaurada. E planeou a escapada.

Levantando-se desvanecido da desafronta sanguinária, participou de todo o encanto da alvorada serrana. Tudo cantava como num coro de despedida.

E o cheiro da manhã, tão cheirosa, balsamizou-lhe as depressões da noitada horrenda.

ATIROU NO QUE VIU

Já havia tocado o búzio de meio-dia e Pirunga não dava sinal de si. Estivera, cedinho, a coscuvilhar a bruaca e sumira-se, como encanto.

Valentim ficara em casa para não dar de cara com o feitor. Afastava de si qualquer incidente que pudesse embaraçar-lhe o regresso premeditado ao sertão.

Queria combinar tudo com Pirunga e nada dele aparecer.

Dera uma volta pelo engenho, daí se passara à casa de farinha, espiara o canavial de longe e nem sombra dele.

Recrudesciam-lhe os pressentimentos. Teria fugido com raiva de Soledade? Teria seguido o comboio?

E, descoroçoado por mil apreensões, sentiu-se, desenganadamente, abandonado no exílio adverso, quando mais carecia desse bordão da velhice decadente.

Aquele que fazia as vezes dos seus filhos não o acompanhara por uma dedicação desinteressada, mas por causa de Soledade. Porque, desfeita a última esperança, se safara, como os outros.

E saiu ainda a procurá-lo.

Latomia deu notícia:

— Indagorinha estava feito um molestado. Os olhos pareciam uma posta de sangue.

— Pois levou um sumiço! Já dei uma corra de vista e nada! - confiou-lhe Valentim.

E correu a chamá-lo, afligidíssimo, a altos brados, pelas grotas, pela estrada, por todos os cafundós do sítio.

Eram gritos que saíam com pedaços d'alma.

* * *

— Padrinho, deixe de pantim!

Pirunga estava alapardado atrás de uma cajazeira com a garrucha aperrada.

Não se bulia; parecia um tronco morto.

Como que tinha os olhos escorvados. E uma ideia fixa na mira.

Tudo mais lhe era indiferente.

Valentim procurou dissuadi-lo com bons modos:

— Se fosse coisa que ele tivesse feito mal a ela...

E, com um regougo:

— ... aí, eu seria o primeiro!...

Simulou brandura:

— A gente não deve pegar em tudo. Vamos e venhamos, se fosse em nossa terra... Largue mão dessa besteira!... Uma coisa de nada...

Pirunga relutava. Desobedecia pela primeira vez.

Um vem-vem provocativo começou a cantar.

Era a voz do sertão que os invocava num apelo instante.

Valentim rogava, humílimo:

— Meu filho, vamo s'embora! Lá a gente não se lembra de nada.

E ele ajustava a espoleta, examinava o gatilho, fazendo ouvidos de mercador.

O passarinho cantou, de novo: vem-vem...

O rapaz pensou que fosse um aviso da passagem do feitor. Levou a garrucha à cara.

Valentim procurou tomá-la e, não podendo, largou-o com uma praga.

O vem-vem ficou gritando, num chamado nervoso que parecia vir de muito longe.

* * *

Em breve prazo, reboou uma vozeria que sobressaltou todo o Marzagão.

Até os bichos se alvorotavam.

Mulheres assustadiças arrepiavam caminho, lançando no chão os potes d'água e as trouxas de roupa.

Vibravam vozes intimativas.

Tolhidos de surpresa da tragédia, os trabalhadores consultavam-se com olhares pusilânimes.

Qual a onça acuada por uma matilha de gozos, o criminoso detinha com uma imobilidade faiscante a cabroeira poltrona — para mais de vinte sujeitos que o cercavam, à distância, com as enxadas erguidas.

Havia da parte de todos o impulso de acometer, não pelo instinto de represália, mas pela malvadez com que se compraziam, nos lances de reação conjunta, contra as vítimas de seus ódios vagos.

Chegavam, aos magotes, com cacetes, chuços, ferros de cova e facas desembainhadas.

E Valentim fazia frente a vinte, trinta, a quantos acudiam ao clamor de perseguição e cobardia. Aprumava-se na espinha acurvada como o pau torto sacudido pelo temporal.

De vez em quando, partia de um cabra mais afoito o grito de animação:

— Pega o homem!

A multidão movimentava-se num só arranco; mas, ao menor aceno de resistência, refluía espavorida.

Latomia instigava:

— Casca-lhe o potruco de faca!

— Estou bem livre!... — respondeu João Troçulho, encolhendose E, como estivesse em má situação, justificou-se:

— Eu cá sou como o touro que, quando briga, é se borrando todo...

O mulherio grunhia atrás.

Daí a nada, soou uma estralada medonha, como carreira de anta em mato grosso.

Pirunga varou a onda hostil que lhe franqueou passagem e foi postar-se ao lado de Valentim:

— Mas, padrinho!...

Alheio às circunstâncias da luta, examinou-o, de revés, atento nos seus perseguidores. Vendo-o ileso, exprimiu uma alegria selvagem, com o ar de desafio ou de escárnio:

— Eu venho punir por ele, brejeirada mucufa!

E atravessou-se para que ninguém lhe pusesse mão.

Estranhou ainda:

— Mas, padrinho!...

— Ninguém me tira o meu direito! — retorquiu Valentim.

Dagoberto saiu-lhe à frente. Encorajou os capangas:

— Brejeiro, quando dá pra valentão, não há sertanejo que pegue!

Valentim entesou também com o senhor de engenho:

— Seu major, não venha, seu major!

Dagoberto mudou de tom:

— Velho, você está doido?

— O senhor garante?

E, a um gesto afirmativo, o assassino confiou-se da promessa, jogando a pistola entre os cabras.

Estava afeito às cenas de impunidade, aos compromissos de escapula ou de homizio como pontos de honra. Entregando-se, não era a vida que ele preservava, senão a liberdade ou, a dizer melhor, a fuga para o sertão.

Mas, apenas se viu inerte, foi subjugado por cem braços e inquerido (é o termo) com cordas de caroá.

— Sujigue o homem! Passe-lhe a embira! Isso! Acoche mais, de com força! — ordenou Dagoberto.

E, num desaforo:

— Está muito enganado!...

* * *

Só tarde se lembraram do defunto que ficara em câmara ardente... do sol.

Quando o feitor baqueara, só tivera tempo de pedir a vela. E, como não havia disso, meteram-lhe um cigarro aceso na mão crispada.

Enquanto os esbirros mudavam os andrajos, Pirunga, solto pelos cabras que o haviam dominado, aproximou-se do tronco de jatobá, onde Valentim estava amarrado, e caqueou a faca:

— Eu corto a corda e espalho até o senhor de engenho.

O velho ergueu a cabeça trêmula e, encarando-o, falou-lhe em tom de recusa e de súplica:

— Você faz as minhas vezes? Toma conta dela?...

— Vá descansado. Só se eu morrer!...

E, arroxendo-se, coberto de suor, calcando um sentimento feroz de dignidade patriarcal, ele continuou, tartamudo:

— Eu não sei quando me livro. Se você deixasse a bagaceira e voltasse com ela — você sabe... — eu não fazia caso: morria satisfeito na cadeia. Você podia...

E embatucou.

Pirunga desenganou-o:

— Eu queria tanto! Mas não há jeito, padrinho! Já dei um toque.

Diz que não quer. Não quer por nada!...

* * *

Já haviam alcançado a ladeira do Tauá.

Pirunga acompanhava o padrinho, guardando distância, ora adiante, ora atrás, para não ser confundido com a cáfila dos capangas.

De chofre, o preso estacou, sobrecarregado de cuidados:

— Meu filho, você não prometeu?...

O rapaz atinou com a advertência. E, retrocedendo, correu em toda carreira.

Correu até cair esbaforido ao lado de Soledade.

VISÕES DA NOITE VELHA

Quando Pirunga se prostrou esbofado junto de Soledade, ela ainda estava enrodilhada com a cabeça rente à trempe do fogo extinto.

Seu cabelo polvilhado de cinza do borrarho parecia ter encanecido de improviso. Dava-lhe um ar velhinho de sofrimento.

Julgando-a adormecida, ele procurou compor-lhe a saia sungada à meia-perna, no abandono trágico.

Então, ela sentou-se, de arrebatado, com os olhos revoltados. Um olhar seco. Não pingara uma lágrima.

Passaram a recriminar-se em silêncio, como uma acareação de esfinges.

Até que, à noitinha, ela o intimou:

— Saia que eu quero fechar.

Pirunga relutou, acanhado:

— Eu fico fazendo companhia; você pode ter medo...

— Esta é boa!... Ninguém me tira pedaço... — repulsou-o Soledade.

E impôs, com a mão na porta entrefechada:

— Você logo não vê!...

Pegali correu ao terreiro e voltou com Dagoberto, sem ladrar, como que lhe reconhecendo a autoridade de senhor rural.

Mas, interpondo-se, Pirunga obstou-lhe o ingresso. Não chegou a repeli-lo; ficou-se no batente, duro como uma sentinela, sem lhe dar passagem.

E Dagoberto afastou-se, resmungando:

— Eu era pra não deixar sombra desta raça aqui; mas, pra não dizer que é ambição do roçado faço questão que fiquem...

O rapaz não arredou o pé. Soledade protestava. Que passaria a noite acordada, ia dormir ao relento... E, toda envergonhada:

— Que é que meu pai não dirá, sabendo de uma coisa desta?...

— É ele quem manda. Ninguém mais entrará nesta casa. Aqui só eu e Pegali!

Parece que o cachorro compreendeu também sua missão de guarda, porque se estirou e girou o olhar pelos quatro cantos da sala.

E Pirunga deitou-se com roupa e tudo.

Soledade dormiu logo. Mas, ele tinha a impressão de quem velasse por um tesouro num covil de salteadores.

Tarde da noite, ela chamou-o, muito de leve.

Ventava. Só se escutava um barulho de ramos. Só as árvores estavam despertas.

— Pirunga.

Ele fez que não ouvia; mas pigarreou para mostrar que não estava dormindo. E ela insistiu gritando:

— PIRUNGA!

— Huum! — soou como um gemido longo.

— Queria saber quando meu pai se solta.

— Eu só respondo de dia.

E desvelava, noite por noite, numa insônia febril que era a fogueira dos sentidos.

Tinha medo da descrição do silêncio. E atendia às expressões contraditórias do vento serrano: caridoso, como uma surdina de mistérios; confuso, como um clamor de mudo; fúnebre, como um grito em u.

Quando tudo se sossegava, ouvia Soledade ressonar. E contava lhe a respiração — ora flébil, como acalentando o coração; ora angustiada, qual o ofego de um remorso; ora acelerada, nasal, que nem o resfôlego de um gozo.

Levava as mãos aos ouvidos. Esse hálito soprava como um fole vivo que lhe acendia os sentidos.

Sobrevinha-lhe uma curiosidade involuntária, quando ela se mexia no lençol. Como estaria deitada? De borco? De borco não seria...

Depois, ocorria-lhe que poderia estar descomposta no desalinho do sono solto. E fechava os olhos no escuro.

Lembrava a inocência com que ela lhe saltava nos joelhos, o tempo em que a tomava nos braços, nuinha e tenra como um

querubim-menina, desses que não saem do céu, nem para as estampas bentas.

Nisto, enxergou por uma fenda do teto a estrela com um brilho duro, repreensivo, como o clássico "olho da consciência"...

Certa noite — que noite! — até os pirilampos se apagaram. Noite absurda — índice da solidão vulgar.

Pirunga pressentiu um vulto cosido à casa. Roçava-se, depois, na porta de detrás, como dando sinal para abrir.

Corria, de muito, no sítio, a versão de uma assombração.

As lavadeiras sabiam de tudo:

— É uma visagem que anda de noitão aceirando a sertaneja...

Pirunga saltou da rede sem, ao menos, buscar a garrucha. Ia pegar à unha.

Avançou cego, no escuro. E, nesse arremesso temerário, agarrou no ar uns braços gelatinosos que lhe esfriaram as mãos. Só tinha ao seu alcance esses tentáculos peludos e fugidios. Tenteava aferrar pela goela, lutar corpo a corpo e não encontrava senão os apêndices monstruosos. E o fantasma não recuava, nem reagia.

Assim, ludibriado pela aparição sorrateira, desferiu um berro de impotência e de coragem:

— Se és a alma do feitor, te soverte, alma danada!

Soledade acorreu atordoada com a lamparina na mão.

Ele divisou-a, em camisa, à claridade incerta.

E, caindo em si, cruzando os braços para encobrir os peitos, sem largar a luz, tocou-se fogo. A chama envolveu-lhe o seio, como um incêndio espontâneo do coração.

Avançou Pirunga e, num só rasgão brutal, arrancou-lhe a camisa em duas tiras.

E correu transtornado, com muito mais medo dela, do corpo branco, como uma mancha de luar na treva absoluta, do que do bicho imaginário.

Encostado à palha, um burro pachorrento, com as orelhas longas doloridas, como que espiava também a visão desnuda da noite enigmática...

UMA SERENATA DE CIGARRAS

Enfardado das mulheres superfinas que civilizavam o sexo, Lúcio não se esquecera de sua beldade matuta, corada pelo sol e cheirando a si mesma.

Foi recebido pelo pai mazorro de má sombra.

Dagoberto chegara a franquear-lhe os meios de uma viagem de recreio, para se descartar, durante as férias, dessa testemunha muda de sua solidão. E ele viera antecipadamente.

Ao vê-lo, Soledade mal levantou o rosto da costura:

— Estou cosicando isto aqui.

Ele chegou-se, falou-lhe de uma saudade impossível, evocou passagens de seus amores boscarejos... E ela, deslembrada, numa abstrata lassitude:

— An!...

E entrou a evadir-se, como nunca, ao seu convívio. Como quer que fosse, subtraía-se aos encontros com ele, a sós, por onde matejava.

Lúcio levava tamanho retraimento à conta da prisão de Valentim: cuidava que a filha do assassino se corria desse labéu. Era o pudor do abandono.

E sua alma condoída extremou-se na solicitude enjoativa.

Latomia mexericava:

— Contado é o dia que não se enfinca em casa dela pra olhar as paredes. É uma coisa por demais!... Eu ele já tinha arribado daqui...

Lúcio ignorava a causa do crime.

João Troçulho informou, vagamente:

— Matou de ruim pra matar.

E, interpelado, olhava para os pés:

— Sei não...

Pirunga tinha-se malquistado com Soledade. Dava-lhe com que passar, mas não se falavam.

O estudante começou a suspeitar desse desapego.

E volveu-se, a pouco e pouco, à esterilidade interior.

Seu bucolismo fora uma criação lírica. A paisagem perdera aquele sentido solidário. Escravizara-se às formas exteriores refletidas em sua sensibilidade; mas das árvores só lhe restavam n'alma as sombras úmidas.

O que lhe parecera o sentimento da natureza fora uma subordinação vulgar.

O espírito modorro enfastiava-se da mesmice do campo, do eterno espetáculo de flores e cantos. Amofinava-se dentro dessa alegria natural como um doente de indigestão que sofre da felicidade do estômago cheio.

Não distinguia as variedades da estação: as mangueiras e os cajueiros sujos de sangue, sangrando na folhagem nupcial; abacateiros floridos cobertos de insetos, com as copas musicais, como violinos em surdina; o jatobá carregado, batendo num barulho de castanholas...

Antes, quando chegava, encontrava mudada a fisionomia do sítio: tudo para menor. À medida que ia crescendo, notava que os altos e as plantas familiares se amesquinham.

Mas, por último, nem essa ilusão sentia, porque se julgava abaixo de tudo.

Repercutiam-lhe no coração vazio todas as vozes agourentas.

— Uiiuu...

Correu em socorro. Era um bando de anuns no mesmo ninho com a alegria desse comunismo amoroso.

* * *

A manhã entrou no quarto de telha-vã.

E Lúcio esgueirou-se dos sonhos convulsivos e das visões rebeldes da insônia. Mas estava tudo dormindo.

A lua bonita — lugar-comum dos céus brasileiros — era um romantismo inédito nessa hora ambígua.

A noite branca, em camisa, tinha um peito apoiado de fora, a vazar-se em goteiras de luz.

Era uma feição de dia claro, de uma claridade benigna, que revelava tudo sem exacerbações de sol. Um doce meio-dia com o cheiro forte da fresca da madrugada.

A noite nua, sem o maillot das nuvens, nas negligências da solidão, tomava um banho de leite. E a brancura tangível escorria molhando as coisas adormecidas.

A coruja, desconfiada, recolheu-se ao seu esconderijo.

E o céu mostrou que também sabia cantar. Pegou a cantoria das estrelas escondidas.

Parecia um delírio dos astros.

Lúcio escutava maravilhado a consonância sideral.

Eram as cigarras que tomavam a lua pelo sol.

Toda a amplidão rechinava numa loucura estrídula, zinia na fanfarras de milhões de silvos que cresciam num grito uníssono fantástico de mãe-da-lua.

Um ruidoso meio-dia à meia-noite.

Estonteado da zoeira fora de horas, Lúcio abeirava-se da casa de Soledade. E notou que uma sombra — a única sombra dessa vibração luminosa — lhe seguia as pisadas.

Era a mãe preta — a noite indormida de sua infância com a cabeça toda branca, como coroada de luar.

Ele abraçou-a, alisando-lhe a carapinha de algodão. E imaginou que ela, em paga de tantos sacrifícios, ia ficando alva, toda branquinha, do cabelo pixaim aos pés.

Milonga falou-lhe com um beijo no ouvido:

— Vá dormir, ioiozinho: a noite é pra gente se esquecer. Feche os olhos, faça de conta que está dormindo. Se vier a lembrança, faça de conta que é sonho que não faz mal a ninguém.

E levando-lhe a mão à testa febril:

— Não perca a cabeça, meu filho: coloque ela por cima do coração como Deus colocou, como quem coloca um peso em cima de uma coisa que quer voar.

Ungiu-se, afinal, de todo o mistério noturno:

— Mulher é como fruta: quando cai, apodrece...

* * *

Lúcio continuou a viver jururu, como um bode doente.

Falava baixo, com a fadiga da voz. Batia os dedos em tudo, como num teclado.

Não se sentava que não enterrasse a cara nas mãos. E deu-lhe voltar aos antigos hábitos — à solidão voluntária do quarto de dormir.

Refugiava-se nos livros de uma invenção fantástica que lhe haviam desorganizado a sensibilidade.

Tendo presentes os conselhos de Milonga, tornou, um dia, a rabiscar na parede com o veneno pessimista:

O amor é o caixeiro-viajante da propagação da espécie.

*

Nós compramos as mulheres perdidas e as mulheres honestas nos compram. É o regime instituído pelos interesses sexuais.

Há uma generosidade egoísta: a de quem ama sem ser amado.

*

A mulher só sabe guardar o seu segredo. O amor é a única força capaz de a descobrir; e, quando a descobre toda, nas denúncias de certos abandonos, ela está perdida para o próprio amor que a descobriu.

Não ! a mulher que ama é a que diz menos, porque é a que mente mais.

Só a mulher que sofre diz tudo num grito de dor.

Mas não pôde contrafazer a natureza sensível:

O amor maior é o que não tem fim.

*

A maior das saudades é a do bem presente que já não se alcança.

* * *

Indo ao pomar, só distinguia nos frutos sazonados as manchas pretas.

Dir-se-ia que a alma se lhe tinha apodrecido dentro, como um feto morto.

Sentia que a sua piedade para com os outros não era mais do que uma forma da piedade devida a si mesmo.

Trazia a cabeça inclinada, como quem leva o peso de uma ideia fixa.

Vendo-lhe a cara aflita, numa aparência visionária, segredavam os moradores:

— Anda bestando. Está fazendo vez de doido...

E ele esgaravatava a consciência. Tinha vertigens na inteligência, como as tonturas de quem olha para o sol e, fechando os olhos, vê, em vez de luz, pontos negros.

De uma feita, assombrou-se com os pressentimentos do seu destino. Observou no descampado uma cruz de sombra desenhada no chão.

Fixava-se a mancha inexplicável, como um mau augúrio.

Latomia tirou-o desse pesadelo:

— O senhor não vê o gavião sessando?

A ave de rapina parada, muito alto, com as asas distendidas, peneirava.

* * *

Pintou-se, mais tarde, um poente esquisito: o fundo de fogo debruado de roxo e amarelo e por cima umas brechas escancaradas para se ver a Deus por esse primor de suas fantasias.

E Lúcio sentiu falta de Soledade.

Tinha a ânsia de retomá-la; só se corre para o que foge.

Levara a peito salvá-la das conspirações da sorte.

Mas, como quer que lhe falasse em casamento:

— Diga...

Ela respondeu num tom de pilhéria amarga:

— Isso é falando sério? Mas veja só!...

Rematou de uma maneira quase repulsiva:

— 'Stá doido! Eu podia ser sua mãe...

E ele saiu pensando num amor que lhe suprisse todos os amores que não tivera — de mãe, de irmã e de noiva...

PAI E FILHO

O senhor não repare...

E Dagoberto levantou-se:

— Que me quer? Vamos lá! Desembuche!...

Encrespava-se, intratavelmente, como uma lagarta-de-fogo.

Por uma natural desconfiança ou porque lhe entreviu um ar de desaprovação, Lúcio antecipou-se:

— Eu sei que o senhor leva a mal...

— Se levo?! E por que não hei de levar?!

O estudante ficou branco e frio, como uma figura de gelo.

Parecia querer falar pelos olhos arregalados.

E o pai lançou-lhe em rosto, com o habitual agastamento:

— Não precisava vir dar-me parte!... Eu já sabia que o senhor (era uma forma agressiva de tratamento) andava metido com o assassino!...

— Como?! O senhor sabe? Eu não passei a ninguém...

— Se sei? Até gato e cachorro sabem que o senhor vai me defender aquele bandido no júri. Foi pra isso que o botei no estudo — pra ser contra mim, pra me derrotar!...

— Sim, porque, se ele for livre, me liquida em dois tempos!

— Mas, por que, meu pai? Que houve, que eu ignoro?

Dagoberto amansou a voz entre muxoxos involuntários:

— Ora, não se faça desentendido. Malvado, como é, não me perdoa a prisão. Queria era que eu lhe desse fuga e, como não dei, está comigo de olho...

Lúcio criou coragem:

— O senhor diz isso e eu beijo a mão dele por um dever que a mudança da sorte não me fez desconhecer...

— É!... Beija as mãos de um criminoso e nunca beijou as de seu pai!

— Nesta casa nunca se ouviu um beijo!

O senhor de engenho chupou o cigarro inteiro de dois tragos. E as baforadas envolveram-lhe a cara, dando-lhe um ar mais sombrio.

Lúcio aproveitou-se desse silêncio perturbador e disse, deliberadamente, com um insólito poder de resolução:

— Meu pai, eu serei advogado de Valentim. Mas não era isto o que eu vinha dizer-lhe. Eu queria dizer-lhe...

— Que ajudará a matar-me! Não é isso? Não sei onde estou que...

— Não, senhor! Não perca a calma. Eu vinha dar-lhe parte — e já pouco me importa que saiba — que...

Aí, empalideceu de certo modo e acabou numa franqueza doida, como o criminoso com a perversidade da confissão:

— ... vou casar-me com a filha do assassino.

— O quê?! Então, você!...

Dagoberto ficou da cor da parede. Ficou bran... quinho!

Nisto, chegou Latomia, ainda mais branco:

— Patrão, o cavalo s'embarçou e morreu enforcado!

— Cabra de peia, você foi o culpado!

É, ali mesmo, o senhor de engenho tirou o rebenque do armador e deu-lhe como nunca se dera em negro fujão.

O bravateiro apanhou de cabeça baixa talvez para livrar o rosto de alguma lapada cega.

Lúcio ia intercedendo:

— Não bata no...

Mas ocorreu-lhe que estava incidindo numa exasperação maior e escoava-se, eis que o pai o chamou à fala.

Tinha serenado:

— Quer que lhe diga? É de sua vontade? Pois não me faz nada que case ou não case. É senhor de suas ações...

O estudante avançou para abraçá-lo. E ele começou a ir e vir, ao seu jeito, de mãos atadas nas costas, como se as prendesse para se coibir de violências.

Enrolou a ponta do bigode no dedo e ficou, assim, com os dentes à mostra.

Aparentava uma calma enfurecida:

— Hum! hum!... Estou a ver que tem bom gosto...

Soletrou:

— G-o-s gos t-o to...

E, no seu vaivém, monologava, a espaços:

— E esta!... Ora, mas na verdade!... Você já se viu?! Era mesmo o que faltava...

Lúcio quedara-se, sem uma saída, com os braços caídos como um peso morto. O rosto ficava-lhe mais comprido.

E Dagoberto foi à janela, esfregando as mãos, como se triturasse alguma coisa. Depois, sentou-se e entrou a assobiar, baixinho, marcando o compasso com o pé frenético. Montou, em seguida, uma perna sobre a outra e, tanto a balançou, que ela caiu.

Voltou a falar com o olhar no teto:

— Para que foi que eu gastei tantos e quantos? Dinheiro que dava pra levantar a cabeça de muita gente... Pra que foi que o tirei da bagaceira?

Virou-se para Lúcio:

— Mas isso não tem tramenha! Se estudo dá é pra dismantelar a bola, você me vai é pro cabo do freijó!

Já fora de si:

— Nem bonita é...

E olhou, maquinalmente, para o retrato da mulher pendente da parede.

O estudante, desasado, arriscou:

— Seria do gosto de minha mãe, se...

Não pôde continuar. Enfuriando-se, de mais a mais, Dagoberto pulou, num destampatório:

— Então, seu corno, você pensa que me bota o pé no pescoço?! Que me desmoraliza a raça?

Esteve, vai-não-vai, a saltar-lhe ao gasnete. Chegou a fazer menção de aberturá-lo.

Ainda se descomediou em outros rompantes.

Lúcio deixou-se estar no meio da sala, aguardando o desabar dessa veemência, com a imobilidade de uma grande decisão.

E parece que Dagoberto ensaiava, novamente, despersuadi-lo pelo ridículo:

— Pois que lhe faça bom proveito... Não podia ser mais feliz a escolha... Pra quem é bacalhau basta... Tem gosto, sim, senhor!... G-ost- o- to...

Deu uma risada triste que nem um uivo. E cuspinhou com cara de nojo.

Acentuou, corando com uma pontinha de mistério:

— É coragem muita!... E não lhe digo mais nada...

Mas, de pancada, voltou-se, imperativamente, num vozeirão, como se tivesse a alma a trovejar:

— Não! não casará com a retirante! Corto a mesada, boto pra fora de casa!... Tinha que ver!...

Lúcio não se conteve que não obtemperasse:

— Por ser retirante, não. O senhor não casou com minha mãe?

— E a que vem isso? Sua mãe não era essa mundiça!

— Não diga isso, meu pai!

— Não diga o quê?!

— Se minha mãe não era retirante, Soledade também não é...

Lembrou-lhe o cajueiro da alameda — o de galhos nascidos do mesmo tronco com destinos desiguais.

E revelou:

— O pai de Soledade não é irmão do pai de minha mãe? Pois, então?

Dagoberto desconcertou-se:

— É a pura mentira!

E Lúcio não retrucou: limitou-se a esticar o dedo para o retrato desbotado. E, como permanecesse o silêncio pesado, comparou:

— Veja aquela boca... aquela testa!

Eram os caracteres físicos da consanguinidade sertaneja, da raça que se fixara estreme de recruzamentos impuros.

O senhor de engenho confessou, evocativo:

— Como de fato. Ele veio em 77...

Mas emendou o efeito dessa confissão, formando o contraste:

— Era um sertanejo de condição. Trouxe haveres. Não era um leguelhé...

Dava de costas, de vez em quando, com o passo agitado, como se intentasse sair e, voltando, reatou:

— Não há termo de comparação...

Mas, concentrou-se, tirou o retrato da parede, mirou-o, remirou-o e murmurou abatido:

— Eu devia ter adivinhado... Quando a vi pela primeira vez, foi essa semelhança que me levou a lhe dar morada...

E com um ar hesitante:

— Eu não tinha encontrado outra mulher assim...

Chegou-se a Lúcio, humílico:

— Não, meu filho, ela não pode ser tua esposa porque... Eu profanei a memória de tua mãe, mas foi tua mãe, que amei nela...

Lúcio sentiu que lhe refluíam todas as taras atávicas, os impulsos da raça vingadora, o sentimento de família dos seus antepassados sertanejos:

— Que é que o senhor esta dizendo?!

Dagoberto deu um passo atrás corrido de vergonha dessas dissonâncias da honra. Bem que o feitor lhe dissera que com aquele calibre passaria a perna em seu Lúcio.

E o estudante não lhe temia a veemência, embora lhe evitasse olhar.

— Meu pai, o senhor está mentindo para me dissuadir!...

— Ah, meu filho, antes fosse mentira! Mas a gente tem duas idades de perder a cabeça...

— Eu logo vi! É por isso que o senhor tem medo do assassino...

Porque sabe que minha gente não perdoa essas afrontas!

E, como se falasse ao retrato:

— Meu pai desonrou minha família, prostituiu minha prima, tomou minha noiva!...

Ele sabia que o coração não é capaz de renúncias; mas também devia saber que o pai pode disputar tudo ao filho, menos o seu amor, que é um direito da idade.

Caiu o quadro espatifado.

Ambos se assustaram diante desse mistério.

Fora Milonga que o derrubara por trás com o cabo da vassoura.

E, com a ascendência ganha pela humildade das criadas velhas:

— Minha gente! isso é um fim de mundo...

Saiu carregando tudo:

— Enquanto eles virem a morta não se esquecem da viva. É a mesma coisa...

Lúcio recuou:

— Eu queria resgatar aquele destino. Meu amor encarnava todo o sofrimento da seca.

Dirigiu-se ao pai:

— Tome-a para o senhor. Já é sua...

E, como lhe percebesse um gesto de renúncia:

— Eu matei, nascendo, minha mãe. Foi por minha causa que o senhor perdeu sua mulher; agora, não seja também por mim que perca sua amante. Não diga mais que nem bonita é... É bonita e é sua.

Saiu a cambalear:

— Eu devo desaparecer daqui para que não fique interposto nesse amor...

Foi direito à casa de Soledade.

No caminho, Latomia atravessou-se:

— Eu vi o tropejo. Foi um catatau medonho!

E com uma ponta de maldade:

— Não sabia que ela tinha caído na vida? Estava tudo de língua passada... Eu vi o esternegue! Babau!...

Entrou, como um pé-de-vento, derrubando a porta. E levantou-lhe um punhal sobre a cabeça:

— Pu...

Ela sentada estava, sentada ficou. Apenas ergueu o rosto e cravou-lhe um olhar luzente como a lamina desembainhada. Entregava-se ao golpe iminente ou zombava da ameaça.

Ele ia repetindo:

— Pu...

Mas, ante esse olhar indizível, emendou, atirando a arma pela janela e apontando o terreiro:

— Pu...xe!

Não podia expeli-la do que não lhe pertencia e com a mão espalmada para a frente, num gesto suspensivo:

— Tu és muito desgraçada!

Acostumada a tomar essa palavra em sentido insultuoso, Soledade não compreendeu a lástima:

— Se quer matar, mate; mas, maltratar, isso não!

— Morta já estás, alma da seca — escarneceu Lúcio.

E deu-lhe as costas para nunca mais voltar.

Ainda gritou, de longe:

— Agora, já sei por que querias ser minha mãe! É impossível: eu já não tenho mais pai!

Despediu-se, ao dobrar a estrada:

— Até dia de juízo!

E foi ela mofou:

— Ah, esse nunca lhe chegará!...

O JURAMENTO

Pirunga chegara-se à grade da prisão com um ar sucumbido e segredeiro.

Valentim esgaravatava, esquecidamente, a fenda do reboco, como para se dar a ilusão de que, a qualquer modo, procurava a liberdade. Quando não, para gastar o tempo que era o que tinha para gastar, contava as badaladas da sineta. E os dias passavam-se com uma lentidão de milagre bíblico de sol parado.

Regozijavam-se os presos com a ruína iminente. (As saúvas solidárias — as mesmas formigas sacrílegas que haviam derruído a igreja de Santa Rita — carcomiam, impunemente, a cadeia fedorenta que empestava todo o quarteirão.)

Batiam com os pés no chão cavo, ouvindo o chamado subterrâneo das covas feitas. E, quando o telhado oscilava nas paredes desaprumadas, esperançasavam-se com a escapada na hora do perigo.

Valentim voltou-se, afinal, para Pirunga:

— Homem, que é isso?! Parece que você viu alma do outro mundo...

— Padrinho, Soledade não tinha nada com o feitor...

— De verdade, Pirunga?! Que é que você está dizendo? Eu logo vi! Minha filha...

Recuou para os presos:

— Vocês querem cigarro? Tomem cigarro!

E não encontrou mais o maço que havia escondido no reboco aberto.

Não se tinha em si de satisfação:

— Então, meu filho, era tudo pantim? Soledade não haverá de me matar em vida... Você tirou bem a limpo?

O rapaz sacou esse segredo das entranhas, como quem lança a própria vida numa hemoptise:

— O feitor era só leva-e-traz...

— O quê, Pirunga?! O feitor...

— Era só espoleta... Andava aos mandaretas... Foi tudo obra do senhor de engenho... A derrota está feita!...

A cadeia estava vai-não-vai. Rangeram as traves com o pé-de-vento num longo gemido do teto desengonçado.

Valentim fez menção de sair:

— 'Spera aí! Eu vou já-já!...

Arremessou-se contra a grade de ferro. Passou as costas da mão na testa ferida. E, quando viu sangue, danou.

Expediu um urro que repercutiu nos formigueiros.

E calou-se para tossir com os dedos enfiados na barba esfiapada.

Uma pontinha de tosse de preso.

Encolheu-se num canto, junto da cuba cheia.

Xinane, que ainda estava detido por haver tirado o que era seu, deu-lhe uma palavra de consolo cristão:

— Bote pra Deus.

O ladrão confessou:

— Tome seu maço de cigarro, meu velho. Eu guardei por causa dos outros...

E um preso irônico reproduziu o estribilho fatalista:

— Isso é da vida. O que tem de acontecer tem muita força...

A agitação dessa alma selvagem semelhava uma tempestade no escuro: a razão luzia como um relâmpago que é o olho mau da tempestade.

Era uma angústia seca. Ele enxugava, apenas, o suor grosso que se lhe empoçava nas rugas do rosto escarnado, como se estivesse chorando por todos os poros. E, nesse afogo, espumava, como se ondas de amargura lhe rebentassem à boca.

Derreado pelo golpe fulminante, gemeu com o som de uma pancada no coração:

— Meu Deus!...

E, olhando para os dedos magros, rosnava:

— Eu atirei no que vi... Nunca que eu pensasse!...

Exprobrou a negligência de Pirunga:

— Eu só estou é você saber de tudo e não me dar parte! Estava na mente que tomava conta dela...

O sertanejo escusou-se:

— Ainda dei um toque, mas nem como coisa! Botei o pé atrás e ela saiu-se com quatro pedras na mão... Dava um bordo toda noite...

Uma feita, barrei a entrada dele.

E, envergonhado:

— Quando acaba, me jurou: Que se eu viesse com a história, me levantava um falso. Mas Deus Nosso Senhor estava vendo do céu...

Eu não podia tomar chegada...

Enfim, tranquilizou-o:

— Soledade está puxando pro sertão. Ela é quem manda em tudo. Vão de arribada... Mas deixe por minha conta! Só dava tempo em vir dizer.

Contraindo a cara escavacada, Valentim estremeceu:

— Meu filho, se eu lhe pedir uma coisa...

— Diga, padrinho!

— Você jura?

— Eu juro!

E, beijando os dedos em cruz:

— Juro por tudo quanto está no céu! E, dê no que der, me caiam as mãos, se eu quebrar a minha jura!

E logo, indo ao encontro do pensamento homicida:

— Eu juro que, antes que o sol nasça outra vez, hei de dar fim...

O velho despediu um bramido de aflição:

— Não! Por amor de Deus, não acabe! Não é isso, meu filho!...

E, rogativo:

— Eu quero é que você prometa que não mata o senhor de engenho.

Pirunga desconheceu aquele obdurado instinto de vingança.

E foi franco:

— Pois, padrinho, desde que eu sube, só dava tempo era vir pedir licença ao senhor... A pistola já está escorvada.

— Ninguém me tira o meu direito. Um dia, cedo ou tarde, eu hei de me livrar, porque Deus não é servido que eu morra desonrado! -

blaterou Valentim.

E, acalmando-se:

— Jure que não mata e que irá com eles pra onde eles forem. Feche os olhos a tudo. Faça de conta que não vê. Vá sempre na batida.

Dê daqui, dê dacolá, não deixe o rabo da saia dela!

Era horrendo esse pacto.

Ficaram nisso. Pirunga beijou, silenciosamente, os dedos em cruz.

E despediu-se de Valentim, de longe, com a mão trêmula, como um pássaro ferido voando.

FESTA DA RESSURREIÇÃO

Andava por um mês que Dagoberto Marçau se achava no Bondó.

Estivera em levar consigo o Latomia; mas, à instância de Pirunga, tomara-o para vaqueiro. E o sertanejo revia a fazenda com uma satisfação medíocre.

Operava-se a mutação improvisa. A gleba convalescente recompunha-se num abrir e fechar de olhos. Tudo se transformava com a intervenção da primeira chuva, como se a queda d'água fosse o hissopo aspergido da reconciliação do céu com a terra precita.

O sertão tinha um cheiro de milagre. A natureza imperecível ostentava, de extremo a extremo, uma beleza moça. Tinha morrido só pelo gosto de renascer mais bela.

Reflorescia o deserto arrelvado nesse surto miraculoso da seiva explosiva. Revivia a flora, frondeava a catinga, de supetão, na paisagem nova em folha. Cada árvore tinha um vestido novo para a festa da ressurreição.

Como que as pedras rebentavam em folhagem. As trepadeiras subiam, enroscavam-se pelos anfractos e faziam com que a rocha nua florisse.

A ervagem viçosa escondia os destroços de uma riqueza que se refazia: chiqueiros desmantelados e ossadas dispersas.

A verdura era um despotismo de cor. Invadia até as águas. Surdia com uma bolha de esperança, uma espuma de esmeralda; fingia ilhotas para os segredos das donzelinhas, as libélulas de tantos olhos que tinham visto Soledade tomar banho; estendia-se, afinal, por toda a superfície líquida, com sua colcha de algas, para o açude não ter frio...

O próprio céu verdejava em nuvens de maracanãs e periquitos.

Depois, toda essa verdura começava a rir na alvura dos capulhos da várzea feraz. E saudando a vida nova, as carnaubeiras perfilavam-se com o pendão auriverde de cachos e palmas.

A relva estava tão florida que os animais comiam flores.

Remanesciam poucas reses da fazenda. As mais delas vinham de fora.

As vacas saciavam-se aos primeiros bocados e deitavam-se nos colchões de panasco borrifados de leite.

Bezerros estouvados apostavam carreira com as caudas embandeiradas. Cabritos álacres espinoteando, como colegiais em recreio.

Equilibravam-se os bodes acrobatas nas pontas do serrote. E cabras manhosas mergulhavam nos tufos de esmeralda, como brincando de esconder.

O sertão pagava-se dos anos estéreis com essa largueza.

Todos queriam desfrutar a felicidade bandoleira do paraíso pastoril.

Só havia de triste o balar das ovelhas — bicho triste! — cabisbaixas e unidas, como meninos medrosos, tão junto o rebanho, que parecia um algodoal aberto.

Não: havia em tudo isso, nessa revivência estuante, uma tristeza maior.

A boca da noite, Pirunga encostava-se na porteira do curral. Sorvia o ar que cheirava a mijo de vaca. E, nessa hora de pressão sentimental, aboiava numa toada que não diz nada e diz tudo.

Esse grito rude traduzia o doloroso segredo das renúncias. Tinha o som de uma alma que se rasgava.

Até que, uma vez, o garganteio convidativo perdeu todo o seu ritmo de hino do sertão: era um urro de desespero.

Soledade correu e tapou-lhe a boca com ambas as mãos. E ele ficou gemendo, como um aboio em surdina.

* * *

Dagoberto afeiçoava-se, o melhor que podia, à vida pastoril.

Não era raro que saísse também a campear.

Corisco revigorado, com o brio dos árabes ancestrais, era a sua montada predileta.

Pirunga advertia:

— Olhe que o cavalo mete de cabeça! Não vá desembestar...

E, um dia, desembestou: picado nasilhargas, sem precisão, arremessou-se aos trancos, voando por cima de todos os precipícios.

Os vaqueiros fechavam os olhos:

— Vai em tempo de se espedaçar!

Dagoberto já corria destribado; mal se tinha na sela, seguro no arção.

Então, Pirunga pulou em toda carreira do seu cavalo na anca de Corisco, e, dobrando o corpo, colheu as rédeas com mão de ferro.

De outra vez, Corisco, mal governado, galgou uma touceira de xiquexique. Desequilibrando-se pela violência do salto, Dagoberto agarrou-se a um galho atravessado. E ficou bem meia hora dependurado, a oscilar, como um enforcado, servindo de espantalho.

A qualquer esforço para subir, o ramo frágil ameaçava partir-se. E embaixo o cacto agressivo esperava-o com os braços erguidos arrepiados de espinhos longos como estiletos.

De longe, Pirunga confundiu o vulto vermelho com um ninho de casaca-de-couro. E, reconhecendo-o, gritou:

— Se cair, fica uma renda, fura até a alma!

Tornou-se branco, como os flocos de sumaúma que voavam ao vento. E cruzou os dedos, na forma do juramento feito.

Depois, sem olhar para o corpo bambo, aos baloiços, passou a lançar pedras dentro da moita de xiquexique, para soterrá-la.

Dagoberto, no último alento, expediu um grito fúnebre, como se já estivesse sofrendo a dor dos espinhos. E Pirunga avançou para Corisco, montou, fez carreira, saltou e, tomando o rival nos braços, alcançou o outro lado, são e salvo.

* * *

Pirunga procurava afazer-se à missão que Valentim lhe cometera; mas recobrava nesse sistema de vida o gênio selvagem. Revertido à liberdade do sertão, que lhe restituía o brio congenial, sentia todo o pejo da transigência imposta por uma vingança aprazada.

Via os animais jucundos nos escândalos da reprodução. As novilhas núbeis dando-se aos touros patrícios; o pai-de-chiqueiro em libidinagens olfativas; o carneiro gemebundo com o pescoço alongado lombo da marra pudica...

Só ele representava a renúncia do amor incendiário.

Zoava no mato um jazz-band de chocalhos. Tilintavam rosetas.

Corisco retouçava a babugem do pátio. Escaramuçava, atirando coices, a esmo. E, quando o encontrava, levantava as orelhas, saudando-o. Repunha-se na antiga alegria.

Ele escutava o som da espuma do leite fresco nos potes, admirado de não ouvir também o barulho de seu coração férvido.

la sentar-se na ribanceira para ver a nova enchente do rio que engrossava borbulhando em maretas barrentas. Despejando-se de um jato intumescido, numa escapada de poucos dias, na vertigem do curso impaciente, a correnteza brutal deixava o leito seco e, no arremesso erosivo, levava de presente para terras estranhas tudo o que podia levar.

E Pirunga pensou que a seca devia ser um castigo: o céu negava água ao rio ingrato...

* * *

— Eu vi a onça que você criou. Até inda tem coleira — disse Pirunga a Soledade.

— Mimosa?! Pois eu jurava que ela tinha morrido. Soltei com tanta pena! É capaz de me conhecer.

— Conhece o quê! Conhece nada! A bicha parece que nunca saiu da furna.

— Pirunga, vamos pegá-la?

— Olhe que, quando ela me avistou, levantou a mão, parecia que estava dando adeus; mas, o diabo que receba a unhada!

Soledade tanto fez, que Pirunga resolveu pôr peito a essa aventura. Foram juntos. E Dagoberto, que desaprovava tamanha temeridade, foi atrás...

A onça encolheu-se e ergueu a mão. Estava grande, carrancuda, barbada e com uma perfídia felina nos olhos de emboscada.

Soledade agitou um lenço, correspondendo ao cumprimento feito.

E a fera correu para ela com unhas e dentes. Correu e abraçou-se com Dagoberto que de mais perto procurou defender a amante.

Estrangulou-se um grito de extrema angústia.

E Pirunga não vacilou: salvou, mais uma vez, seu maior inimigo de um perigo mortal.

* * *

Soledade bilrava, molemente, no copiar. Pirunga observava a almofada vermelha crivada de alfinetes como a imagem do seu coração picado de ciúmes.

Dagoberto deitava-lhe a cabeça grisalha nos joelhos e ela passava a extrair-lhe, entre mimalhices e cafunés amorosos, os impertinentes cabelos brancos.

Pirunga sabia que o que se afigurava muito apego nas paixões seródias não passava de zelo assustadiço. Era um amor feito de medos — de não ser amado e de não poder amar.

E ela descaiu a frente. Evocava, numa crise de remorso, a cena de sua perdição.

Como estivesse a banhar-se na cachoeira, pressentira que alguém a espreitava por trás das cajazeiras entrelaçadas de jitirana.

Era o senhor de engenho que, descoberto, avançou e lhe colheu a camisa, toda impregnada do cheiro virgem.

Batendo-lhe nos contornos firmes, a água, que parecia aljofrá-la, acachoava, mudava de ritmo, num jato macio, escapava-se mais devagar, formava poças maliciosas, onde o olho do sol ficava a espiar, de baixo para cima, essa nudez sensacional.

O corpo robusto pompeava na nervosidade das formas soltas, num contraste de profundezas e saliências vertiginosas, no frêmito da carne de mulher estadeada ao ar livre.

Ela pôs-se a gritar, quase a chorar. Atordoada, procurava encobrir com as mãos tiritantes, numa atitude curva de pudicícia, as pomas eretas. Tentava embrulhar-se no jorro branco como num lençol. Vestia-se de espumas diáfanas.

Enfim, deitou a correr. Refugiou pelo capão a dentro, quebrando os gravetos entrançados com os peitos virginais.

Os mamilos desabrochavam numa floração sanguínea em rosas bravas. Ela sangrava, através dos calumbis e de espinheiros novos, como se lhe rebentassem rosas por todo o corpo.

Deviam ser os anuns: ui! ui!

E floriu uma rosa mais rubra na sombra — o amor purpúreo na sua glória inaugural.

O pudor de energia selvagem só se renderia pela volúpia da submissão. Só cederia à investida bestial, à posse, às carreiras, dos instintos animais.

Não fora nada de ninfas nem de faunos; mas um primitivismo pudico — o Brasil brasileiro com mulheres nuas no mato...

Dagoberto mandou chamar Pirunga:

— Diga-lhe que dê um salto aqui.

E mostrou-se generoso:

— Eu preciso melhorá-lo de condição. O engenho está de fogo morto. Você vai tomar conta... Está assentado.

O sertanejo conteve um movimento involuntário:

— Se eu sou demais na minha terra, vou me acabar na bagaceira...

Disse e lembrou-se do juramento: nem matar, nem abandonar...

OS CENTAUROS

Era uma véspera de apartação. Vaquejava-se o gado nos campos comuns.

Dagoberto tomava gosto aos riscos do pastoreio, às grandes corridas temerárias pelos tabuleiros e chavascais da fazenda.

Cavalgava sem garbo, mas com firmeza.

Corisco escarvava o pedrouço, mastigando a brida. Sofreado, a custo, franqueava, dando de cabeça.

Pirunga acercou-se, emparelhou com ele e acariciou-lhe o topete com o chicote.

Parou um instante para ajeitar o barbicacho. E voltou a ladeá-lo, incitando-o a um curto galope.

Enfim, tomando-lhe a dianteira, soltou o grito das costumeiras arrancadas. Arrojou-se na mais desapoderada carreira, curvado sobre a própria sombra: ê-cô-ô!

Dócil a essa voz incitativa, Corisco apontou as orelhas, tomou o freio entre os dentes e lançou-se a correr. Tendo Dagoberto diligenciado pará-lo, curveteou, encabritou-se e dessa altura precipitou-se, atrás, à desfilada, como uma bala. A cada nova tentativa de sustá-lo, cabeceava, ingovernável, sacudindo a baba sangrenta.

Os cavalos elásticos, de pescoços estirados, achatavam-se, arrastavam a barriga nas charnecas, num desabrido voo rasteiro.

Mudavam de cor: ficavam pretos de suor com toalhas de espuma na garupa. E sopravam com resfôlegos de vento forte.

O batuque dos cascos era um barulho de terremoto.

Pirunga sumia-se na vertigem das velocidades fatais, como o vaqueiro voador que leva o cavalo nas pernas.

Embaralhavam-se os dois, de onde em onde, formando com as véstias vermelhas uma visão de demônios alucinados.

Como que encalçavam um fantasma invisível.

Os vaqueiros entreolhavam-se, intrigados:

— Correu doido!

Dagoberto gritava para Pirunga, forcejando por deter o seu corcel infrene:

— Está sonhando?! Correndo atrás de quê?...

Praguejava ameaças e fazia menção de puxar a pistola; mas, o receio de largar as rédeas privava-o desse gesto de salvação.

Era a inversão das hostilidades: a vítima corria atrás do perseguidor.

Quando ia afrouxando o ímpeto, reboava outro grito estimulante: ê-cô-ô!

E disparavam com maior destreza.

Dagoberto ajustava as pernas para não cair e, desse modo, fincava as esporas no vazio do Corisco que redobrava a corrida, molhando o rastro de sangue.

Estalava o capoeirão no fragor dos galhos quebradiços. Na faixa pedregosa os seixos cantavam uma toada seca, saltando como pipocas.

Varavam as sebes; voavam por cima das touceiras de cactos; afundavam-se nos socavões afogados; repontavam, além, num socalco; abeiravam-se dos boqueirões escancarados.

Desapareciam. Só se distinguia a ondulação da catinga. Só se ouvia um chiado de mato flexível.

Os vaqueiros erguiam-se nos estribos, procurando ver a parelha tresloucada.

Atalhavam-na; rodeavam-na. E ela desagarrava dessa direção: desandava, acelerada, ziquezagueando, na fuga mais desordenada.

Seguiam o estrupido de demônios à solta. Rastejavam na esteira de sangue e de suor.

Cessou a estropeada.

Os cavaleiros mais destros riscavam à borda do precipício.

Pirunga tinha a vestia repregada de espinhos, todo ouriçado.

Não premeditara esse desfecho:

— Foi Corisco. Mordeu o freio nos dentes...

O cavalo parecia desforrado, nesse assomo de liberdade, das humilhações da bagaceira.

E ele denunciou na roda dos companheiros a vertigem de suicídio e de vingança:

— Eu jurei que não matava e não matei...

Sobre vinham-lhe dúvidas sobre a quebra do juramento, olhando para os dedos:

— Eu matei?!... Heim?!...

Depois, levantou a mão do defunto:

— Patrão, eu matei?!

Soledade afogou o choro, chamou um dos vaqueiros à parte e entreteve com ele uma longa confidencia.

Quando trouxeram o morto, bifurcado na sela, com as pernas atadas por baixo, os braços pendentes quase com as mãos por terra, bamboleando, a cabeça espedaçada lambendo as crinas assanhadas, quando apareceu no pátio essa visão ridícula, ela muda estava, muda ficou.

MAIS FORTE DO QUE O AMOR

Era uma noite como todas as noites escuras. Noite de verdade.

Um silêncio inquietador, como o sono prolongado de um doente grave, dava a impressão de que o Bondo não despertaria mais. Quietos, quietos.

Só se escutava, a espaços, como a dar horas, o chocalho abafado de alguma rês que cabeceava. Não: ouvia-se também a ruminação do curral que burburinhava na calada da noite retraída.

Senão quando, um tetéu assustadiço — a sentinela insone do pátio das fazendas — desferiu o voo, a gritar: té-téu. Dois estalos, como um foguete.

Pegali correu e voltou sem rosar.

Um vulto branco endireitou para a antiga casa do vaqueiro.

A porta, apenas encostada, como de costume, cedeu a um impulso nervoso.

Era Soledade. Estivera até aí a rebolar-se na cama, de canto a canto, a virar-se como para preencher-lhe o vazio da viuvez.

Acendeu, à entrada, uma vela de carnaúba.

Enfiou até ao quarto de Pirunga e agitou-lhe, sacudidamente, os punhos da rede.

Ele esfregou os olhos, à luz tibia, sem poder acreditar no que estava vendo.

Era o despertar indeciso de quem vivia a sonhar e queria prorrogar as visões noturnas pelas vigílias.

Circunvagou a vista, procurando reconhecer onde estava.

Perturbava-o essa imprevista aparição.

Viria refugiar-se em seu amor? Dar-se-ia o caso que estivesse entrada do terror da morte?

Olhou-a mais, desmesuradamente, sem falar. Depois, cerrou os olhos, como para se certificar de que estava acordado.

Finalmente, encolheu-se na rede e cobriu-se cabeça e tudo, como uma criança com medo.

Virou-se ainda de borco.

Soledade arrancou-lhe o lençol da cara espantada.

Foi aí que ele viu direito. A boca sem a graça do recorte, a testa repregada, os olhos verdes com os maroiços da tempestade íntima, parecia ao pai no lance de resistência à cabroeira do Marzagão.

— Foi você! Se é homem, não negue! — desafiou-o Soledade.

E sacou a pistola do corpete.

Numa agilidade de bote de onça, Pirunga lançou-se sobre ela.

Arrebatou-lhe a arma e jogou-a por cima da parede.

Soledade atirou-se, então, com unhas e dentes.

Era a revivescência de uma raça de heróis bandidos em que os homens defendem a honra e as mulheres o amor.

Pegaram-se em luta corpo a corpo.

As ventas palpitantes acendiam ódios mortais.

Pirunga retraía-se ao embate do seio pétreo que se premia no desforço. Evitava os toques dos bicos agressivos. Tentava desligar-se dessa fúria que derramava na sudação cheirosa seus filtros pecaminosos, como flores que, machucadas, deitam mais perfume.

Estraçoava-se a blusa leve. Desvendava-se, na meia obscuridade, aquela nudação maravilhosa da noite do incêndio.

E, torcendo o rosto, Pirunga tentava derrubar a vela com o pé à banda.

O ar da noite tinha uma impregnação de pereiros florados.

Ouvindo as imprecações, o cachorro cainçava do lado de fora e esfregava as patas na porta.

Violentada com mais força pelas garras brutais, Soledade fraquejava. Esboçou um sorriso conciliador.

E Pirunga foi-lhe à gorja outra vez. Aplicou-lhe os dedos férreos numa hercúlea constrição.

Com os olhos enormes e a face violácea, meio desfalecida, ela asfixiava.

Retomando a posse de si mesmo, ele soltou-lhe a goela arroxeadada.

E achou-lhe graça, vendo-lhe a língua pendente, como um gesto insultuoso.

Mas Soledade inclinava-se sobre seu peito hirsuto. Parecia-lhe que ela ia caindo morta.

Ficou linda, toda viçosa e refluindo na beleza fecundada.

Corou-se muito, num grande frêmito. Luzia-lhe um lume diferente.

Cedia a um abandono envergonhado — um não-querer que se entregava de olhos fechados, como se todo o crime fosse consentir com os olhos. O pudor nas últimas, como o toco de vela derretido.

Maltratada, rendida, a mulher forte sofria a vertigem da submissão. Sorria-se com um sorriso triste, mas convidativo, como agradecendo a insólita revelação de força que a reconciliava com o passado.

Era a oferta do sonho perdido — o amor retrátil que se voltava.

Acabando-se, a vela levantou a chama e iluminou-a.

Ao desalinho da luta, soltara-se-lhe o peito cheio, no amojado dos sete meses.

Pirunga sentiu-lhe o calor do corpo profanado.

Ela tinha a boca em fogo. E ele teve nojo dessa boca que lhe parecia uma ferida aberta, com ressaibos de beijos podres.

Mas o vestido esfrangalhado ia-lhe caindo pelos ombros.

Ao espetáculo dessa nudez, Pirunga estremeceu no frenesi impuro.

Seu primeiro movimento foi deitar a correr, mas faltavam-lhe as pernas.

E, para vencer-se, procurou vencê-la. Tinha medo de si mesmo.

Aferrou-a, de novo, aí com um furor de morte; voltou a esganá-la, enterrando-lhe os dedos possantes na garganta magnífica.

E arremessou-a contra a parede.

Depois, procurou chamá-la a si. Tentou soerguê-la com o braço por baixo da cabeça, dizendo-lhe o nome. Revirou-lhe, supersticiosamente, o sapato emborcado, porque chamava a morte...

Saiu nas pontas dos pés.

Não piou nenhuma ave agoureira, mas o chocalho soou como um dobre.

O arranque dos tetéus parecia uma denúncia.

A caligem pavorosa tinha uma impregnação de mistérios. A noite protetora prometia-lhe guardar segredo e oferecia-se para homiziá-lo.

Um vento alto como que queria apagar as últimas estrelas para que ele fugisse no escuro.

Mas, abriu-se um relâmpago ruivo, como se a treva procurasse reconhecê-lo. E o pico da serra parecia erguer-se mais para vê-lo.

Doendo-lhe o remorso de a ter deixado insepulta, tornou, às apalpadelas, escorregou pelas sombras, eis que ouviu uma praga estrangulada...

E largou a correr.

Poderia bandolear-se com os quadrilheiros que infestavam o sertão. Encontraria os poderosos redutos de impunidade. Mas, uma força estranha empuxava-o, com o sacrifício da liberdade, para um rumo certo.

NA CIDADE VERDE

O dr. Lúcio Marçau viera arrecadar a herança paterna.

Assediava-o a roda da inquisitiva bisbilhotice urbana. E, em troca, contavam-lhe frioleiras íntimas, os podres dos amigos, os nadinhas domésticos da pasmaceira inaturável.

Ele refugia a esse meio social intermediário, à vida sem sabor e mexeriqueira das pequenas cidades, onde a gente se enerva, sem a doçura do campo nem a sedução das capitais, como na intimidade de uma grande família desunida.

Nem Areia, a eugênica, se subtraía a esse espírito miúdo.

— Então, seu pai correu atrás da morte até encontrá-la?... - perguntou-lhe um antigo condiscípulo.

Avizinhava-se, de vez em quando, um sujeitinho ressentido:

— Não conhece mais os pobres...

E ele já tinha a cabeça fora do lugar de cortejar a torto e a direito...

Os mais velhos desfaziam na memória de Pedro Américo:

— Areiense desnaturado!... De sua terra só pintou um galo! O galo que ele pintou não canta aqui...

Volteava o boato medíocre:

— É exato que o prefeito engoliu a dentadura?

— Se engoliu, já botou: há bocadinho estava com ela...

Lúcio despegava a atenção dessas niquices e via a cidade branca toda vestida de verde.

Tudo mudava de cor na paisagem do inverno. Os telhados cobertos de líquens. As fachadas borradas de musgos. Até a torre da matriz parecia uma árvore afogada de trepadeiras.

A manhã longa ainda se espreguiçava na névoa.

De súbito, um sol descorado, que se embuçava na cerração, esgarçou-se e entornou a claridade úmida pela verdura do casario e

das colinas sobranceiras.

Ruas silenciosas como corredores de convento. A cidade só falava pela boca do sino, em dobres e repiques ingênuos, o dia inteiro. As casas sem quintais, espiando o abismo, agarradinhas, como se estivessem com frio ou com medo de cair embaixo.

Lúcio observava o caráter de Areia, sua feição original, diferente dos outros povoados do interior que, maiores ou menores, eram todos iguais. O ar antigo dos sobrados de azulejo dominava as habitações mais novas com uma orgulhosa decadência.

O ambiente preguiçoso não se lhe comunicava ao temperamento árdego e cioso de ação.

A pouco trecho, tudo se alvoroçou, como se a cidade se tivesse descosido da serra, rolando pela fundura do Quebra.

O boato já não cochichava: berrava como um pregão frenético.

Gritava-se de ponta a ponta de rua com muito mais curiosidade em dizer do que em saber.

Lúcio foi levado de roldão.

Era um homem que se entregara à prisão. Confessava ter estrangulado uma mulher, mas não lhe dizia o nome, nem mencionava nenhuma circunstância do crime.

Ele reconheceu Pirunga:

— Foi Soledade? Não foi?

— Matei pra não morrer.

— Porque morrer como ela queria me matar era pior do que morrer de verdade!...

Viera fazer companhia a Valentim.

Temendo ser capturado em outro ponto, palmilhara serras brutas e matas fechadas, numa escapula de muitos meses, como o pior facínora amoitado.

Lúcio promoveu o primeiro encontro, a salvo da curiosidade dos presos, na sala livre.

Ficou à parte. E, enquanto os dois segredavam, testemunhava a tragédia de expressões, como quem assiste a uma cena muda.

De quando em quando, percebia cochichos, a esmo:

— Mas, padrinho, eu jurei sem dizer nada: foi só beijando os dedos! Não jurei que ele não morria! Eu jurei que ele não morria?...

Chegavam outras frases avulsas:

— Eu via a hora de me esbagaçar nas pedras e ele ficar de seu, olhando pra minha derrota!... O vento zoava que nem cachorro na boca da furna...

Transfigurou-se a face encarquilhada do velho, repuxada por um sorriso infernal.

Lúcio apurou o ouvido.

— Eu todo dia pedia a Deus que se quebrasse a jura! Não tinha mais fé de me soltar...

Pirunga desoprimia-se do perjúrio:

— Eu não quebrei... Eu quebrei?! Não foi por gosto...

— Mas é a mesma coisa... Estou de peito lavado!...

E olhavam desconfiados para Lúcio.

Reatou-se o mistério. Falavam-se mais à puridade.

Enfarruscou-se, a súbitas, o rosto de Valentim num esgar intraduzível.

Ele vociferou para toda a cadeia ouvir:

— O quê?! Tá doido!...

Afastou Pirunga num repelão. Levava-lhe a mão convulsa ao ombro e recolhia-a, bruscamente; tinha outro gesto paternal, mas logo se horrorizava dessa condescendência.

— Perdoe, padrinho! Também não foi por gosto, que diga, não foi pra matar!...

E Pirunga apertou a testa com a destra espasmódica.

Era véspera de São João.

A cidade chispava na chuva de limalhas. Jatós de fogo queimavam a bruma do anoitecer. Uma visão de relâmpagos e trovões.

Os rapazes não tinham medo do perigo festivo; o tédio aldeão pesava-lhes nas pernas. Brincavam com as queimaduras. E, se corria algum covarde, a chama corria atrás.

Entrou um busca-pé doido pela grade da prisão escura. Parecia uma chicotada de fogo.

Então, Valentim pegou-o e alumiu com ele a cara de Pirunga.

Repeliu-o com contrariedade:

— Mas, homem, que é isso?!... Você chora porque ficou leso desde 77!...

Depois, passou-lhe o braço à volta do pescoço com uma ternura de fera dolorosa:

— Coitadinha de minha filha! Mas, felizmente, está morta, bem morta... Ela não podia viver assim!...

Deitou a cabeça no ombro do afilhado com uma tristeza satisfeita:

— O que passou passou.

A centelha sinistra do olhar secava-lhe as lágrimas.

Culpava a seca desse desfecho:

— Foi a bagaceira!

Em sua natureza primitiva o instinto de honra e o preconceito da vingança privada suplantavam o próprio amor paterno.

Lúcio estivera todo esse tempo sentado, sereno, blindado da calma reavida. Apenas, batia, de vez em vez, com o pé no ladrilho.

Enfim, aproximou-se de Valentim, que se achava, havia tanto tempo, à espera de julgamento, e beijou-lhe a mão mirrada, como um sapo seco:

— Vou defendê-lo no júri.

— Eu já nem faço conta de me livrar... A gente sai contente da cadeia quando tem o que é seu. O que a seca não levou se perdeu na bagaceira!... — recusou o criminoso.

E, inadvertidamente:

— Não tenho mais o que fazer. Tinha um serviço em mente, mas já está feito...

O JULGAMENTO

O dr. Marçau entrou a orar neste tom:

— O promotor acusou o réu em nome da sociedade e eu acuso a sociedade em nome do réu.

Quem é mais criminoso — o réu que matou um homem ou a sociedade que deixou por culpa sua morrerem milhares de homens?

E, antes de ser réu, ele é vítima da falta de solidariedade da raça.

A seca chegou a aprazar suas irrupções com a lei da periodicidade. Todo o mundo tinha a previsão da catástrofe em datas fatais. E os poderes públicos não a atalharam; não procuraram corrigir os acidentes da natureza incerta que dá muito e tira tudo de uma vez. Essa vitalidade aleatória ficou, até hoje, à espera da intervenção racional que demovesse os obstáculos do seu aproveitamento e fixasse o sertanejo no sertão.

Dispersou-se o povo sedentário e esfacelou-se a família...

— O advogado não pode continuar a atacar os poderes públicos!

— advertiu o presidente do tribunal do júri, com a ajuda da campanha enérgica.

Lúcio abreviou a eloquência forense:

— Eu dou por terminada esta função teatral que avilta a dignidade dos réus, cara a cara, para formar a consciência dos julgamentos espontâneos...

Justiça de... nulidades é a definição da inópia que só enxerga fórmulas no papel selado dos autos, em vez de uma alma encarcerada nestas fórmulas, da mesma maneira que está presa na cadeia. Não sabe que cada processo é uma palpitação da natureza humana.

Atende menos a esse problema moral que à meia-língua das testemunhas.

Justiça falível, és a balança de dois pesos que só não pesam nas consciências! Como eu quisera que fosses cega, de verdade, não pela tua ignorância, mas pela imparcialidade!

O mau juiz é o pior dos homens.

Se o juiz tiver de pecar, seja, pelo menos, humano.. Peque pelo amor que é a liberdade e não pelo ódio que é a injustiça mais grosseira...

Vingue em cada absolvição de um miserável a impunidade dos grandes criminosos!...

(Valentim foi absolvido por perturbação de sentidos e de inteligência... dos jurados.)

SOMBRAS REDIVIVAS

Só pelo nome se reconhecia o antigo Marzagão.

Em vez da monotonia da rotina, vibrava o barulho do progresso mecânico. O silvo das máquinas abafava o grito das cigarras.

Desaparecera o borrão das queimadas na verdura perene. A capoeira imprestável dera lugar à opulência dos campos cultivados — não com a cana tamanhinha, mas de touceiras que se inclinavam, como se estivessem nadando nos maroiços da folhagem ondeada.

Não se viam mais as choças cobertas de palha seca que imprimiam ao sítio um tom de natureza morta. Casitas caiadas exibiam nos telhados vermelhos a cor da lareira acesa da fartura.

O pomar dadivoso esgalhava rente à casa-grande; soprava perfumes de janela a dentro e parecia querer dar frutos na sala de jantar. Era o mercado aberto, a feira livre dos passarinhos e dos pobres.

Esse oásis representava um molde de prosperidade, um modelo de técnica agrícola, o núcleo eficiente contrastando com a organização primitiva.

Os proprietários decadentes explicavam esses valores ativos na área do ramerrão, esfregando os dedos:.

— Faz tudo isso porque casou com filha de usineiro...

A obra de um homem era maior que toda a obra de um povo, O fator espiritual que o vitalizava tinha aparelhado essa transformação.

Lúcio achava o sentido da vida, amando-a; a vida só premiava a quem a amava.

De um pessimismo de quem fecha os olhos para ver tudo escuro, ele, dantes, sofria não ter nenhum sofrimento. O pessimismo que se enrodilha nos corações vazios, como a cobra no pau oco, era uma ideia fixa que supurava. Quisera curar os males d'alma pela dor sem saber que esse processo agia como a medicina dos sinapismos,

abrindo feridas maiores. Sem saber que a dor só é fecunda como uma advertência à cura. E, se purificava, era a purificação do medo.

Andara numa inquietação estéril, com muitas tristezas miúdas de que formara uma grande tristeza.

Agora, sacudia de si essa sensibilidade irrefletida, o espírito artificial das ânsias vagas. Reorganizava a vontade. Arrenegava todas as teorias da dor e do pessimismo.

Só desejava do passado a vida que não vivera.

Nesse esforço de retificação moral, já não queria matar o tempo; quisera, antes, restaurá-lo, criá-lo, desdobrá-lo.

Se chorasse, seria de alegria que é um choro iluminado como chuva com sol. Um milagre encomendado, um fruto que se devia colher antes que caísse podre.

Costumava dizer: Se eu não puder criar a felicidade, criarei a alegria que é a sua imagem.

Seu segredo de otimismo era viver dentro de sua esfera. Situava o ideal da vida no Marzagão. Era o homem mais feliz da terra, sem indagar se além desses limites havia uma ventura maior. Dizia com o orgulho de um pequeno deus: Eu criei o meu mundo.

Não procurava os grandes prazeres que solicitam prazeres maiores até chegarem às desilusões arrependidas.

Antes de ensinar ao filho a falar, ensinava-lhe a rir. Sabia que se ria fácil rir aos outros animais; porém só o homem podia exprimir a alegria pelo riso que é a sonoridade d'alma.

Pretendia dosar o espírito de sua gente com esse sentimento da vida. Modelava as almas simples. Saneava o grau de moralidade de um povo que chegara a ter cachaça no sangue e estopim nos instintos.

Perdoava sem malbaratar o perdão. Tinha a experiência de que o mau humor se ralava a si próprio antes de ralar aos outros.

Os moradores gabavam-lhe a gravidade acolhedora:

— É um patrão dado; dá as horas a gente.

Reconheciam a simplicidade de suas maneiras:

— É um homem sem bondade...

Já não pareciam condenados a trabalhos forçados: assimilavam o interesse da produção. E o senhor de engenho premiava-lhes as iniciativas adquirindo-lhes os produtos a bom preço.

As leis de higiene duplicavam o esforço persistente.

Essa faina não representava, apenas, a satisfação das necessidades imediatas: era uma medida de previdência.

Repousavam, de noite, descansados na consciência de quem não perdeu o dia, porque as energias concretas eram o único meio de prolongar o passado com a permanência de suas aquisições.

Lúcio tinha, sobretudo, a intuição das utilidades, uma inteligência das necessidades positivas, a disciplina da ação. Bases objetivas que não sacrificavam os estímulos d'alma. Era, ao invés, essa espiritualidade bem dirigida que fecundava as suas melhores soluções.

O trabalho tinha outro ritmo com essa orientação da sensibilidade.

Ele modificava o antigo panteísmo. Criava a beleza útil. Só achava encanto na paisagem das grandes culturas. A natureza bruta era infecunda e inestética.

E sentia o grito da terra associada ao homem com toda a sua virgindade.

* * *

Lúcio passeava ao lado da esposa pelas novas alamedas.

E o bambual cumprimentou-os em longas curvaturas. Não contente de cumprimentar, ainda soltava beijos, atritando-se ao vento.

Beijos ou risos. Era a mesma coisa.

Ela acercou-se da grande touça amável. E mulher vê tudo. A inscrição estava meio desfeita pelo atrito das hastes: EDADE CIO.

Tinham desaparecido as primeiras sílabas. Só as últimas permaneciam, com um sentido diverso, indiscretamente, numa denúncia significativa: EDADE CIO ...

Era o passado que revivia na expressão mais suspeita desses dois nomes próprios comidos pelo tempo que, ironicamente, deixara de preservar as letras iniciais: SOL LU.

Também seria o fogo daquela paixão que parecia ter querido consumir-lhe toda a alma de uma vez.

Bendisse o lance emocional do seu desencanto. Fora preciso sofrer uma grande dor para curar todas as dores menores. Tinha sido imunizado por uma mortal decepção: o ridículo, quando não mata, cura. Sentia ainda o ressaibo dessa abençoada desilusão.

E evocava a crise de afetividade, essa hipertrofia romanesca, enojado do amor que transfigurava a mulher em anjos ou demônios que não podem ser amados...

* * *

Quando o Marzagão começou a ser feliz, passou a ser triste.

A alegria civilizava-se. Já não era o povo risão dos sambas bárbaros. Tinham sido abolidos os cocos. E as valsas arrastavam-se, lerdamente, como danças de elefantíases.

Lúcio notava que havia gerado a felicidade, mas suprimira a alegria.

Observava a nova psicologia da ralé redimida. Impaciências vagas. A inspiração dos brios humanos convertia-se na indisciplina do trabalho. A personalidade restaurada era um assomo de rebeldia.

Um dia, tocou o búzio. Lavrava incêndio no canavial. O fogo ainda se ocultava na fumarada para que ninguém o descobrisse. Mas o partido estalava como um foguetório.

Urgia extingui-lo ou impedir-lhe a marcha com aceiros. E cada qual que se retraísse: todos tinham a impressão do perigo; ninguém queria expor-se.

Só Pirunga e Xinane se arrojaram à empresa.

Lúcio lembrou-se, então, da temerária passividade dos moradores na noite em que o açude ameaçava arrombar.

Os que aprendiam a ler na escola rural achavam indigna a labuta agrícola e derivavam para o urbanismo estéril.

A geografia era uma noção de vagabundagem. A higiene o horror à terra impura.

* * *

O ano de 1915 reproduzia os quadros lastimosos da seca.

Eram os mesmos azares do êxodo. A mesma debandada patética.

Lares desmantelados; os sertanejos desarraigados do seu sedentarismo.

Passavam os retirantes dessorados, ocos de fome, cabisbaixos como quem vai contando os passos.

Lúcio sentia gritar-lhe no sangue a solidariedade instintiva da raça.

E organizou a assistência aos mais necessitados.

Abeirou-se, certa vez, uma retirante com o ar de mistério. Trazia um rapazinho pela mão. E recusou a esmola com a fala quebrada:

— Eu só queria saber de quem é este engenho...

— Pois não sabe que é do dr. Lúcio?!

Ela empalideceu como se fosse possível ficar mais branca. E deixou caírem os molambos entrouxados.

Apresentou-se na casa-grande sem falar. E, sem nada perguntar, aguardava a resposta.

Intrigado com esse silêncio, o senhor de engenho indagou:

— Que deseja, mulher?

— Eu por mim nada quero, mas este menino está morrendo de fome...

— Pois vá dar de comer ao seu filho! Não precisava vir a mim.

— Ele tem seu sangue...

Cada vez mais enleado, Lúcio não se acusava de um desses contatos fortuitos, de beijos avulsos que frutificam, do único pecado que deixa o remorso vivo.

E não conteve a repulsa:

— Mulher embusteira, se queres que eu te mate a fome...

— O senhor faz isso porque não é seu filho!...

— Pois, se não é meu filho, que quer que lhe faça?

— Quero que dê o que é dele... Esmola eu pediria aos estranhos...

Chegou Pirunga e quase rasgou os olhos de espanto:

— Credo em cruz!...

Reconhecera Soledade pelos cabelos brancos, como a cabeça polvilhada, no dia do crime de Valentim, pela cinza do borralho.

Explicou-se ainda meio assombrado:

— Eu fazia ela morta porque não dava acordo de si...

Ocorreu-lhe a circunstância da praga ouvida à última hora.

Soledade representava todos os gravames da seca. Não conservara, sequer, aquele acento de beleza murcha da primeira aparição romântica. As olheiras funéreas alastravam-se como a máscara violácea de todo o rosto. Encrespava-se a pele enegrecida nas longas ossaturas. E trazia as faces tão encovadas que parecia ter três bocas.

Examinava tudo com um olhar comprido que alongava o nariz.

Encostou-se, afinal, para não cair. E semelhava uma sombra na parede.

Lúcio compreendeu como a beleza era pérfida.

A lembrança do amor ou é saudade ou remorso. Nesse caso, era vergonha.

Arreponder-se é punir-se a si mesmo.

Ele chamou o rapazinho a si e tomou-lhe o rosto entre as mãos.

Beijou-lhe a testa suja e requeimada.

Depois, apresentou-o à esposa:

— Este é meu irmão.

Mostrou ainda Soledade:

— Essa é... minha prima.

E, a custo, com um grande esforço sobre si:

— É a mãe de meu irmão...

* * *

Lúcio sentou-se debaixo da latada de rainha-do-prado que parecia sangrar ferida pelos próprios espinhos.

E os moradores começaram a juntar-se. Formavam um círculo silencioso em torno dele, como numa amostra de solidariedade consolativa.

Quando chegou o último, Latomia tomou a palavra.

Vinham protestar contra a admissão dos novos retirantes: Soledade e o filho.

Tinham assimilado todas as fórmulas de emancipação:

— O caminho da felicidade que nos ensinastes vai além dos vossos domínios!

Lúcio espiou para baixo e viu a estrada coalhada de sertanejos expulsos de suas plagas pelo clima revoltado.

Voltou-se para a população amotinada:

— A vossa submissão era filha da ignorância e da miséria. Eu vos dei uma consciência e um braço forte para que pudésseis ser livres.

Relanceou a vista pela paisagem do trabalho organizado. Só a terra era dócil e fiel. Só ela se afeiçoara ao seu sonho de bem-estar e de beleza. Só havia ordem nessa nova face da natureza educada por sua sensibilidade construtiva.

E recolheu-se com um travo de criador desiludido:

— Eu criei o meu mundo; mas nem Deus pôde fazer o homem à sua imagem e semelhança...